



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

MARIA PATRÍCIA PEREIRA CAVALCANTI

**WEBQUEST: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA AS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

**MAMANGUAPE
2016**

MARIA PATRÍCIA PEREIRA CAVALCANTI

WEBQUEST: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel

Mamanguape
2016

C376w Cavalcanti, Maria Patrícia Pereira.
Webquest: uma proposta metodológica para as aulas de
língua portuguesa / Maria Patrícia Pereira Cavalcanti.-
Mamanguape-PB, 2016.
123f. : il.
Orientador: João Wandemberg Gonçalves Maciel
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEMM
1. Leitura. 2. Pesquisa. 3. Produção textual. 4. Webquest.

UFPB/BC

CDU: 372.41(043)

MARIA PATRÍCIA PEREIRA CAVALCANTI

WEBQUEST: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação submetida à banca examinadora como requisito para obtenção do título de mestre.

Aprovada em: ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel
Orientador-UFPB/PROFLETRAS

Prof^a Dr^a Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
Examinadora Interna -UFPB/PROFLETRAS

Prof Dr. Henry Poncio Cruz de Oliveira
Examinador Externo-UFPB/PPGCI

Aos meus pais, Antônio e Neves, que sempre foram um exemplo de honestidade, simplicidade e de trabalho, a minha irmã, Jacinta, por seu carinho e ao meu esposo Wandenberg e a minha filha Ana Júlia que compartilharam desse sonho.

Agradecimentos

A Deus que é fonte de toda sabedoria e o senhor do tempo.

À minha família que é sinônimo de perseverança, acolhimento, amor, partilha, honestidade e união.

Ao meu querido e estimado orientador o Professor Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel por suas palavras gentis no meu primeiro dia de aula no PROFLETRAS e por sua paciência e sabedoria na orientação da minha proposta de trabalho.

Aos meus amigos que sempre oraram por mim e pelos meus e que também souberam entender a minha ausência nesses dois anos de estudos.

As minhas diretoras, Cristiane Madruga e Irís Lurdes Almeida Silva, e a minha vice-diretora Maria Severina do Nascimento que sempre se colocaram à disposição para colaborar como a minha proposta de pesquisa.

Aos meus amigos de trabalho das Escolas: Antônia Luna Lisboa e Iracema Soares que sempre demonstraram respeito e carinho pelo meu trabalho.

Aos Professores do PROFLETRAS – O Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel, a Prof.^a Dr^a Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti, a Prof.^a Dr.^a Alvanira Lúcia de Barros, a Prof.^a Carla Alecsandra de Melo Bonifácio, a Prof.^a Dr. Laurênia Souto Sales, a Prof.^a Dr^a Luciane Alves Santos, a Prof.^a Dr^a Roseane Batista Feitosa Nicolau, o Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento e a Prof.^a Dr^a Marluce Pereira da Silva que enriqueceram, por meio de seus conhecimentos, a minha prática e colaboraram para o meu crescimento intelectual.

À Prof^a Dr^a Edilma de Lucena Catanduba e à Prof.^a Dr^a Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti pela disponibilidade de participar da banca de qualificação e que muito contribuíram com suas leituras cuidadosas e pelas valiosas contribuições.

À Prof^a Dr^a Bernardina M^a Juvenal Freire de Oliveira (UFPB/PPGCI) e o Professor Dr. Henry Poncio Cruz de Oliveira (UFPB/PPGCI) que gentilmente aceitaram participar da banca examinadora e muito contribuíram com suas leituras.

Ao Professor José Gaudioso Gomes da Silva que é professor titular da turma do 8º ano H e que gentilmente nos auxiliou no processo de aplicação da proposta.

À turma do Oitavo ano H pela participação efetiva nas aulas práticas de navegação na *Webquest* e por todos os trabalhos realizados de pesquisas.

Aos meus amigos da turma dois do PROFLETRAS - *Campus IV* (UEPB)– Mamanguape, pela partilha de conhecimento e pelas discussões valiosas que contribuíram para o meu crescimento intelectual.

As minhas amigas Leide Jane Duarte e Márcia Ferreira Lisboa que acreditaram e contribuíram com as apresentações inovadoras nas disciplinas estudadas.

A todos aqueles que no decorrer da minha vida acadêmica sempre me motivaram na conquista dos meus sonhos, mestrado e doutorado, e que hoje realizo um e com fé em Deus realizarei o outro.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Ministério da Educação), pelo investimento em um mestrado que pode contribuir para a melhoria da escola pública no nosso país.

Além de todas as pessoas aqui citadas, sou consciente que há muitas outras que colaboraram e contribuíram para o meu crescimento intelectual e, certamente são também responsáveis por eu ter conseguido alcançar este objetivo. Hoje, peço a Deus que as abençoe e lhes conceda Saúde, Paz e Vida.

Meus sentimentos de reconhecimento eterno.

Muito obrigada.

Necessitamos dos educadores tecnológicos, que nos tragam as melhores soluções para cada situação de aprendizagem, que facilitem a comunicação com os alunos, que orientem a confecção dos materiais adequados para cada curso, que humanizem as tecnologias e as mostrem como meio e não como fins. (MORAN 2012, p, 38)

RESUMO

Com a conjuntura contemporânea permeada de aparatos digitais, a escola precisa determinar seu lugar frente à essa propositura de inovações tecnológicas. Diante desse contexto, esta dissertação apresenta resultados de uma intervenção metodológica de pesquisa na internet com alunos do oitavo ano em uma escola municipal situada em Rio Tinto - PB. O presente estudo objetivou desenvolver habilidades de pesquisa, de leitura e de produção textual por meio da proposta metodológica investigativa e direcionada da *webquest*. Para tanto, recorremos às contribuições de Gabriel (2013) nos aspectos que evidenciam a revolução digital na educação, de Lévy (1996, 1999) com abordagens referentes à cibercultura, de Moran (2012) e de Moran, Masetto e Behrens (2013) nas contribuições realizadas sobre a educação e nos desafios postos pelas mudanças advindas com a era digital, de Ribeiro (2012) em referências aos recursos tecnológicos em sala de aula, de Coscarelli e Ribeiro (2014) nas abordagens referentes aos estudos sobre letramento digital, de Santaella (2009) com o enfoque sobre os tipos de leitores, destacando o leitor imersivo, de Xavier (2010) e Coscarelli (2012) com a perspectiva dos estudos sobre o hipertexto, dentre outros. O procedimento investigativo se deu por meio de processos etnográfico e netnográfico, por acreditarmos que os referidos processos contribuíram no que se refere ao estudo da cultura e da situação social no qual estão inseridos os participantes da pesquisa, bem como seu comportamento em ambiente digital. Os resultados apontam para a contribuição no tocante ao letramento digital, uma vez que desenvolve habilidades de leitura e de produção textual utilizando-se do suporte digital, e também para o dinamismo do processo de ensino/aprendizagem por meio das pesquisas orientadas na internet. Nas circunstâncias atuais, vê-se necessária a abordagem dessa temática por ser de grande relevância para o encadeamento social e cultural e por trazer para a discussão o papel das tecnologias digitais na educação.

Palavras-chave: Leitura. Pesquisa. Produção textual. *Webquest*.

ABSTRACT

Thanks to the contemporary environment permeated by digital devices, the school needs to state its place before this proposition of technological innovations. In view of this context, this dissertation presents results of a methodological intervention of Internet research with 8th grade students in a municipal school located in Rio Tinto-PB. The present study aimed to develop research, reading and textual production skills through the webquest's investigative and targeted methodological proposal. In order to do so, we betook Gabriel's contributions (2013) in the aspects that highlight the digital revolution in education, by Lévy (1996, 1999) with approaches regarding cyberculture, by Moran (2012) and by Moran, Masetto and Behrens (2013) and their contribution on education and on the challenges proposed by the changes brought along with the digital era, by Ribeiro (2012) due to the technological resources in the classroom, by Coscarelli and Ribeiro (2014) in the approaches to studies on digital literacy, by Santaella (2009) focusing on the types of readers, highlighting the immersive reader of Xavier (2010) and Coscarelli (2012) with the perspective of hypertext studies, among others. We carried out the investigative procedure through ethnographic and netnographic processes, for we believe that these processes contributed to the study of the culture and the social situation in which the research participants are inserted, as well as their behavior in a digital environment. The results point to the contribution regarding digital literacy – since it develops reading and textual production skills with a digital support – as well as to the dynamism of the teaching / learning process through internet-oriented research. In the current circumstances, it is necessary to approach this theme because it is of great relevance to the social and cultural chaining and to bring the role of digital technologies in education to the discussion.

Keywords: Reading. Search. Textual production. Webquest.

LISTA DE SIGLAS

CPU	UNIDADE CENTRAL DE PROCESSAMENTO (SIGLA INGLESA)
EAD	EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
EMEFALL	ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTONIA LUNA LISBOA
PBLE	PROGRAMA DE BANDA LARGA NAS ESCOLAS
PROINFO	PROGRAMA NACIONAL DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL
PROFLETRAS	PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
TIC	TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
TCLE	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
WQ	WEQUEST

LISTAS DE FIGURAS

FIGURA 1 – <i>Webquest</i> EMEFALL Introdução.....	44
FIGURA 2 – <i>Webquest</i> EMEFALL Tarefa.....	45
FIGURA 3 – <i>Webquest</i> EMEFALL Processo.....	46
FIGURA 4 – <i>Webquest</i> EMEFALL Recurso.....	47
FIGURA 5 – <i>Webquest</i> EMEFALL Conclusão.....	48
FIGURA 6 – Demonstrativo de intersecção quanto a utilização da internet.....	69
FIGURA 7 – WQ Navegando com verbos – página inicial.....	72
FIGURA 8 – Navegando na WQ com verbos – introdução.....	73
FIGURA 9 – Navegando na WQ com verbos – tarefa.....	74
FIGURA 10 – Navegando na WQ com verbos – processo.....	74
FIGURA 11 – Navegando na WQ com verbos – recursos.....	75
FIGURA 12 – Navegando na WQ com verbos – conclusão.....	76
FIGURA 13 – O laboratório de informática depois da reforma.....	77
FIGURA 14 – O laboratório de informática antes da reforma.....	77
FIGURA 15 – Os alunos no laboratório de informática da escola.....	78
FIGURA 16 – 1ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos.....	80
FIGURA 17 – 1ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos.....	81
FIGURA 18 - 1ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos.....	81
FIGURA 19 – 2ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos.....	82
FIGURA 20 - 2ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos.....	82
FIGURA 21 - 2ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos.....	83
FIGURA 22 – Pesquisa /google.....	84
FIGURA 23 – Apresentação do tema para pesquisa.....	87
FIGURA 24 – Primeira amostra de pesquisa.....	88
FIGURA 25 – Segunda amostra de pesquisa.....	89
FIGURA 26 – Página do site de pesquisa.....	90
FIGURA 27 – Sites mais acessados para a pesquisa.....	91

FIGURA 28 – Terceira amostra de pesquisa.....	92
FIGURA 29 – Site utilizado para pesquisa.....	93
FIGURA 30 – Os alunos no laboratório – construção da tarefa.....	95
FIGURA 31 – Os alunos no laboratório – construção da tarefa em grupo.....	96
FIGURA 32 – Amostra do produto final da Webquest EMEFALL Poemas.....	98
FIGURA 33 – Amostra do produto final da Webquest EMEFALL – vida, obras e poemas.....	99
FIGURA 34 – Amostra do resumo final da Webquest EMEFALL – Vida, obras e poemas.....	100
FIGURA 35 – Printscr do site infoescola	101
FIGURA 36 – Opções escolhidas pelos alunos.....	103
FIGURA 37 – Processo/questionário.....	104
FIGURA 38 – Questionário virtual.....	105
FIGURA 39 – 1ª Amostra do questionário virtual – Resposta do aluno	106
FIGURA 40 – 2ª Amostra do questionário virtual – Resposta do aluno.....	106
FIGURA 41 – 3ª Amostra do questionário virtual – Resposta do aluno	107

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Quantidade de alunos por idade.....	62
GRÁFICO 2 – Número de alunos por gênero.....	63
GRÁFICO 3 – Distribuição de aluno por área	64
GRÁFICO 4 – Utilização da internet.....	68

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Trajetória escola.....	65
TABELA 2 – Estudo e tecnologia.....	66

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
	PROBLEMATIZAÇÃO	19
	OBJETIVOS	20
	JUSTIFICATIVA	21
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1	As influências das TIC no contexto social e escolar.....	22
2.2	Recursos digitais metodológicos.....	29
2.3	A educação e seus desafios tecnológicos.....	31
2.4	<i>Webquest</i> : recurso metodológico de pesquisa.....	34
2.4.1	Classificação e estrutura da WQ.....	41
2.4.2	Propositura da <i>Webquest</i> e o hipertexto digital.....	42
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
3.1	A observação.....	52
3.2	O perfil do aluno participante do estudo.....	52
3.3	Apresentação e aplicação da proposta.....	53
3.4	Socializando os resultados.....	53
3.5	Análises dos resultados obtidos.....	54
4	EXPERIENCIANDO A REALIDADE.....	55
4.1	O primeiro encontro com a direção e a equipe pedagógica da escola	55
4.2	O primeiro encontro com os alunos.....	57
4.3	As observações das aulas.....	59
4.4	O questionário de pesquisa sobre a relação aluno-escola-tecnologia.....	60
4.5	O experimento e a mudança de direção.....	69
4.5.1	As aulas prática com a WQ navegandocomverbos.....	75
4.5.2	Práticas em sala.....	78
4.6	Trabalhando com a WQ EMEFALL – De volta ao pensamento inicial.....	85
4.6.1	A pesquisa – uma amostragem sob a perspectiva do aluno.....	86
4.6.2	Análise e discussão da aplicação WQ EMEFALL.....	93
4.7	As pedras da navegação.....	101
4.8	As marcas da navegação com a WQ.....	103
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108

REFERÊNCIA.....111

APÊNDICE.....113

Apêndice A.....113

Apêndice B.....114

Apêndice C.....115

Apêndice D.....118

Apêndice E.....120

Apêndice F.....122

ANEXOS 123

1 INTRODUÇÃO

Pretendemos, nesse capítulo introdutório, fornecer ao leitor as informações orientadoras sobre a pesquisa do nosso trabalho no que se refere ao objeto de estudo situado em seu contexto social, assim como um breve resumo sobre os capítulos desenvolvidos.

Atualmente, estamos passando por transformações que nos encaminham a paradigmas de inovações e a avanços tecnológicos nunca vistos em nossa sociedade. Tal contexto exige do cidadão, enquanto ser social, uma adequação de conduta frente aos recursos tecnológicos, seja no que se refere ao domínio das informações técnicas ou no que se refere à sua forma de utilização.

A conjuntura contemporânea, permeada pelos aparatos digitais, requer de todos nós uma postura de aprendizagem frente aos usos dessas novas ferramentas nos mais variados setores sociais, assim também como nas mais variadas situações de nosso cotidiano, seja na utilização de uma senha para um atendimento, diante dos caixas eletrônicos ou até mesmo na utilização de um aparelho celular. Tudo isso exige uma ação integradora da sociedade e da escola por uma aprendizagem mediada pelas tecnologias digitais contemporâneas, que exigem dos seus usuários novas habilidades, ora cognominadas de letramentos e, dentre esses, destacamos o letramento digital, que acontece de forma sistemática ou de forma assistemática.

Nesse contexto de letramento digital, a escola tem papel fundamental no desenvolvimento de ações norteadoras de ensinamentos sistemáticos dos usos das Tecnologias de Informação e Comunicação, doravante TIC, assim como dos recursos tecnológicos que nos são apresentados mediante as grandes quantidades de aplicativos, jogos e ferramentas que surgiram e que são disponibilizados por meio da internet, e que podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

O presente trabalho foi desenvolvido em capítulos que se complementam no decorrer da efetivação da proposta. Em princípio, apresentamos as considerações iniciais com a caracterização técnica da nossa proposta, incluindo objeto de estudo, objetivos e justificativas. Na continuação, temos o capítulo que é regido pela revisão bibliográfica, com o estado da arte, e as abordagens temáticas que objetivam a organização textual, permitindo que o leitor possa se situar dentro da proposta.

Dentro das abordagens teóricas que são apresentadas no trabalho, especificamente no segundo capítulo, há uma ênfase nas temáticas: as influências das TIC no contexto social e escolar. Nesse primeiro momento, apresentamos uma contextualização das TIC e sua ação influenciadora na vida social e escolar. Nesse processo de discussão, damos, também, ênfase à temática sobre as diferentes gerações que convivem com a tecnologia e seu impacto na escola. A abordagem sobre Recursos Digitais Metodológicos é o que propicia a continuidade do desenvolvimento da proposta percorrendo sobre a importância desses recursos no processo de ensino e de aprendizagem. Sabedores das dificuldades enfrentadas na escola para a utilização desses recursos digitais, apresentamos nossa terceira abordagem: a educação e seus desafios frente aos recursos tecnológicos. Convém ressaltar que nesse tema enfatizamos o Letramento digital, que é fator primordial para a discussão da nossa propositura. E em nossa quarta abordagem temos a *Webquest*, que é considerada uma ferramenta de aprendizagem que envolve pesquisa e leitura na internet e que possui uma ênfase no que se refere à aprendizagem colaborativa como metodologia de ensino.

No terceiro momento, damos continuidade com a construção da proposta por meio da apresentação da metodologia.

No *continuum*, apresentamos a aplicabilidade da proposta com suas devidas análises. Convém ressaltar, neste momento, que sendo a *Webquest* o nosso objeto de estudo, toda parte da pesquisa é voltada a sua aplicabilidade como metodologia de ensino em pesquisa investigativa e orientada na internet, especificamente na área de Língua Portuguesa.

E por fim, apresentamos as considerações finais com a discussão dos dados coletados e a análise de toda pesquisa investigativa que se realizou no decorrer da aplicabilidade da proposta do presente trabalho.

Convém ressaltar que o trabalho foi desenvolvido com alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade de Rio Tinto – Paraíba. A nossa motivação para a escolha foi por acreditar que os alunos dessa faixa etária, em sua maioria, já tiveram a oportunidade de navegar pela internet e muitos já a utilizaram com o objetivo de fazer pesquisas quando solicitadas por docentes nas mais variadas disciplinas e que essa experiência com o ciberespaço será tida como um motivador para a descoberta de competências de pesquisa na internet.

O estudo se pautou a princípio para sua fundamentação nas teorias de Gabriel (2013), precisamente nos aspectos que evidenciam a revolução digital na educação e o papel do professor na era digital e seus desafios, em Lévy (1996, 1999) com abordagens referentes à cibercultura, à aprendizagem coletiva e o novo papel dos professores. Aportamos também em Moran (2012) e Moran, Masetto e Behrens (2013) nas contribuições realizadas sobre a educação e nos desafios postos pelas mudanças advindas com a era digital e, também, de seus posicionamentos no que se refere à mediação pedagógica das tecnologias em sala de aula. No percurso do nosso trabalho, ancoramos também a nossa propositura em Ribeiro (2012) sobre os recursos tecnológicos em sala de aula e em Coscarelli e Ribeiro (2014) que trazem abordagens referentes aos estudos sobre letramento digital. A nossa pesquisa obteve a colaboração dos estudos de Santaella (2009) com o enfoque sobre os tipos de leitores, destacando o leitor imersivo. Complementam a nossa fundamentação Xavier (2010) e Coscarelli (2012) com a perspectiva dos estudos sobre o hipertexto.

Quanto à metodologia, apropriamo-nos dos processos etnográficos e netnográficos por acreditar que esses contribuem no que se refere ao estudo da cultura e do contexto social no qual estão inseridos os participantes da pesquisa, assim como seus valores e experiências, e estes porque atualmente faz-se necessário o estudo referente ao comportamento humano mediado por computadores e pela cibercultura. A escolha por esses procedimentos metodológicos, visa compreender a postura comportamental dos participantes da pesquisa dentro da realidade vivenciada no momento histórico em que a internet é um divisor de águas nos aspectos históricos, sociais e econômicos.

As considerações postas neste estudo trazem ainda a intermediação de pontos relevantes como a problematização, os objetivos e a justificativa que são apresentados em seguida, objetivando clareza nas ações que foram desenvolvidas, delimitação no campo de estudo e a importância dessa proposta para a contribuição de discussões socioeducativas.

Problematização

Mediante as investigações e aprofundamentos realizados preliminarmente por meios das referências sobre a proposta de trabalho utilizando a WQ como recurso

metodológico de pesquisa na internet, surgem alguns pontos relevantes para esta pesquisa:

- Como recurso tecnológico, a WQ contribuirá com o letramento digital dos alunos, no tocante à pesquisa, à leitura e à produção de gêneros textuais no mundo digital?
- A WQ, vista como recurso metodológico, poderá contribuir para dinamizar o processo de ensino e de aprendizagem?
- A WQ, como intermediadora de pesquisas orientadas na internet, poderá contribuir com o conhecimento do aluno no que se refere ao direcionamento de sua pesquisa para se chegar a um resultado profícuo?

Objetivos

Intencionamos como objetivo geral de nossa asserção de trabalho desenvolver habilidades de pesquisa, de leitura e de produção textual por meio da proposta metodológica investigativa e direcionada da *webquest*.

De forma mais específicas objetivamos conhecer as estratégias de pesquisas utilizadas pelos alunos, assim como, apresentar a WQ para os discentes, orientando-lhes acerca da utilização do processo de pesquisa direcionado na rede por meio desse recurso metodológico. Além dos que já foram citados, podemos ainda adir também como objetivos específicos: utilizar-se da WQ como procedimento metodológico na ministração de aulas na disciplina Língua Portuguesa; propiciar a interação em grupo para o desenvolvimento das atividades propostas na WQ, promovendo a aprendizagem colaborativa, assim como transformar as informações contidas na WQ em conhecimento aplicável para o contexto escolar.

Somos sabedores de que precisamos começar a navegação para que possamos alcançar os objetivos propostos de forma que produza substancialmente resultados transformadores para a realidade vivenciada em nossas escolas.

Justificativa

A proposta deste trabalho se justifica mediante a três aspectos que julgamos ser de igual importância. Em seu primeiro aspecto, justifica-se por ter um caráter valorativo para o ambiente educacional e que o mesmo tenha conhecimento sobre as TIC e seus recursos metodológicos, os quais podem ser utilizados como fonte de metodologia nas aulas de Língua Portuguesa, assim como em outras áreas do conhecimento. Dessa forma, esses recursos podem contribuir para o desenvolvimento de uma prática voltada ao letramento digital de forma sistemática, ampliando a visão escolar sobre os possíveis usos dos recursos metodológicos digitais, demonstrando sua importância no desenvolvimento do aluno, enquanto ser social, que tem necessidades de aprender de forma organizada as possibilidades de uso da internet.

No segundo aspecto, justifica-se por ter um caráter de contribuição pessoal de aprendizagem, porque oportuniza ao aluno a experiência de navegar na internet e utilizar seus recursos de forma orientada, principalmente no que se refere à pesquisa na internet, contribuindo, desta forma, para a ampliação de sua formação, visando uma aprendizagem mais significativa baseada na construção do conhecimento do conhecimento intermediada pela aprendizagem colaborativa.

Em seu terceiro aspecto, a presente proposta se justifica por ter sua relevância no âmbito social e ser uma forma de inclusão social e digital dos alunos por meio do conhecimento de uma metodologia digital intermediada pela WQ. É de fundamental importância ter a consciência de que os alunos que trabalharem com essa metodologia terão que exercer um papel ativo no processo de aprendizagem, assim como uma prática de interação de grupo, valores que serão exigidos em sua vida social e profissional.

Mediante o exposto, acreditamos que a escola tem papel fundamental, que é o de promover a inclusão social e digital, assim como a desmistificação do uso da tecnologia por meio dos suportes e das ferramentas disponibilizadas, principalmente da internet que é uma fonte de possibilidades para pesquisas, mas que se tornará um campo confuso e de poucas possibilidades, caso não seja indicado o caminho que precisa ser percorrido. Para tanto, é fundamental que a comunidade escolar possa assumir, de forma comprometida, a condição de mediadora entre os quatro elementos que julgamos fundamentais para o estudo em tela: o aluno, o professor, os

recursos tecnológicos e a aprendizagem, sendo esse último considerado o resultado da interação dos três primeiros elementos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É preciso, para darmos a continuidade da proposta, que apresentemos a fundamentação teórica com o objetivo de situar o trabalho no que se refere aos principais pontos temáticos a serem abordados, promovendo assim, um direcionamento das nossas discussões e posicionamentos.

2.1 As influências das TIC no contexto social e escolar

É muito importante que não negligenciemos a influência à qual estamos expostos das mais variadas formas de transformações tecnológicas tais como: tv digital, celulares, *Iphone*, *tablets*, *notebooks*, computadores e os *gadgets* e nem tão pouco queiramos negar a potencialidade dessas ferramentas em nosso cotidiano, haja vista a dependência, enquanto sociedade, que temos dessas tecnologias. Estamos, na verdade, em um emaranhado tecnológico. É um entrelaçamento de mundos, o material e o artificial, a que o próprio Lévy (1999, p.22) faz referência, dizendo:

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial – das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam.

As tecnologias digitais que foram e que serão produzidas mediante as ideias humanas, têm contribuído com novas formas de informação e de comunicação, mas como será que tudo aconteceu? De acordo com Lévy (1999) no ano de 1945 o uso de computadores era restrito aos militares, a partir dos anos 60, houve uma disseminação para o uso civil, no entanto, foi a partir dos anos 70 aos anos 90 que houve uma verdadeira expansão do uso do computador, passando a ser comercializado e utilizado nos mais variados setores da sociedade. O crescimento rápido do número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede, assim como, a invenção do

computador pessoal foram determinantes para a consolidação e a estruturação da tecnologia digital.

A estruturação da tecnologia digital permitiu a criação de novos ambientes de interação social e também novas formas de conceber a informação e o conhecimento como assegura Lévy (1999, p.32) afirmando que:

As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento.

A percepção que temos é que esse mercado da informação e do conhecimento foi constituído e que diariamente está sendo atualizado por meio de dispositivos, aplicativos e aparatos tecnológicos que nos conectam com o outro e com o mundo. E nesse processo tecnológico, a comunicação passou a ser instantânea, assim como a informação. Há, a todo momento, uma necessidade do imediatismo da interação. Somos convidados a nos manter conectados interagindo com o meio virtual. Estar conectado, nos dias atuais, é sinônimo de fazer parte de um grupo, ou de até mesmo diversos grupos, ser socialmente aceito, ter páginas e contas na internet, está plugado nos diferentes aplicativos, conviver com as diversas mídias digitais, ser parte de um mundo, mesmo que virtual.

A tecnologia digital passou a ser considerada algo indispensável na vida social, poderíamos até vislumbrar um horizonte em que de forma utópica e poética pudéssemos imaginar uma vida sem ter a presença da tecnologia digital, mas tal pensamento nos remeteria às grandes contradições, pois o que temos atualmente é uma veloz modificação tecnológica sem precedentes na história da humanidade como afirma Gabriel (2013, p.3):

Os impactos das tecnologias digitais em nossa vida são sem precedentes na história da humanidade, pois diferentemente de qualquer outra revolução tecnológica do passado, a atual tem causado uma modificação acentuada da velocidade da informação e desenvolvimento tecnológico, acelerando em um ritmo vertiginoso o ambiente em que vivemos.

É perceptível aos nossos olhos que todos os setores da sociedade têm sofrido as influências dessa velocidade de informação nunca vista em outros tempos, e tudo

isso traz um resultado impactante e direto na vida daqueles que estão inseridos nesse contexto tecnológico desde as nossas convivências pessoais até as profissionais.

Atualmente é comum, por exemplo, ver pessoas que não precisam sair de casa para trabalhar, o trabalho é feito de casa para a empresa. É comum, também, ver entidades e professores que se utilizam da rede mundial de computadores para intermediar o processo de ensino e de aprendizagem, como exemplos, podemos citar as universidades virtuais e os centros universitários que oferecem diversos cursos utilizando a rede para a modalidade de ensino denominada de Educação à Distância – EaD - Temos ainda, no setor financeiro, as transações bancárias que tomaram um novo rumo com o surgimento da internet. Mas, diante do que foi dito podemos estar pensando: será que todas as mudanças são boas? Para responder a esse questionamento nos apropriamos da fala de Lévy (1999, p. 26), ao asseverar que:

Uma técnica não é nem boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus “impactos”, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela. (Grifo do autor)

Na continuação desse pensamento de que não há neutralidade nas tecnologias, o pensamento de Gabriel (2013, p. 9) vai corroborar com o pensamento de Lévy (1999) quando diz que “nenhuma tecnologia é neutra, sendo certo que elas sempre afetam a humanidade em algum grau. Elas nos beneficiam de algumas formas e, de outras, nos prejudicam”.

Percebemos que essas mudanças ocorridas no ambiente tecnológico são consideradas irreversíveis e estão contribuindo para a formação de uma geração que possui marcas comportamentais bem distintas e que possui interesses peculiares de seu tempo. Uma geração que nasceu e está crescendo conectada com as diferentes gerações de *smartphones*, *Ip hones*, jogos e filmes de realidades virtuais. São com os jovens dessa geração que trabalhamos com a aplicação da nossa proposta de trabalho por acreditar que a tecnologia digital, tão presente na vida deles, poderá contribuir para diminuir a lacuna entre a escola, o professor e a aprendizagem.

As tecnologias digitais associadas às mudanças comportamentais sociais, que são específicas dessa geração considerada nativa-digital, têm afetado diretamente a

escola por meio das posturas que se mostram um tanto avessas às metodologias mais tradicionais do sistema de ensino. A esse respeito Gabriel (2013) diz que o entendimento das principais transformações comportamentais ocorridas de uma geração para a outra é imprescindível para diminuir as tensões entre as gerações, por essa razão é importante que a escola, que é o lugar que congrega gerações de épocas distintas, possa trazer à discussão temas pertinentes principalmente no que diz respeito à relação de professor e aluno. Podemos, ainda, acrescentar ao teor dessa discussão um agravante que poderá intensificar a tensão entre as gerações que é o crescente uso da tecnologia pelos jovens e sobre esse aspecto Gabriel (2013, p. 86) posiciona-se dizendo:

No entanto, se a tensão entre gerações não é novidade, a disseminação tecnológica na vida dos jovens nas duas últimas décadas agrava ainda mais o cenário. Nas gerações anteriores, o ritmo de inovação era mais lento, e os jovens normalmente aprendiam com o conhecimento e a experiência dos mais velhos. A transição entre gerações no mercado de trabalho acontecia de forma mais gradativa e lenta. No entanto, nas duas últimas décadas, conforme as tecnologias de ponta passaram a se tornar disponíveis para jovens cada vez com menos idade, o processo de transição entre gerações se modificou bastante, acentuando diferenças.

Fazendo uma comparação entre esse pensamento de Gabriel (2013) e a realidade vivenciada no cenário das nossas escolas, chegamos à conclusão de que temos um contexto inquestionável de diferenças. Há uma quantidade de características distintas, tanto de alunos quanto de professores, que precisa ser potencializada em um dado momento, e em outro, atenuada, para que o processo de ensino e de aprendizagem seja rico e propício à convivência das diferenças, convergindo para o mesmo propósito que é o desenvolvimento de potencialidades de aprendizagem. Sobre essa temática, Gabriel (2013, p.87), ressalta que:

Considerando-se que muitas vezes os professores e profissionais da área de educação são de gerações analógicas (X e *baby boomers*) e que os estudantes são de gerações digitais (Y e Z), existe a necessidade de que os educadores conheçam as características predominantes dessas gerações digitais para poderem desenvolver processos educacionais que sejam adequados a elas em função de seus comportamentos, interesses, equipamentos que utilizam, modo como aprendem e a maneira como se relacionam com os outros e com o mundo.

Partindo do posicionamento da autora, começamos a perceber o papel importante que a escola tem, a escola, na verdade, é o lugar que congrega em seu cotidiano a convivência dessas diferentes gerações e para tanto, faz-se necessário que haja uma adaptação no que diz respeito:

- À estrutura física do ambiente escolar com salas de aulas em que possam ser usadas a internet;
- Aos estudos referentes às metodologias e aos recursos das aulas com conteúdos que necessitam de aparatos tecnológicos;
- À estrutura de preparação de docentes e discentes para utilizar as tecnologias digitais contemporâneas com destreza.

É imprescindível que sempre haja uma preparação de todo o ambiente escolar para o trabalho com a vertente digital, caso contrário, o trabalho não terá o êxito esperado, porque, em muitos momentos, não foram determinados os objetivos e não ficou claro para os partícipes da ação qual o caminho a ser trilhado, então, nesse caso, mediante a esse pensamento, poderíamos nos questionar se a tecnologia é um ônus ou é um bônus para a educação. Referente a essa temática de ser ônus ou bônus para a educação Gabriel (2013, p. 12) expõe que:

[...] as novas tecnologias tanto podem auxiliar como atrapalhar nos processos educacionais. A sua mera presença em si não é uma vantagem, mas o seu uso apropriado o é. Por exemplo, o fato de uma escola ou universidade possuir laboratórios não torna a educação melhor ou pior, o que vai determinar a qualidade da educação é como esse laboratório é usado por alunos e professores. Na mesma linha de raciocínio, o fato dos estudantes terem *tablets* e acessarem durante as aulas pode tanto ser positivo quanto negativo dependendo do tipo e do objetivo de acesso à internet e de sua relação com os conteúdos educacionais da aula.

Diante desse posicionamento, mais uma vez retomamos o pensamento de Levy (1999) de que não há a neutralidade quando falamos de tecnologias, a eficácia se dará mediante as escolhas metodológicas direcionadas por objetivos claros e embasadas pelos conteúdos programáticos. É importante dizer que todos esses elementos são orquestrados pelo professor que desenvolverá um papel decisivo de mediador de conhecimento.

As inserções das TIC no meio social têm contribuído para aumentar nas escolas discussões a respeito da adequação da proposta pedagógica da escola no que se refere à contemplação de ações e projetos que trabalhem com o dinamismo tecnológico exigido socialmente para poder inserir o aluno no mundo das tecnologias de forma didática. Sobre essa temática Moran (2012, p. 31) assevera:

Com as tecnologias atuais, a escola pode transformar-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas, presenciais e digitais, que motivem os alunos a aprender ativamente, a pesquisar o tempo todo, a serem proativos, a saber tomar iniciativas e interagir.

Apropriando-nos do posicionamento de Moran (2012), observamos que a escola tem a possibilidade de transforma-se em um lugar propício para as experiências com aulas no ciberespaço por ser um ambiente que, em sua constituição, trabalha didaticamente com planos sistemáticos de formação de alunos e que objetiva prepará-los para a vivência pessoal e social.

A respeito do ciberespaço, Lévy (1999, p. 29) certifica que:

O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva. É assim, por exemplo, que os organismos de formação profissional ou de ensino a distância desenvolvem sistemas de aprendizagem cooperativa em rede.

Consoante às colocações postas, podemos nos aprofundar nessa discussão tomando como base o contexto de transformações em que o aluno está inserido. O aluno é parte integrante desse processo de transformação tecnológica, é considerado usuário nativo das mais variadas formas de interação virtual e que também é classificado como geração Z de acordo com Gabriel (2013, p. 86) “nascidos a partir do início da década de 2000 – também conhecida como *iGeneration*”. É esse aluno que está integrado a um ambiente educacional que ainda ignora, reprime e que muitas vezes fica apenas na superficialidade das discussões sobre o uso das TICs e que não consegue enxergar a colaboração que as tecnologias podem oferecer ao processo educativo.

Fazendo um contraponto entre a postura do aluno com ambiente escolar, temos uma visão de que o ensino presencial, para muitos, não é tão convidativo. Tornou-se desinteressante aos olhos de boa parte dos alunos e as próprias metodologias utilizadas pelos professores não despertam no alunado a atenção para que haja sua

participação efetiva nas atividades propostas. Sobre esses aspectos Moran (2012, p. 8) nos diz que “milhões de alunos estão engessados, padronizados, repetitivos, monótonos, previsíveis, asfixiantes.” Desta forma, temos como resultado alunos que estão cada vez mais inquietos, que apresentam índices insatisfatórios nos exames nacionais de avaliação e uma porcentagem considerável de reprovação.

É comum ver alunos utilizando os aparatos tecnológicos durante as aulas. Tal atitude é um motivador para discussões em reuniões de pais e mestres. Temos também a Lei Nº 8.949, de 03 de novembro de 2009, que dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular nas escolas da rede pública e privada do Estado da Paraíba, o que tem provocado uma série de debates sobre o tema. Há posicionamentos contrários e favoráveis.

Convém, também, salientar que as nossas escolas, por sua vez, com seus espaços físicos, já não detêm a atenção de seus alunos, porque eles conseguiram ampliar seus limites de mundo e também perceberam que a escola não é o único lugar de aprendizagem. A figura do professor, nesse contexto, passa a não ser tão reconhecida em sua função de transmitir o conhecimento, e a própria aprendizagem se torna pouco eficiente mediante a todos esses pontos que foram postos porque não consegue atingir seus objetivos.

O uso das TIC nos permite uma visão sobre os recursos que podemos utilizar para ampliar as possibilidades de manuseio que facilitam a vida, como diz Moran (2013, p.89) “as tecnologias caminham para a convergência, a integração, a mobilidade e a multifuncionalidade”. Atualmente, podemos, por meio de um único aparelho, ir ao banco, fazer pesquisas, bater papo, assistir a um filme, entre outras atividades que podem ser realizadas mediante a alguns comandos em um único dispositivo.

As TIC contribuem com o acesso à informação viabilizando a comunicação entre os participantes do processo, diminuem as distâncias e também permitem a interação com o mundo virtual de forma a torná-lo, para quem acessa, democrático e comunitário. De acordo com Moran (2013, p. 11), “o avanço do mundo digital traz inúmeras possibilidades, ao mesmo tempo que deixa perplexa as instituições sobre o que manter, o que alterar, o que adotar”, por isso é que as nossas escolas precisam trazer para o debate as questões sobre as tecnologias e definir o caminho que precisa ser trilhado, os objetivos e os métodos para realizar o trabalho. É possível, que mesmo mediante de toda essa adequação, não tenhamos o resultado que desejamos porque

quando falamos de educação não há receita milagrosa, no entanto, é preciso definir e integrar-se às novas propostas de ensino.

Por ainda não possuírem essa percepção de possibilidades ou até mesmo por estarem se baseando na Lei Nº 8.949 é que algumas escolas têm se distanciado do uso das tecnologias e proibido o uso de celulares, provocando, desta forma, um entrave entre aqueles que se posicionam a favor e aqueles que são contrários à proibição, mas é preciso que sempre tenhamos o pensamento de que não é a tecnologia que irá resolver todos os problemas na educação, mas poderá trazer uma vertente que pode contribuir de forma eficiente para o processo. A esse respeito, Moran (2013, p. 13) afirma que:

Muitos correm atrás de receitas milagrosas para mudar a educação. Se fossem simples, já as teríamos encontrado há tempo. Educar é, simultaneamente, fácil e difícil, simples e complexo. [...] Só que as tecnologias móveis, que chegam às mãos de alunos e professores, trazem desafios imensos de como organizar esses processos de forma interessante, atraente e eficiente dentro e fora da sala de aula, aproveitando o melhor de cada ambiente, presencial e digital.

Enquanto os debates continuam sendo travados em referência aos usos possíveis das TIC e dos recursos metodológicos que surgiram também por meio da internet, apropriamo-nos do posicionamento de que toda essa inovação pode ser aproveitada para o desenvolvimento de habilidades e que podem colaborar com o ensino e a aprendizagem dos alunos.

Convém dizer que esses alunos fazem parte de uma geração que teve a oportunidade de ver e até de participar das inovações tecnológicas, da socialização e da expansão da própria internet e das redes sociais. Podemos estar nos perguntando sobre a escola, que por sua vez, precisa buscar a sua contemporaneidade e sua inclusão no meio virtual, rever os posicionamentos e se colocar como intermediadora na discussão sobre o uso metodológico das tecnologias digitais.

2.2 Recursos digitais metodológicos

Até meados do século XX, antes do surgimento da internet e da era tecnológica digital, tínhamos um padrão de vida cujas mudanças se apresentavam em um ritmo mais lento, as transformações se davam em um panorama mais alargado de tempo.

Esses fatores sempre trouxeram suas contribuições para a sociedade. Víamos o seu desmembramento em todas as áreas sociais e atualmente temos sentido, de forma mais acelerada, os efeitos da tecnologia digital na sociedade. Nesse sentido, Gabriel (2013, p. 3) diz que “quando uma revolução tecnológica acontece, ela recria a realidade e transforma o impossível em possível”.

Vivemos em um processo constante de transformações, que aqui, especificamente, referimos às transformações de cunho tecno-comunicativo, que têm influenciado nos aspectos sensoriais, perceptivos e cognitivos de toda sociedade, na medida que acontecem, fazem surgir habilidades e instrumentos que interferem nos modos de agir e de pensar das pessoas, trazendo consequências em suas vidas. Essas consequências podem ser vistas no âmbito social, econômico e educacional.

É comum perceber as influências dos usos dos aparatos tecnológicos digitais nas vidas das pessoas, seja na questão do uso propriamente dito, seja na questão cultural ou até mesmo na linguagem.

Segundo Lévy (1996, p. 98):

Indiretamente, os carros, os aviões ou as redes de computadores (por exemplo) modificam profundamente nossa relação com o mundo, e em particular nossas relações com o espaço e o tempo, de tal modo que se torna impossível decidir se eles transformam o mundo ou nossa maneira de percebê-lo.

É tão perceptível essa mudança de concepção de tempo e de espaço que vemos hoje a praticidade das comunicações e dos meios de transportes que têm encurtado distâncias, interferindo, assim, na nossa percepção de espaço-tempo.

É baseada nessa percepção de mundo que temos o surgimento de recursos digitais que vêm trazendo olhares diferenciados para o processo de ensino e de aprendizagem com abordagens em diversas áreas do conhecimento. Moran (2012, p. 94) traz sua contribuição falando que “com a internet, as redes de comunicação em tempo real, a TV digital e o celular, surgem novos espaços e tempos no processo de ensino e aprendizagem, que modificam e ampliam o que fazíamos na sala de aula”. Podemos dizer também que surgem possibilidades de ampliação de metodologias que podem contribuir para o desenvolvimento da inteligência se levarmos em consideração as influências que o ambiente social pode trazer no que se refere às linguagens. Referindo a esse ponto, Lévy (1996, p.99) profere que:

Cada indivíduo humano possui um cérebro particular, que se desenvolveu, a grosso modo, sobre o mesmo modelo que o dos outros membros de sua espécie. Pela biologia, nossas inteligências são individuais e semelhantes (embora não idênticas). Pela cultura, em troca, nossa inteligência é altamente variável e coletiva. Com efeito, a dimensão social da inteligência está intimamente ligada às linguagens, às técnicas e às instituições, notoriamente diferente conforme os lugares e as épocas.

Há, na atualidade, uma diversidade de recursos digitais que são frutos da cultura digital trazendo formas de linguagens e meios metodológicos que objetivam a interação professor, aluno e conteúdo de forma dinâmica e que são utilizados para intermediar o processo de aprendizagem e promover variadas possibilidades de ensino. Como exemplos desses recursos, podemos citar os objetos de aprendizagens, aplicativos destinados à aprendizagem, as vídeo-aulas que estão disponíveis nos canais do *Youtube*, os jogos digitais que segundo Moran (2013, p. 33), “estarão cada vez mais presentes nesta geração como atividades essenciais de aprendizagem”.

Observemos que os professores possuem os mais variados recursos digitais para serem trabalhados com seus alunos em todas as áreas do conhecimento, no entanto, atualmente, esses recursos são vistos como um desafio na educação por diversos fatores dos quais podemos citar alguns como: o desconhecimento desses recursos, a falta de estrutura das nossas escolas no que se refere à adequação de salas específicas para se trabalhar, à capacitação do professor e à própria motivação em trazer esses novos olhares para a educação.

Percebemos que há um caminho desafiador a ser percorrido pela educação e por aqueles que querem introduzir o uso dos recursos tecnológicos digitais na educação, no entanto, não podemos esquecer que os recursos são coadjuvantes no processo, eles não têm a capacidade resolutive de todos os problemas existentes na educação. Ribeiro (2012, p. 29) ao se posicionar a respeito dos recursos tecnológicos diz que “as tecnologias não precisam ser encaradas como ameaças, mas como novos meios de fazer, de propor e, por que não, de seduzir, tanto alunos quanto professores”.

2.3 A educação e seus desafios tecnológicos

O que temos atualmente é uma revolução nos meios de comunicação com o surgimento dos computadores e da internet, e esses proporcionam uma rapidez de informação e de interação nunca vivenciada antes na humanidade, resultando, desta

forma, em novas formas comportamentais e sociais de convivência e de ver a sociedade e a educação. Toda essa rapidez tem desencadeado mudanças que Gabriel (2013, p.99) ressalta dizendo que:

Em função da aceleração no ritmo de mudança das últimas décadas, o ambiente tem se modificado muito rapidamente, e isso cria a necessidade de constante atualização, aprendizado e educação para que as pessoas consigam atuar em meio às rápidas transformações. Isso muda completamente a cultura da educação.

Percebemos que a escola, principalmente a pública, tem demonstrado certa dificuldade em acompanhar as rápidas transformações apresentadas pelo mundo tecnológico, não temos políticas efetivas de letramento digital para os alunos, não há uma diretriz metodológica que possa ser desenvolvida no decorrer do processo educacional.

As nossas escolas ainda têm padrões tradicionais estabelecidos que favorecem o ensino da homogeneidade, não levando em consideração a diversidade que há em sala de aula. Nesse diapasão, Gabriel (2013, p. 101) afirma que “se estamos interessados em um modelo de aprendizado para a era atual, não podemos iniciar com a mentalidade de linha de produção industrial, baseado em padronização”, precisamos quebrar alguns paradigmas estabelecidos e trazer para o foco da discussão novas diretrizes de ensinar e de aprender. Moran (2012, p.16) apresenta o paradoxo em se manter algo que não se acredita plenamente e não buscar propostas adequadas a atual conjuntura social, ao proferir:

Vivemos o paradoxo de manter algo em que já não acreditamos completamente, mas não nos atrevemos a incorporar plenamente novas propostas pedagógicas e gerenciais, mais adequadas à sociedade da informação e do conhecimento, para onde estamos caminhando rapidamente.

E por que será que esse paradoxo acontece até hoje? De acordo com Gentilini (2013, p. 40), “a utilização dos computadores nas escolas, ou na educação de forma geral provocou medo, insegurança e não raro resistência por parte dos educadores”. Talvez esse comportamento paradoxal dos professores e daqueles que estão envolvidos na educação tenha sido justamente porque não existiu um acompanhamento na implantação das políticas voltadas à capacitação do uso das

tecnologias direcionadas ao ensino, mas também possa ser apenas uma questão de conformismo com o estado atual da educação, porque a utilização dos recursos tecnológicos promoveria uma reestruturação tanto na formação de professores, como no currículo e também na forma de ver o processo de ensino e de aprendizagem.

Infelizmente, todo esse contexto educacional tem reflexo social, e como afirma Moran (2012, p.22), “as escolas conservadoras e deficientes atrasam o desenvolvimento da sociedade, retardam as mudanças” e o maior refém dessa política é o aluno que se torna um mero expectador desse contexto.

O aluno que em sua vida social é exposto a uma grande quantidade de aplicativos e de programas, que interage com o mundo virtual, utilizando a escrita e a leitura digital para interagir, quando chega à escola se depara apenas com métodos tradicionais de ensino, há um verdadeiro estranhamento, e que a escola, muitas vezes, não percebe. É preciso que tenhamos um pensamento mais realista diante dessa situação. Moran (2013, p. 56) ao se posicionar em relação ao contexto escolar, assevera que “a escola precisa partir de onde os alunos estão, do que eles preferem, da relação que estabelecem com as mídias, para ajudá-los a ampliar sua visão de mundo, sua visão crítica e seu senso estético”, não podemos estabelecer nossas diretrizes nas preferências dos alunos, mas temos que partir delas e assim poder contribuir para adicionar possibilidades de crescimento intelectual.

O impacto da tecnologia já está sendo sentido em todas as áreas da sociedade, e a escola por sua vez não ficará de fora desses efeitos impactantes. Marcuschi (2010, p. 16) vai se posicionar dizendo que “o impacto das tecnologias digitais na vida contemporânea está apenas se fazendo sentir, mas já mostrou com força suficiente que tem enorme poder tanto para construir como para devastar”. Por essa razão, é que a escola não pode negar a possibilidade de mostrar caminhos possíveis de serem trilhados com a tecnologia digital.

Precisamos nos apropriar das contribuições trazidas pelas tecnologias digitais para ampliar nossos olhares e habilidades, a escola também deve se apropriar para fazer surgir possibilidades de propostas para serem trabalhadas na educação.

Diante do cenário que fora exposto, não podemos deixar de destacar o importante papel que o professor pode desenvolver para que as inovações sejam vivenciadas pelos discentes, levando-os a uma participação mais ativa no processo educativo. Para Perrenoud (2001, p. 128 *apud* COSTA; MATOS, 2013, p.270),

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação.

Para tanto, faz-se necessário um maior comprometimento do ambiente escolar com a perspectiva de inserir as tecnologias digitais por meio de recursos metodológicos para contribuir com ensino e auxiliar na aprendizagem dos alunos e assim, propiciar o letramento digital. Ribeiro (2012, p. 43) posiciona-se a respeito do letramento digital assegurando que:

[...]para alcançar algum grau de *letramento digital*, as pessoas precisam aprender ações que vão desde gestos e o uso de periféricos da máquina até a leitura de gêneros de texto publicados em ambientes *on-line* e exposto pelo monitor. (Grifo do autor)

Nesse caso, se o letramento for desenvolvido por ações nos espaços escolares, poderemos fazê-lo de forma assistida e sistemática com metodologias que contribuam para aumentar o leque de possibilidades de aprendizagem.

2.4 Webquest: recurso metodológico de pesquisa

A expressão navegar na internet já foi cristalizada por todos os usuários que fazem uso desse mecanismo de pesquisa e interação, mas também se tornou corriqueiro o fato dessa navegação não contribuir de forma satisfatória com as perspectivas de conhecimento de conteúdo. Em muitos casos, é comum perceber que o foco da navegação foi perdido e que há uma facilidade de distrações que permitem interferências no processo de aprendizagem. Nesse ínterim, Moran (2013, p.57) destaca que:

Diante de tantas possibilidades de busca, a própria navegação torna-se mais sedutora do que o necessário trabalho de interpretação. Alunos e professores tendem a dispersar-se diante de tantas conexões possíveis, de endereços dentro de outros endereços, de imagens, textos e mensagens, que se sucedem e se intercomunicam ininterruptamente nas múltiplas telas dos diversos recursos móveis que temos à disposição.

O trabalho se propõe apresentar uma ferramenta metodológica que possa colaborar com o ensino-aprendizagem, utilizando-se de pesquisas orientadas na internet, porque é grande o número de alunos que, quando são incumbidos de fazer uma pesquisa sobre um referido assunto, acaba, por economia do tempo e também por comodidade, ficando com o primeiro *site*. Poucos se aventuram em ir para o segundo e o terceiro *sites* para contrapor as opiniões, geralmente, após a localização do conteúdo, utilizam-se dos recursos CTRL+C: Copiar e CTRL+V: Colar, depois imprimem e entregam o cognominado trabalho de pesquisa ao professor.

Não há, na verdade, diante desses procedimentos mencionados, uma efetivação do conhecimento no que se refere à aprendizagem e também não ocorre um posicionamento crítico de saber escolher o mais adequado para a proposta solicitada.

É comum perceber que muitos jovens diante de situações de pesquisas não querem perder tempo em ler o que está sendo impresso e também não escrevem o resultado de suas pesquisas. Em tempo de internet, a impressão tornou-se imprescindível para os alunos. Se a proposta de pesquisa não for apresentada de forma dinâmica e direcionada, o aluno não exercerá sobre si o aspecto crítico porque ele ainda não consegue exercer sobre ele mesmo a capacidade de gerenciar suas atividades de pesquisas na internet.

Um aspecto que ressaltaremos aqui é o de que talvez esse aluno não foi instruído sobre o que é uma pesquisa e como se dá a construção de uma pesquisa. Outro ponto que merece também ser observável é o de que a própria escola ainda não apresentou o seu papel que de acordo com Bagno (2014, p. 14) “não é apenas ‘transmitir conteúdos’, mas sim *ensinar a aprender*.” (Grifo do autor). Por essa razão, é que muitos alunos naufragam no mar de informações disponíveis. As pesquisas ficam na superficialidade do conhecimento. Mas, então, o que é pesquisa? Bagno (2014, p. 17) responde dizendo que:

Pesquisa é uma palavra que nos veio do espanhol. Este por sua vez herdou-a do latim. Havia em latim o verbo *pesquiro*, que significava ‘procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informa-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca’. [...] Perceba que os significados desse verbo em latim insistem na ideia de uma busca feita com cuidado e profundidade. Nada a ver, portanto, com trabalhos superficiais, feitos só para ‘dar notas’”. (Grifo do autor)

O que temos na realidade educacional, é que muitas práticas de pesquisas se consolidam apenas para que o aluno pesquise sobre um determinado tema, que muitas vezes não é do seu interesse, e entregue o produto de sua pesquisa ao professor para a obtenção de uma nota. O que é observável, diante desse procedimento, é que muitos professores estão apenas preocupados com produto e não com o processo.

A pesquisa é uma ação fundamental que precisa ser explorada objetivando o desenvolvimento de potencialidades que serão necessárias para a vida do aluno, e sobre esse aspecto Bagno (2014, p. 21) ressalta a importância da pesquisa quando afirma que:

[...] a pesquisa é, mesmo, uma coisa muito séria. Não podemos tratá-la com indiferença, menosprezo ou pouco caso na escola. Se quisermos que nossos alunos tenham algum sucesso na sua atividade futura – seja ela do tipo que for: científica, artística, comercial, industrial, técnica, religiosa, intelectual... –, é *fundamental e indispensável* que aprendam a pesquisar. E só aprenderão a pesquisar se os professores souberem ensinar. (Grifo do autor)

Sabedores de todos esses aspectos e conscientes da necessidade de trabalhar com pesquisa utilizando a rede de computadores é que surgiu a proposta de trabalhar com a *Webquest* que foi o nosso objeto de estudo.

O Conceito de *Webquest* foi criado em 1995 nos Estados Unidos da América pelo Professor Bernie Dodge, a metodologia contempla o uso da internet de forma criativa. É uma atividade metodológica que se constrói por meio de uma ação investigativa utilizando as informações provenientes da internet.

A *Webquest*, doravante WQ, pode auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem colaborativa, explorando, especificamente, dois pontos primordiais: a leitura e a produção textual, assim como também poderá ser vista como intermediadora entre os processos de interdisciplinaridade, uma vez que permite integrar, aos seus conteúdos, conhecimentos que conversam com as mais variadas áreas de ensino. No campo social, podemos ter, a partir da WQ, uma intervenção no que diz respeito à inclusão digital dos alunos no ambiente virtual da internet de forma significativa, organizada e didática uma vez que segundo Moran (2013, p.107):

Resolver uma *webquest* é um processo de aprendizagem interessante, porque envolve pesquisa e leitura, interação e

colaboração e criação de um novo produto, com base no material e nas ideias obtidas. A *webquest* propicia a socialização da informação, por estar disponível na internet, pode ser utilizada, compartilhada e até reelaborada por alunos e professores de diferentes partes do mundo.

A WQ, sendo uma atividade investigativa, poderá desenvolver no aluno a capacidade criativa de responder a uma proposta de trabalho de pesquisa saindo do tradicional copiar e colar que muitos alunos utilizam para fazer suas pesquisas utilizando a internet, e que também não é diferente quando utilizam os meios tradicionais para pesquisa, como os livros, revistas e periódicos, pois há aqueles que apenas copiam o que estão nos livros pesquisados, não filtram, não questionam, e tampouco se posicionam a respeito do que foi proposto.

Partindo da premissa de que a WQ traz em sua estrutura a capacidade de, a partir de sua proposta de trabalho, apresentar um caminho a ser percorrido com o objetivo de resolver o problema apresentado, esse problema poderá resultar nas mais variadas formas de produto que poderão assumir o formato de uma história em quadrinhos ou até mesmo de um vídeo criado pelos alunos.

Quando os alunos se deparam com algum problema para ser resolvido, eles assumem uma postura ativa diante do que lhe é apresentado. É necessário que eles apresentem uma contribuição para a resolução, eles se sentem importantes. Essa é uma forma que o professor terá para trabalhar valores. Behrens (2013, p.101) se posiciona sobre a prática pedagógica de problemas expondo que:

Ao propor uma prática pedagógica problematizadora e contextualizada, o docente pode oferecer caminhos que venham atender aos pressupostos da visão holística. Desta forma, valoriza a formação de valores, como fraternidade, honestidade, paz, harmonia, justiça e igualdade.

Por ser também uma ferramenta metodológica de aprendizagem colaborativa, a WQ poderá facilitar o desenvolvimento de capacidades cognitivas e consequentemente contribuir proporcionando a interação dos alunos e do professor. É importante ressaltar que nesse procedimento metodológico, o professor assume a figura de intermediador do processo de ensino e de aprendizagem e ainda colabora no sentido de nortear as sequências de pesquisas na internet para que o aluno não se perca no oceano das informações que estão disponíveis.

Temos que considerar, nesse momento, que os nossos alunos podem ser classificados como leitores que tem características diferenciadas daqueles dos séculos XIX e XX. Levemos em considerações as colocações de Santaella (2004) no que se referem aos tipos de leitores que foram apresentados no decorrer de suas pesquisas, os quais ela apresenta dentro de aspectos históricos obedecendo as seguintes classificações: O leitor contemplativo, que é inserido na época do Renascimento e que perdura até meados do século XIX, é considerado o leitor do livro impresso e da imagem expositiva e fixa. Temos ainda o leitor do mundo em movimento, é o leitor da era da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos, esse leitor nasce com a explosão do jornal e com o universo da fotografia e do cinema e perdura até o advento da revolução eletrônica. E, por último, temos o leitor imersivo, virtual que surgiu nos novos espaços da virtualidade, mais precisamente na era digital e que tem uma tela na qual o texto eletrônico é lido, mas que não é manuseado diretamente. Santaella (2004, p. 33) vai nos dizer que:

Trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão. Enfim, o que se tem aí é um universo novo que parece realizar o sonho ou alucinação borgiana da biblioteca de Babel, uma biblioteca virtual, mas que funciona como promessa eterna de se tornar real a cada “clique” do *mouse*.

Esse tipo de leitor pode se perder nos labirintos que ele mesmo conseguiu desenvolver mediante a diversidade de nós e conexões percorridos por ele no decorrer de suas interações no ciberespaço.

Para Santaella (2004, p. 45-46),

[...] ciberespaço será considerado como todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. Assim sendo, o ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede. Por isso mesmo, esse espaço também inclui os usuários dos aparelhos sem fio, na medida em que esses aparelhos permitem a conexão e troca de informações. [...] Um mundo virtual da comunicação informática, um universo **etéreo** que se expande indefinidamente mais além da tela, por menor que esta seja, podendo caber até mesmo na palma de nossa mão. (Grifo nosso)

Para que o aluno consiga realizar sua atividade de pesquisa sem que se perca no emaranhado de conexões, a WQ apresenta uma forma direcionada de navegar no ciberespaço, porque possui, em sua estrutura, o roteiro e a localização dos endereços pré-determinados, o caminho que fora estabelecido pelo professor para ser percorrido de forma sistemática, auxiliando no processo de aprendizagem e no de letramento digital. Moran (2013, p.57) traz um ponto importante para a nossa proposta quando nos alerta sobre os perigos de navegar na internet, ao expor que:

O maior perigo de todos é navegar muito e conhecer pouco de verdade; distrair-nos muito e concentrar-nos pouco; saber um pouco de tudo e não compreender os fenômenos de verdade. Nunca tivemos tantas facilidades, mas elas podem complicar o processo, tanto em nível institucional como pessoal.

Percebemos que a imersão do aluno no ciberespaço sem o direcionamento adequado poderá acarretar uma sensação de vazio justamente por ele ainda desconhecer os caminhos que deve percorrer para chegar ao objetivo proposto pelo professor. Metaforicamente podemos nos referir a esse aluno como um condutor de barco que não tem nenhum instrumento de localização e que fica a deriva no mar da informação à espera de algum sinal de direção.

Diante do que foi exposto acima, Santaella (2004, p. 51) vai nos dizer que “transitar pelas infovias pode produzir desconcerto e frustração se o internauta não conseguir ajustar os alvos pretendidos ao programa estrutural do documento”. Podemos contribuir com essa citação dizendo que, se o internauta-aluno não souber exatamente quais alvos educacionais precisa alcançar, qualquer alvo será pertinente, mesmo que este desarmonize a estrutura de sua pesquisa e que não contribua para o seu conhecimento.

Aproveitando-se da metáfora que anteriormente fora apresentada, podemos imaginar o papel fundamental do professor em instrumentar o barco do aluno para fazer essa viagem, mapeando toda sua trajetória e marcando em quais portos precisa parar e o que precisa levar consigo. O aluno ao chegar ao seu destino estará carregado de conteúdos para ser aplicados na vida, porque quando o aluno imerge no universo do ciberespaço e o faz de forma direcionada, ele poderá ter percepções de como um determinado conteúdo terá sentido para o cotidiano. Assim sendo, Behrens (2013, p.106) afirma que “o uso da internet com critério pode torna-se um

instrumento significativo para o processo educativo em seu conjunto” e desta forma, o aluno poderá se beneficiar dos diversos recursos existentes na rede de computadores.

A percepção que temos é que o professor, com o recurso da WQ, tem a possibilidade de ampliar suas estratégias de ensino, principalmente, na proposta de apresentar um ensino mais interacionista. Podemos entender esse ensino mais interacionista nos apropriando do pensamento de Behrens (2013, p. 82) ao asseverar que “como parceiros, professores e alunos desencadeiam um processo de aprendizagem cooperativa para buscar a produção do conhecimento”.

A aprendizagem colaborativa é um fator diferencial do processo de ensino de quem opta por trabalhar com WQ, porque, nesse caso, o professor terá que desenvolver atividades em grupo, promovendo uma interação entre os próprios alunos, o conteúdo, os recursos e a metodologia e todos esses elementos intermediados pela informática tendo propósitos definidos por objetivos que promovam o desenvolvimento de potencialidades do educando, a esse respeito Behrens (2013, p.108) assevera que “a necessidade de entreaajuda e a maneira colaborativa podem desenvolver autonomia, espírito crítico e atitude de trabalho coletivo.

Almeida (1996, p. 164 *apud* MASETTO, 2013, p. 168) se posiciona sobre o papel do professor nessa perspectiva afirmando que:

O professor que trabalha na educação com a informática há que desenvolver na relação aluno-computador uma mediação pedagógica que se explicita em atitudes que intervenham para promover o pensamento do aluno, implementar seus projetos, compartilhar problemas sem apontar soluções, ajudando assim o aprendiz a entender, analisar, testar e corrigir os erros.

Diante do que foi exposto acima temos uma dimensão do importante papel que o professor terá que desenvolver, nesse diapasão, valemo-nos de-Francisco Imbernón (2012, p.51 *apud* MASETTO, 2013, p. 147) ao assegurar que:

Professores e alunos compartilham a atividade de aprender. Os professores promovem e organizam atividades de participação. O estudante é visto como sujeito ativo que adquire, processa e avalia seu conhecimento. Os professores devem trabalhar na criação de situações para ativar a participação dos estudantes nos métodos de ensino centrados neles.

É pertinente evidenciarmos, nessa atividade de aprender, o direcionamento que a mediação pedagógica terá, caso o professor opte por trabalhar com as metodologias que colocam os alunos na posição de sujeitos ativos na construção do conhecimento. Dois elementos são fundamentais para colocarem os alunos em uma posição ativa nas situações de aprendizagens: as proposituras de questões e as situações problemas criadas pelos professores. No entanto, para que se chegue ao êxito dessas ações é imprescindível que o professor as organize de forma que os alunos saibam exatamente o que será necessário fazer para resolver o que lhe foi proposto, Behrens (2013, p.78) vem corroborar com esse pensamento dizendo que “o professor precisa refletir e realinhar sua prática no sentido de criar possibilidades para instigar a aprendizagem do aluno”.

Por essa razão, é que a WQ pode ser uma metodologia que contribuirá com o desenvolvimento de aulas que coloca o aluno na posição de construtor de seu conhecimento. O aluno, diante dessa metodologia, consegue acessar a informação de forma organizada e orientada e, dessa forma, obtém o subsídio necessário para a realização de sua atividade.

É de fundamental importância ressaltar que sendo um recurso metodológico que tem por base uma pesquisa investigativa na internet, a WQ tem condições de tornar-se, mediante o posicionamento do professor, um valioso método que contribuirá com as aulas de Língua Portuguesa.

2.4.1 Classificação e estrutura da WQ

Quanto à classificação, Bernie Dodge (1995) divide a WQ em dois tipos:

- ✓ *Webquest* curta – tem a duração de uma a três aulas para ser explorada pelos alunos, consiste em trabalhar conteúdo para adquirir conhecimento sobre um tema.
- ✓ *Webquest* longa – tem a duração de uma semana, até um mês de aulas, essas exigem mais, implicando em uma maior número de tarefas e ações. Tem como objetivo de acordo com Moran (2012, p.107), “a extensão e o refinamento de conhecimentos”.

Quanto à estrutura da WQ, de acordo com Bernie Dodge (1995), temos os seguintes elementos que a constitui:

- ✓ Introdução - é uma pequena apresentação sobre o tema a ser discutido com o intuito de despertar o interesse do aluno para a realização da tarefa.
- ✓ Tarefa – é a explicação das ações a serem realizadas. Por exemplo: Uma exposição fotográfica, uma apresentação de um banner.
- ✓ Processos - são as orientações do desenvolvimento da pesquisa, se por grupos ou individual, é o passo a passo da pesquisa. Podemos ainda acrescentar, nesse elemento, os recursos utilizados para a pesquisa
- ✓ Conclusão – é a apresentação do resumo sobre o tema e a retomada dos objetivos alcançados.
- ✓ Avaliação ¹ – é a indicação de como os alunos serão avaliados. Essa indicação poderá ser feita por meio de metas pré-estabelecidas a serem cumpridas.
- ✓ Créditos – são as fontes de todos os materiais utilizados na WQ.

2.4.2 Propositura da *Webquest* e o hipertexto digital

Ao pensar em trabalhar com uma *Webquest*, temos que fazer associações da tecnologia que teremos que utilizar e o planejamento pré-estabelecido do plano de curso. É sempre importante apresentar uma *Webquest* que esteja de acordo com o plano de curso, respeitando as diretrizes temáticas, salvo projetos desenvolvidos paralelamente no ambiente escolar. Por essa razão, é que nós optamos em trabalhar, a princípio, com uma WQ que estivesse em consonância com o planejamento bimestral do 8º ano, especificamente na área de produção textual com a abordagem na poesia dramática de João Cabral de Melo Neto. A temática será a mesma do plano, mas o recurso metodológico será a *Webquest*.

Convém dizer que, utilizando o *Google sites* criamos a **webquest EMEFALL**, com o objetivo de apresentar a metodologia para os alunos de forma didática para que eles pudessem experienciar a navegação na internet através das possibilidades estabelecidas para suas pesquisas e, assim, contribuir com o letramento digital dos mesmos, ampliando o seu conhecimento e o potencial de informação. Esta é uma das

¹ Esse tópico poderá ser acrescentado à estrutura caso seja necessária a avaliação quantitativa do processo de ensino e aprendizagem

formas que a escola pode trabalhar para despertar competências e habilidades para as vivências exigidas do mundo multiletrado.

A WQ acima citada tem por objetivo conhecer a vida e a obra do Escritor João Cabral de Melo Neto, traz como sugestão *sites* que remetem a sua biografia, suas obras e um documentário que se originou por meio da obra do escritor.

A WQ nomeada de EMEFALL é classificada estruturalmente de simples por possuir ações e etapas que não exige, por parte de seus usuários, uma grande demanda de tempo e os recursos postos são de fácil navegação.

Temos a princípio a introdução conforme a FIG. 1 que nos remete ao tema que irá ser abordado como um pressuposto para despertar a curiosidade dos alunos pelo autor em estudo e suas obras. É o momento de sondar as informações preliminares dos alunos a respeito da temática e em seguida saber o nível de conhecimento que os alunos possuem a respeito do tema exposto e compartilhar esse conhecimento, socializando-o com o grupo de modo que os discentes possam seguir para a próxima ação mais próximos da temática e dos desejosos pela aprendizagem.

FIGURA 1 - Webquest EMEFALL - Introdução

webquestEMEFALL

Pesquisar o site

INTRODUÇÃO TAREFA PROCESSO RECURSOS CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO

Vamos iniciar a nossa jornada ao mundo do poema dramático de João Cabral de Melo Neto. O nosso objetivo é propiciar um conhecimento a respeito da vida e das obras de João Cabral de Melo Neto.



Morte e Vida Severina

— O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

Mas, você conhece João Cabral de Melo Neto? E suas obras?

Tente responder a seguintes questões:
Quem foi João Cabral de Melo Neto?
Quais foram as suas obras?

Subpáginas (1): [Introdução](#)

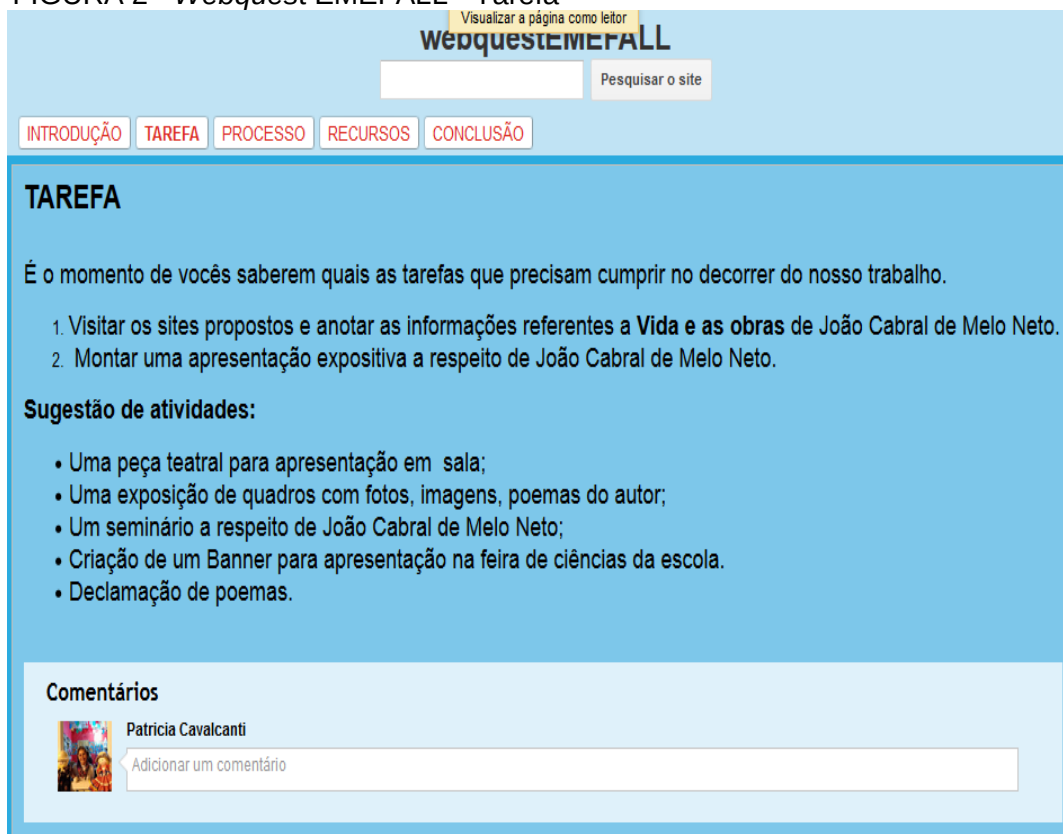
É o momento de navegar, pesquisar e aprender.

Fonte: Primária

É sempre pertinente que o aluno saiba que tarefa terá de realizar antes de seguir viagem, pois mediante às orientações propostas, buscará estratégias para realizá-la.

Na FIG. 2 teremos as tarefas e as sugestões de atividades. É importante salientar que sugestões de atividades propostas pelos alunos podem ocorrer em algumas situações, mas caberá ao professor avaliar se a sugestão feita por aqueles é pertinente ou não à proposta em estudo. O professor que tem, previamente, os objetivos definidos, não poderá aceitar propostas que desvirtuem o processo. É comum o aluno querer apresentar, na atividade final da WQ, uma produção que seja, ao seu entender, mais fácil. Sendo assim, cabe ao professor o bom senso para intermediar todo o processo de desenvolvimento da WQ.

FIGURA 2 - Webquest EMEFALL - Tarefa



Fonte: Primária

No desenvolvimento das ações da WQ, temos o processo que organiza o desenvolvimento das tarefas. É necessário que os alunos saibam que nessa atividade a aprendizagem colaborativa é fundamental para o seu desenvolvimento. Eles terão que trabalhar em grupo e consequentemente desenvolver as tarefas em grupo. É importante dizer que, prioritariamente, a WQ é uma metodologia para que o professor

trabalhe com seus alunos de forma coletiva, mas há modelos de WQ que o aluno pode trabalhar de forma individual. Moran (2013, p. 39) se posiciona à respeito da resolução da WQ dizendo que, “resolver uma *webquest* é um processo de aprendizagem interessante, porque envolve pesquisa e leitura, interação, colaboração e criação de um novo produto com base no material e nas ideias obtidas.”

O processo na WQ direcionará e preparará os alunos para as ações que eles realizarão. Nesse momento, temos dois pontos fundamentais. O primeiro é que o professor assumirá o papel de intermediador-orientador do processo de ensino e de aprendizagem, e o segundo é que o aluno estará se encaminhando à sua iniciação como pesquisador-investigador.

FIGURA 3 - Webquest EMEFALL - Processo



Fonte: Primária

Para realizar as tarefas se faz necessário que tenhamos disponíveis os recursos para as pesquisas, são esses que embasarão as pesquisas e consequentemente a realização das tarefas, para tanto, serão essenciais pontos estratégicos que irão nortear a pesquisa no mar das informações, e assim, o aluno terá condições de realizar as tarefas propostas por meio dos *sites* previamente sugeridos.

A FIG. 4 que traz as sugestões de recursos que irão nortear a navegação dos alunos no ciberespaço. É importante ressaltar que, sendo as escolhas pré-estabelecidas, o aluno sabe exatamente para onde deve seguir, quais os *sites* que devem visitar, e desta forma, ele não ficará no mar da informação à deriva, ele terá portos para ancorar suas pesquisas. E essa característica da WQ é importante porque o aluno que está iniciando a sua função de pesquisador-investigador precisará, a princípio, ter noções de *sites* que trazem confiabilidade. É o momento que o professor mostrará que há uma infinidade de possibilidades de pesquisas, mas nem todas apresentam credibilidade.

FIGURA 4 - Webquest EMEFALL - Recursos



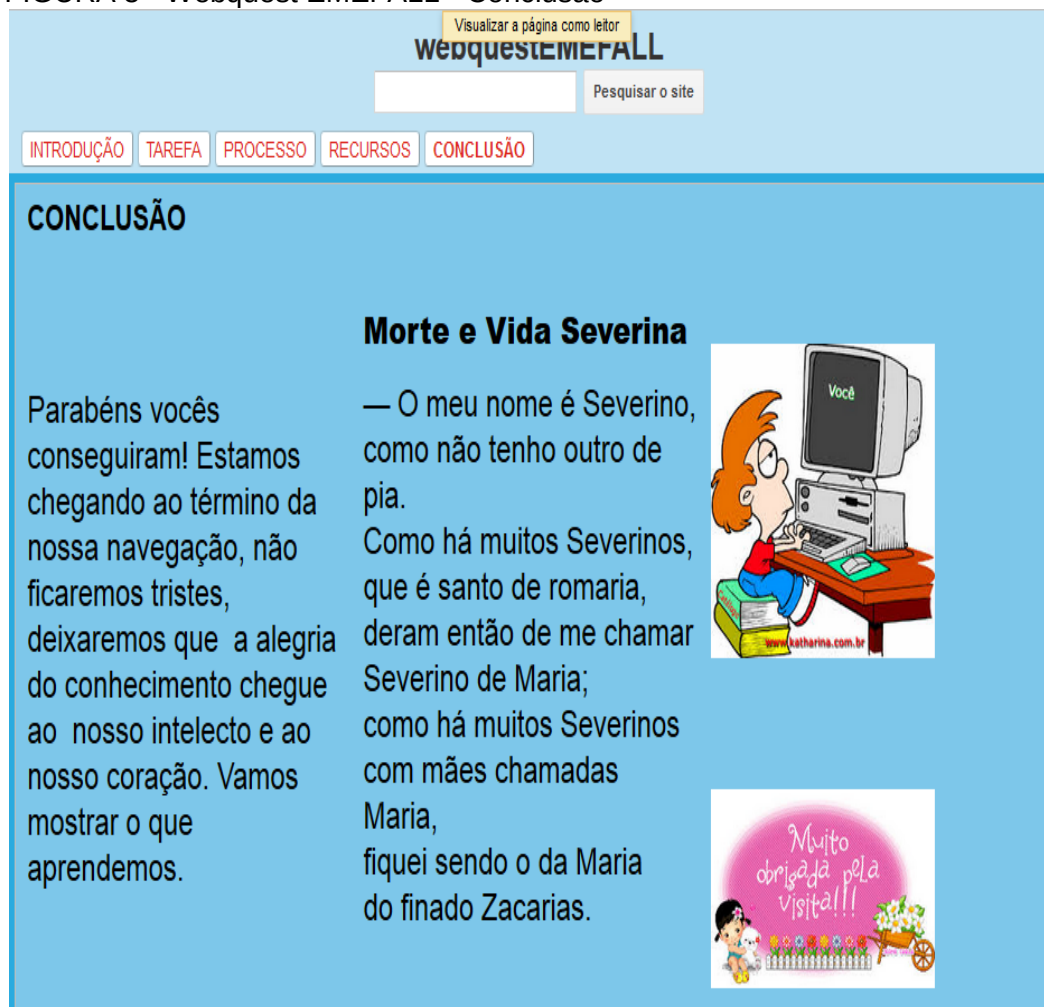
Fonte: Primária

Quando trabalhamos com WQ, temos a opção de inserir também a avaliação como fora dito anteriormente, mas em nosso caso, optamos por excluir a avaliação e trabalhar com a conclusão, porque em nossa pesquisa não temos a intenção de quantificar os resultados e também não queremos gerar notas para os alunos, mas desejamos ter um demonstrativo de resultados conclusivos por meios das apresentações das atividades realizadas a partir dos recursos fornecidos. Mas,

convém ressaltar que, o professor poderá criar, se lhe for necessário, critérios para atribuição de notas ou de conceitos de aprovação para as atividades realizadas.

Temos, na conclusão, o momento da retomada de conteúdos pesquisados e ainda podemos estabelecer um sentimento nostálgico com o objetivo de possibilitar uma comunicação afetiva com os alunos, é o que Moran (2012, p.38) chama de humanizar as tecnologias, e faz referência a essa humanização quando ressalta dizendo “é importante *humanizar as tecnologias*: são meios, caminhos para facilitar o processo de aprendizagem” e, assim, favorecer uma aprendizagem colaborativa entre as partes envolvidas no processo de aprendizagem. (Grifos do autor)

FIGURA 5 - Webquest EMEFALL - Conclusão



Fonte: Primária

No decorrer da construção da nossa proposta de trabalho, um fator chamou-nos a atenção, é o fato da *Webquest*, que é uma metodologia investigativa na internet, ter feito uma conexão com o referencial do hipertexto digital. Por essa razão, faremos,

conscientes do valor dessa temática à proposta do nosso trabalho, uma abordagem dos conceitos e posicionamento de autores referentes ao hipertexto digital.

É fundamental que abordemos esse conteúdo, com o objetivo de trazer à discussão o ensino da navegação por meio dos *links* que compõem o hipertexto, e também, o de mostrar ao aluno que, na internet, há uma infinidade de possibilidades de conexões e de desdobramentos de conteúdos que tanto podem enriquecer a sua pesquisa ou contribuir para desorientação. Sobre a desorientação Conklin (1987, p.19 *apud* DIAS, 2012, p.67) afirma que “à medida que os hipertextos aumentam sua complexidade, torna-se angustiantemente fácil que o usuário se perca e fique desorientado”. Por essa razão, é imprescindível levantar a discussão sobre o tema e torná-lo objeto de ensino.

Sendo a proposição do hipertexto digital um ponto relevante a ser ensinado e trabalhado com os alunos, traremos para fundamentar a nossa proposta a definição de Lévy (1996, p. 44) sobre o hipertexto digital quando ele afirma que, “o hipertexto digital seria, portanto, definido como uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e ‘intuitiva’”. E mais adiante o autor acrescenta dizendo:

[...]inventa-se hoje uma nova arte de edição e da documentação que tenta explorar ao máximo uma nova velocidade de navegação em meio a massas de informação que são condensadas em volumes a cada dia menores (LÉVY,1996, p.44-45).

A WQ traz, em sua estrutura, endereços de páginas cujos textos dialogam com outras interfaces, e em nosso caso, é importante que os discentes aprendam a interagir com essa forma híbrida de texto, concepção apresentada por Xavier (2010, p. 208) quando diz “por hipertexto, entendo uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade.” E acrescenta dizendo que “precisamos conhecer as características e peculiaridades do hipertexto.”

Percebemos, diante do posto, que é imprescindível que os alunos tenham o conhecimento das estruturas textuais que há a sua disposição. Eles precisam compreender que as palavras destacadas, denominadas de nós nos textos na internet, na verdade, remetem a interfaces que podem colaborar ou não com as suas pesquisas e assim desenvolver certo poder de criticidade.

Os recursos existentes nos hipertextos têm permitido a expansão de informações, é um grande mar de informações disponíveis e que se não forem trabalhadas sistematicamente com o leitor, esse pode se perder no mar das interfaces ativadas por hiperlinks. Xavier (2010, p. 218) assevera que:

O leitor, agora inserido em uma comunidade virtualmente desterritorializada e potencialmente mais informada terá mais participação na constituição do seu saber pela maior construção do sentido do hipertexto que vier a ler, já que poderá verificar imediatamente o grau de veracidade e fundamentação de certos argumentos que costumam sustentar posições e ações de personalidades e instituições que exercem forte influência sobre o presente e o futuro dos cidadãos da recém-chegada sociedade da informação.

No *continuum* da nossa fundamentação sobre as definições do hipertexto digital, trataremos, a seguir, a concepção apresentada por Coscarelli (2012, p. 149) quando a mesma se posiciona a respeito do hipertexto digital, dizendo que:

Podemos definir hipertexto digital, portanto, como um conjunto de nós, textos ou unidades de informação verbais ou não verbais (como imagens, animações, filmes, sons, etc.), conectados a outros por *links*, ou seja, elementos que nos levam a outros nós e que costumam ser indicados por palavras sublinhadas escritas em azul ou por ícones, mas nada impede que outros recursos sejam usados para marcar os *links* disponíveis.

Em outro momento, Coscarelli (2014, p. 73) se posiciona falando que:

O hipertexto é, *grosso modo*, um texto que traz conexões, chamadas links, com outros textos que, por sua vez, se conectam a outros, e assim por diante, formando uma grande rede de textos [...] Devemos entender que essa rede de relações se modifica a todo momento, ou seja, a ativação de um elemento estimula muitos outros ligados a ele, desencadeando a ativação de vários outros elementos. (Grifo da autora)

A metodologia da *Webquest*, estruturalmente, contempla o hipertexto. Há, na verdade, uma conexão de ações que são desencadeadas a partir de *links* ou *hiperlinks* em que os alunos precisam clicar para chegar ao seu destino e cumprir suas tarefas, por essa razão, é que precisamos ensinar aos alunos o caminho da navegação no hipertexto, contribuindo, assim, com a construção de saberes no tocante do letramento digital.

É comum ver, por exemplo, em situações de pesquisas, os alunos imprimirem os conteúdos das páginas da internet, dos *sites* pesquisados, ainda com as marcações dos links. Essa ação é um indicativo da falta de conhecimento da função que esses recursos exercem no texto. Grande parte dos alunos ainda não atentaram para o fato de que aqueles ícones e as palavras sublinhada em azul são geradores de desdobramentos textuais.

Contudo, diante do exposto, foi pertinente acrescentar, no período de desenvolvimento do experimento com a metodologia WQ, aulas explicativas sobre a função exercida pelos links na constituição do hipertexto com o objetivo de possibilitar a compreensão global do hipertexto e facilitar a leitura e a navegação na internet.

Portanto, são por todos esses aspectos que não podemos desvincular a metodologia da *Webquest* dos estudos que trazem referenciais de hipertextos, porque aquela comporta estruturalmente este que colabora com a aprendizagem e o dinamismo das pesquisas na internet.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A decisão por trabalhar com processos etnográficos e netnográficos se deu por acreditarmos que estaremos trabalhando, simultaneamente, com dois campos de pesquisas, o presencial e o virtual.

As abordagens etnográficas a princípio nos situaram no espaço social objetivando compreender os hábitos e jeitos que os participantes da pesquisa possuem em seu ambiente escolar, principalmente no que se refere aos usos das tecnologias digitais em sala de aula. Seguindo essa linha de abordagem, percebemos que também devemos considerar todo o entorno no qual estão inseridos aqueles que fazem parte do processo. Neste momento, traremos alguns conceitos para fundamentar a nossa opção pelos métodos apresentados.

Para Angrosino (2009, p. 30) “a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” mais adiante o autor acrescenta dizendo que “a etnografia é feita *in loco* e o etnógrafo é, na medida do possível, alguém que participa subjetivamente nas vidas daqueles que estão sendo estudados, assim como *observador* objetivo daquelas vidas.” (2009, p.31)

A opção por netnografia foi fundamentada nas palavras de Kozinets (2014, p. 61-62) quando diz que:

[...]a netnografia é pesquisa observacional participante em trabalho de campo *online*. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal.

As abordagens netnográficas contribuíram no que se referem aos estudos das experiências sociais *online*. Não poderíamos deixar de evidenciar, em nossa proposta, as experiências digitais vivenciadas pelos integrantes da pesquisa e seu comportamento com o ciberespaço. Para tanto, utilizamos questionários *online* que dispomos juntamente com as *webquest*, objetivando uma observação sobre a postura adotada pelos membros da pesquisa e assim fornecer dados para maior entendimento da comunidade virtual na qual está inserida a pesquisa.

As pesquisas netnográficas também são apropriadas, de acordo com Kozinets (2014, p.79) “para coletar mais do que expectativas ou significados pessoais. Elas também são úteis para análise de muitos dos aspectos culturais de fenômenos sociais

online”, diante desse posicionamento, não poderíamos deixar de incorporar à nossa proposta essa vertente de pesquisa, uma vez que essa poderá ser utilizada como diretriz e subsídio para a análise da observação dos partícipes da pesquisa, porque eles possuem uma vivência com o ciberespaço e conseqüentemente são constructos dos fenômenos sociais digitais.

Acreditamos que as duas abordagens selecionadas para o estudo em tela contribuíram para que a proposta tivesse uma desenvoltura necessária para ampliar o conhecimento acerca dos participantes da pesquisa no âmbito social e virtual, analisando o seu comportamento em sua comunidade e, assim, mediante ao que foi analisado, poder fazer a aplicação da proposta por meio de aparatos digitais para que o aluno pudesse experienciar o uso da *webquest* nas aulas de Língua Portuguesa.

3.1 A observação

Utilizamos duas aulas para recolhimento de dados por meio da observação feita pelo professor-pesquisador.

É importante salientar que as observações são de caráter estratégico de informações no que se refere ao comportamento dos discentes e docentes no que concerne à utilização de dispositivos digitais em sala de aula. Essas observações foram fontes de dados que indicaram as primeiras ações da nossa pesquisa.

3.2 O perfil do aluno participante do estudo

Mediante as observações realizadas, é o momento de conhecer o perfil do alunado, fizemos essa ação por meio de um questionário sócio-tecnológico-educacional² que nos assessorou na investigação etnográfica da cultura sócio-tecnológica da turma em estudo, para a realização dessa ação, utilizamos duas aulas.

É salutar dizer que o processo etnográfico também oportunizará, caso no decorrer do processo seja necessário, o estudo da realidade dos participantes da pesquisa por meio de coletas de dados através de conversas informais com os participantes da pesquisa, sejam essas individuais ou coletivas.

² Ver apêndice A

Convém ressaltar que por meio dos processos etnográficos de coletas de dados acima citados, pudemos situar nossa pesquisa no meio social, porque tivemos condições de analisar, por meio das respostas apresentadas, as opiniões e os posicionamentos dos partícipes em relação ao tema da nossa proposta de trabalho e também em relação à sua própria percepção de mundo enquanto sujeito social. Consequentemente, diante dos posicionamentos apresentados, o pesquisador, enquanto observador, pôde ter uma compreensão das marcas sociais da comunidade na qual estava sendo desenvolvida a pesquisa.

3.3 Apresentação e aplicação da proposta

Na proposta de aplicação prática com a *Webquest*, utilizamos cinco aulas. Duas aulas foram utilizadas para socializar o método com o objetivo de torná-lo conhecido dos alunos, para tanto, utilizamos a apresentação de *slides* no *power point*.³ Foi o momento que eles tiveram para se familiarizar e experienciar o recurso metodológico percebendo como se dá a navegação dentro dos parâmetros estabelecidos pelo método. Foi o momento de aprender a navegar sabendo que direção devem seguir. E as outras três aulas foram aulas práticas para a resolução da *Webquest*.

É importante dizer que quando trabalhamos com tecnologia devemos ter o cuidado de fornecer aos nossos colaboradores a oportunidade de vivenciar as etapas do processo de forma sistemática, precisamos saber que cada etapa tem a sua importância e essa é base para aquela.

3.4 Socializando os resultados

Ter a percepção de que somos capazes de resolver um problema que nos foi apresentado eleva a nossa estima e traz a sensação de capacidade. É por essa razão que dentro do cronograma de ações, estabelecemos duas aulas para a socialização dos resultados obtidos com a resolução da *Webquest*, é o momento de apresentar e expor a aprendizagem.

³ Ver apresentação no apêndice C

3.5 Análises dos resultados obtidos

Diante dos resultados obtidos teremos condições de confirmar ou refutar as hipóteses levantadas no decorrer da nossa proposta de trabalho, e essas, consequentemente, se tornarão a base de sustentação da nossa pesquisa que nos ajudarão na compreensão e avaliação dos impactos que uma geração pode ou não sofrer mediante a utilização, especificamente em nossa propositura, de uma metodologia que utiliza a tecnologia digital.

Sendo assim, podemos, diante do que foi apresentado, projetar a nossa pesquisa no sentido de colaborar com outros que porventura enveredem pelo ciberespaço, e que acreditam que a tecnologia digital, se estruturada, poderá intervir no processo de ensino e de aprendizagem em nossas escolas, contribuindo, dessa forma, com o desenvolvimento intelectual dos discentes.

4 EXPERIENCIANDO A REALIDADE

É comum quando saímos da ideia primária para o desenvolvimento da mesma, depararmos com situações, que em muitos momentos, são desafiadoras, mas é importante que tenhamos sempre o pensamento nos objetivos que desejamos alcançar e no trabalho que precisamos realizar.

4. 1 O primeiro encontro com a direção e a equipe pedagógica da escola

Inicialmente, tivemos que apresentar todo o projeto – *Webquest*: Uma proposta metodológica para as aulas de Língua Portuguesa - para a Direção e para a equipe pedagógica da escola, com o objetivo de esmiuçar as etapas que seriam realizadas para o desenvolvimento de todo o trabalho.

Depois da apresentação, tivemos alguns questionamentos, entre os quais a direção da escola apresentava uma preocupação que precisaríamos levar em consideração. O projeto, na verdade, contemplaria uma única turma do ensino fundamental – o 8º ano H – e na escola, há mais três turmas do 8º ano, e talvez com o desenvolvimento do projeto apenas em uma turma poderia desencadear uma série de constrangimento para as demais, haja vista, o projeto ter aulas práticas usando o computador, algo que desperta a atenção e o interesse dos alunos. Percebendo a preocupação de toda a equipe, tivemos que chegar a um consenso. Comprometemo-nos, então, de continuar com a turma selecionada para fins de estudo e análise, no entanto, teríamos o compromisso de apresentar a metodologia para todas as demais turmas.

Com as diretrizes postas para as turmas, era o momento de conhecer a realidade do laboratório de informática da escola. Em uma sala, estavam oito computadores que há muito tempo não eram usados. Para a nossa surpresa, alguns estavam funcionando. Mas, somos sabedores que todo o material de informática que não é usado com frequência apresenta problemas. E não foi diferente conosco. Ao ligar alguns dos computadores, percebemos que alguns teclados não funcionavam, os *mouses* também apresentavam problemas, algumas Unidades Centrais de Processamentos, doravante CPU, não ligavam e quando ligavam tínhamos dificuldades de acessar os programas. A internet foi um problema à parte.

A escola tem o acesso à internet, mas é de uso exclusivo de alguns funcionários. Os alunos não têm acesso à internet da escola, com exceção daqueles que

conseguem descobrir a senha do *Wi-fi* utilizando algum aplicativo, e acreditem alguns conseguem.

Não poderíamos ignorar os problemas, não podíamos desistir do projeto. O momento nos incentivou a descobrir meios para transformar essa realidade em desafios a serem superados. Com o apoio que nos foi dado pela direção, as soluções começaram a surgir. Foi solicitado, junto ao setor competente da Prefeitura, a autorização para a realização do trabalho de formatação dos computadores da escola. Solicitação que foi acatada e que prontamente foi atendida.

Com a autorização em mãos, tivemos que contactar o técnico responsável pela prestação de serviço de informática da Prefeitura que sabendo da nossa necessidade se colocou à disposição para fazer o melhor, mesmo sabendo do desafio que seria em formatar máquinas que há muito tempo não eram usadas.

É importante salientar, nesse momento, que os computadores da escola são os que fizeram parte do Programa Nacional de Tecnologia Educacional, denominado de ProInfo⁴. Observamos, também, que os computadores trazem em sua CPU o ano de 2006, ou seja, são dez anos que estão na escola por uma iniciativa do Governo Federal, desde então, não vemos mais ações que contemplem investimentos em tecnologias para a educação nessa escola.

Solucionados os problemas com os computadores, agora teríamos que encontrar a solução para a internet. Como a internet utilizada pela escola era de baixa velocidade e teríamos a necessidade, para o desenvolvimento do projeto, de uma internet de velocidade rápida, foi preciso contratar uma empresa para a realização desse serviço, essa ação foi custeada pelo projeto. Houve a instalação de um roteador específico para o uso no laboratório de informática.

O fato de termos aumentado a velocidade da internet para a disposição do projeto, levou-nos a pensar que essa ação poderia ser evitada se o programa do Governo Federal - O Programa Banda Larga nas Escolas - doravante PBLE⁵ - que tem como objetivo conectar todas as escolas urbanas à internet propiciando qualidade,

⁴O Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) é um programa educacional criado pela Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997, para promover o uso pedagógico de Tecnologias de Informática e Comunicações (TICs) na rede pública de ensino fundamental e médio.

⁵ O Programa Banda Larga nas Escolas foi lançado no dia 04 de abril de 2008 pelo Governo Federal, por meio do Decreto nº 6.424 que altera o Plano Geral de Metas para a Universalização do Serviço Telefônico Fixo Comutado Prestado no Regime Público – PGMU (Decreto nº 4.769).

velocidade e serviço para modernizar o ensino público do país, tivesse sido efetivado nessa escola.

Temos, atualmente, no laboratório de informática, seis computadores conectados à internet e que são utilizados nesse projeto. A formatação de dois dos computadores não foi possível de ser realizada dadas as peças estarem deterioradas.

É importante trazer, agora, à discussão a seguinte indagação: Por qual motivo esses pontos, acima citados, são relevantes para esse trabalho? E a resposta parte do seguinte pensamento, quando trabalhamos com a tecnologia na escola, diversos fatores precisam ser observados com o objetivo de não criar uma expectativa nos discentes e depois não ter como concretizar a ação. Por essa razão, é que foi necessário dispor de um tempo de preparação para organizar toda a infraestrutura, e só depois apresentar a proposta aos alunos.

Por essa razão, é imprescindível que o professor-pesquisador tenha, previamente, definidas as ações que irão ser realizadas para a consolidação de seu projeto, com o intuito de se antecipar e de minimizar as possíveis eventualidades que possam interferir no desenvolvimento da prática de seu trabalho.

No decorrer do nosso trabalho, tivemos diversas aprendizagens, entre elas, uma se destaca, a parceria. Foi preciso estabelecer parcerias – Direção, Equipe Pedagógica, Professor, Aluno, e Equipes de apoio técnico - para que o projeto pudesse ser concretizado.

4.2 O primeiro encontro com os alunos

Para o primeiro encontro com a turma foi elaborado uma apresentação sobre a metodologia *Webquest*, com o objetivo de familiarizar a turma com o tema. Quando indagados sobre o tema, os alunos disseram que nunca tinham ouvido falar.

A apresentação se deu no laboratório de informática, e foi surpreendente o fato que os alunos, apesar de estudarem aproximadamente há três anos na instituição, foi a primeira vez que eles entravam no laboratório.

Durante a apresentação os alunos se mostravam curiosos e ansiosos para trabalharem com o computador. Na ocasião foi posto que, para a participação do projeto, os alunos teriam que pedir autorização de seus pais ou responsáveis para participar. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, doravante

TCLE⁶, para que o mesmo fosse lido e assinado pelo responsável, dando, assim, o consentimento para participar do projeto. Foi explicitado também para os alunos que todo o projeto estava organizado em fases que precisariam ser obedecidas e que eram fundamentais para o desenvolvimento da proposta.

Depois da apresentação, foi entregue os TCLE para que os alunos levassem para casa e trouxessem, posteriormente, assinados. Alguns alunos, no entanto, se mostraram adversos a ideia, no entanto levaram o termo. Na aula seguinte, os alunos devolveram o TCLE, mas alguns disseram que não participariam do projeto e por isso não trouxeram os termos assinados. Diante desse fato, foi preciso manifestar o respeito a opinião e esclarecer, mais uma vez, que só participaria do projeto os alunos que tinham os termos assinados.

O fato posto acima, despertou-nos a atenção. Por que adolescentes, que, possivelmente, vivem conectados com a internet não se interessariam em participar de um projeto em que iria colocá-los para interagir com o mundo virtual? Começamos a perceber que o comportamento hostil com a proposta se dava porque eles não acreditavam que seria possível a efetivação da proposta, e esses alunos, que a princípio se colocaram contrários à ideia, quando viram as aulas práticas acontecendo, eles, imediatamente, trouxeram os termos assinados e começaram a participar das aulas.

Outro ponto que também nos chamou atenção foi o fato de, no meio do grupo de adolescentes, alguns apresentavam certa timidez quando falávamos que eles teriam que fazer as atividades intermediadas pelo uso do computador, e por meio da observação realizada no decorrer das ações, uma hipótese foi levantada. É comum, quando trabalhamos com aparatos tecnológicos, despertar-nos uma certa timidez pelo fato de, muitas vezes, não conhecermos o funcionamento de um computador ou por medo de não conseguirmos realizar a tarefa solicitada, e com os alunos não é diferente.

Depois da aula de apresentação. Obedecendo o cronograma do projeto, ficou estabelecido que o próximo encontro se daria em sala de aula para a observação de docente e discente no que se refere a utilização de dispositivos digitais.

⁶ Ver apêndice D

4.3 As observações das aulas

Com o desenvolvimento das fases do projeto, duas aulas foram utilizadas para a observação dos alunos. A observação, na verdade, consistia em ver se os alunos utilizavam algum recurso tecnológico durante as aulas, contrariando assim, a determinação da escola que adota a Lei Nº 8.949, de 03 de novembro de 2009 que proíbe o uso de celular em sala de aula. O nosso objetivo, na observação, era ver se os alunos obedeciam à lei ou se utilizariam algum recurso digital sem que o professor, que estava ministrando a aula, percebesse.

Durante a observação não foi constatada nenhuma eventualidade com relação ao uso do celular. O que há, na verdade, é um acordo estabelecido pelo professor, que estava ministrando a aula, e os alunos do 8º H, que caso seja necessário a utilização do celular para atender alguma ligação, tanto professor, quanto o aluno precisam sair e atender o telefone do lado de fora da sala.

O acordo, acima posto, é um recurso para que o professor e os alunos utilizem o celular sem que isto lhe traga algum constrangimento. No entanto, em conversa com o professor de Língua Portuguesa do 8º ano H e os alunos, ouvimos que este acordo não é estabelecido com todos os professores.

Diante desse fato, percebemos que ainda não há, por parte da escola, uma diretriz assumida que possa sistematizar o uso dos celulares no ambiente escolar. Não houve uma discussão sobre o tema, não ficou estabelecido em quais situações poderia ser usado e se usado qual seria a situação que justificaria o seu uso. O que houve foi a proibição embasada na lei, em nenhum momento, foi ponderada a possibilidade de benefícios dos celulares e conseqüentemente da internet em sala de aula. Como não há, na escola, normas estabelecidas para o uso de celulares conectados à internet, situações constrangedoras como os alunos que têm seus celulares confiscados, reclamações de alunos contra os professores que utilizam o celular na sala de aula e pais que são chamados são comuns.

As observações também nos forneceram um fator relevante à nossa discussão. Durante as duas aulas, os recursos pedagógicos utilizados para a sua realização foram os recursos existentes em sala como o quadro, o lápis de quadro e o livro didático. Os alunos precisam copiar o assunto que está no quadro e depois o professor explica o assunto, ou seja, há uma centralidade do saber nas mãos do professor, a sua função nessa perspectiva é ser provedor de conteúdo com diz Gabriel (2013).

Essa realidade posta para alunos, que em sua maioria, já conseguem interagir com o dinamismo tecnológico é no mínimo desestimulante. O aluno, nesse contexto, apresenta-se como uma figura passiva do conhecimento, a interação está sempre em torno do assunto que está exposto no quadro.

A sala de aula, de acordo com o que vimos, é uma terra de pouca fertilidade de conhecimento, porque é um lugar unilateral de conhecimento. Os recursos para preparar essa terra são escassos. Os métodos utilizados são os mais tradicionais possíveis, e aqui, não nos colocamos contrários a essa metodologia, somos sabedores e conscientes de seu valor, mas vemos que para interagir com jovens que vivem conectados com um mundo virtual, precisamos buscar metodologias mais atrativa para intermediar o processo de ensino e aprendizagem. Metodologias que ativem os sentidos dos alunos e que lhes despertem o desejo da participação da aula.

A imagem que nos fica sobre a sala de aula é que se pudéssemos compará-la a uma embarcação, teríamos um barco sem motor, que para ser navegado precisaríamos olhar para as estrelas e observar os ventos, um esforço estritamente humano, enquanto que, seus passageiros estão acostumados à velocidades de motores e de serem guiados por GPS - *Global Positioning System* -Sistema de Posicionamento Global – o que temos, nessa situação, é um paradoxo.

Portanto, podemos dizer que o método de observação foi muito pertinente ao nosso trabalho, porque por meio dele conseguimos perceber pontos fundamentais que nos ajudaram a entender o comportamento dos alunos em sala de aula no que se refere a utilização dos dispositivos móveis e também nos acrescentou outras percepções que não tínhamos a respeito dos recursos metodológicos.

4.4 O questionário de pesquisa sobre a relação aluno-escola-tecnologia

Na sequência das nossas ações, depois das aulas de observações, tivemos duas aulas seguidas para que os alunos respondessem o questionário de pesquisa⁷. A princípio os alunos se mostraram hesitantes em responder o questionário, foi preciso esclarecer junto a eles que não haveria a exposição de seus nomes, e por essa razão, eles não precisariam recear por suas respostas.

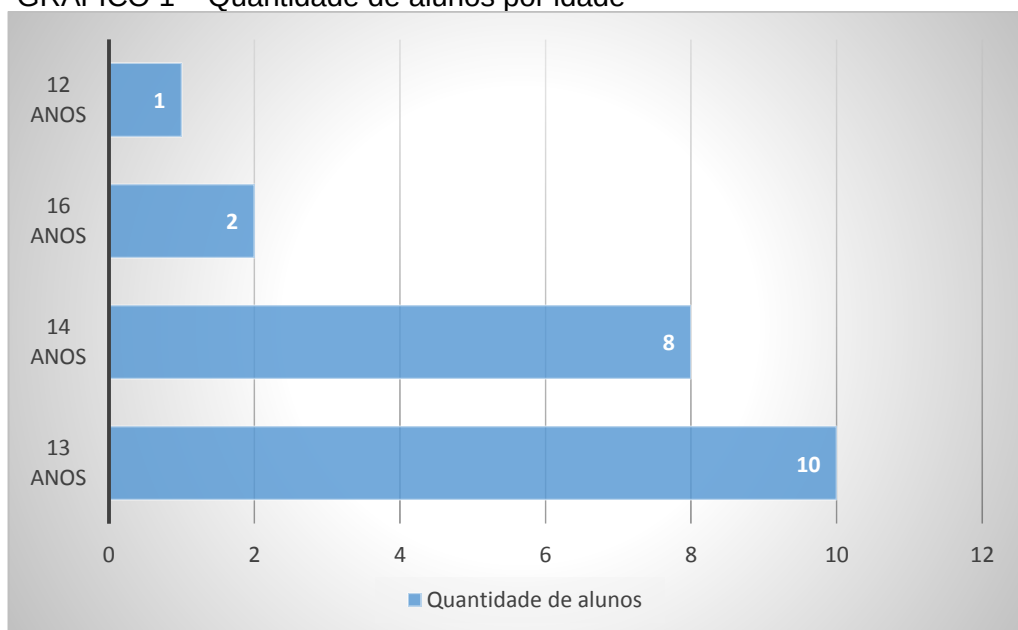
⁷ Ver apêndice A

Convém explicar que o receio dos alunos em responder o questionário foi porque no mesmo há uma questão, a de número 12, que perguntava se ele (o aluno) utilizava celular, *tablet*, *smartphone*, ou outro dispositivo digital na escola. E eles ficaram receosos em responder porque há a proibição de uso na sala de aula. Observamos, mediante a esse comportamento, que os alunos não perceberam que a pergunta foi sobre o uso na escola e não em sala de aula, toda essa situação nos levou a pensar o quanto ainda os alunos se inquietam com esse assunto.

O objetivo desse questionário era montar o perfil do nosso alunado e conhecer um pouco sobre seus hábitos no que se refere ao uso de dispositivos digitais como ferramenta para os estudos.

Para a análise dos dados, optamos em apresentá-los em tabela para facilitar a compreensão e permitir uma melhor visualização.

GRÁFICO 1 – Quantidade de alunos por idade



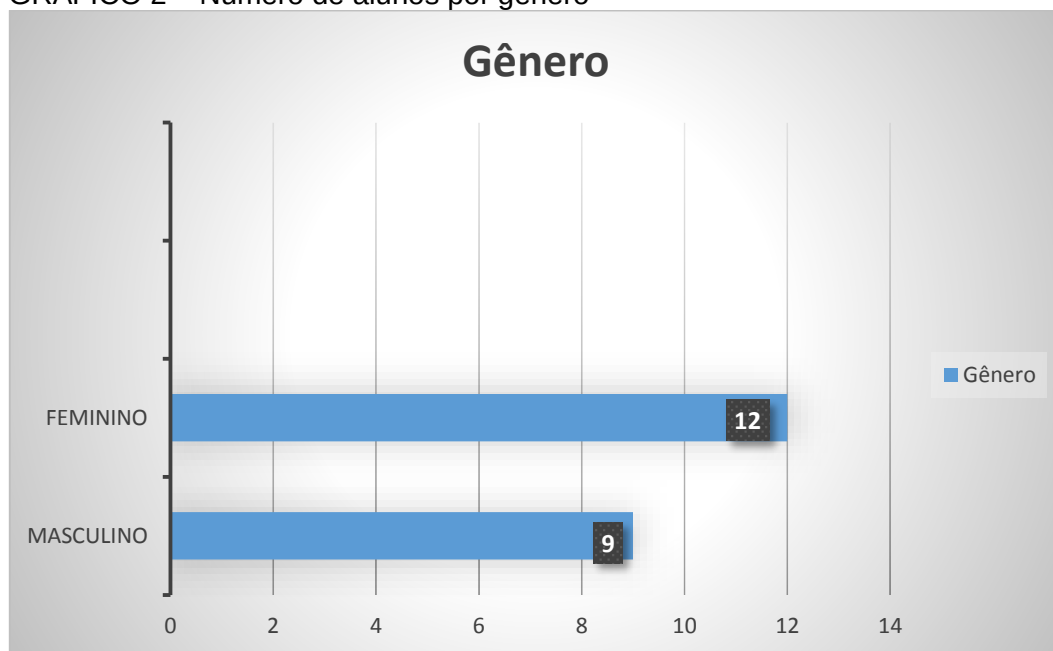
Fonte: Dados da pesquisa

Observando o GRAF. 1, vemos que há, nessa classe, uma predominância de jovens dos treze aos catorze anos. Do total de vinte e um alunos, apenas dois estão fora da faixa etária da sala, ou seja, não estão no nível educacional adequado à sua idade. Quando observamos as respostas desses dois alunos no quesito sobre a repetência escolar, percebemos que a resposta foi positiva para a reprovação, ou seja, esses alunos já foram reprovados. E na continuidade da observação, percebe-se que há apenas um aluno de doze anos nessa turma, e que se fizermos um comparativo com os demais, esse aluno parece estar adiantado em seus estudos.

Temos, diante desses dados, uma sala de aula com adolescentes sem muitas disparidades etárias e que são de uma mesma geração. A geração que Gabriel (2013) denominada de geração Z, que são os nascido a partir de início da década de 2000, e que convive e interage com as modernidades digitais em seu cotidiano.

Com a continuação da análise dos dados, apresentamos o próximo gráfico que traz os números de aluno por gênero.

GRÁFICO 2 – Número de alunos por gênero



Fonte: Dados da pesquisa

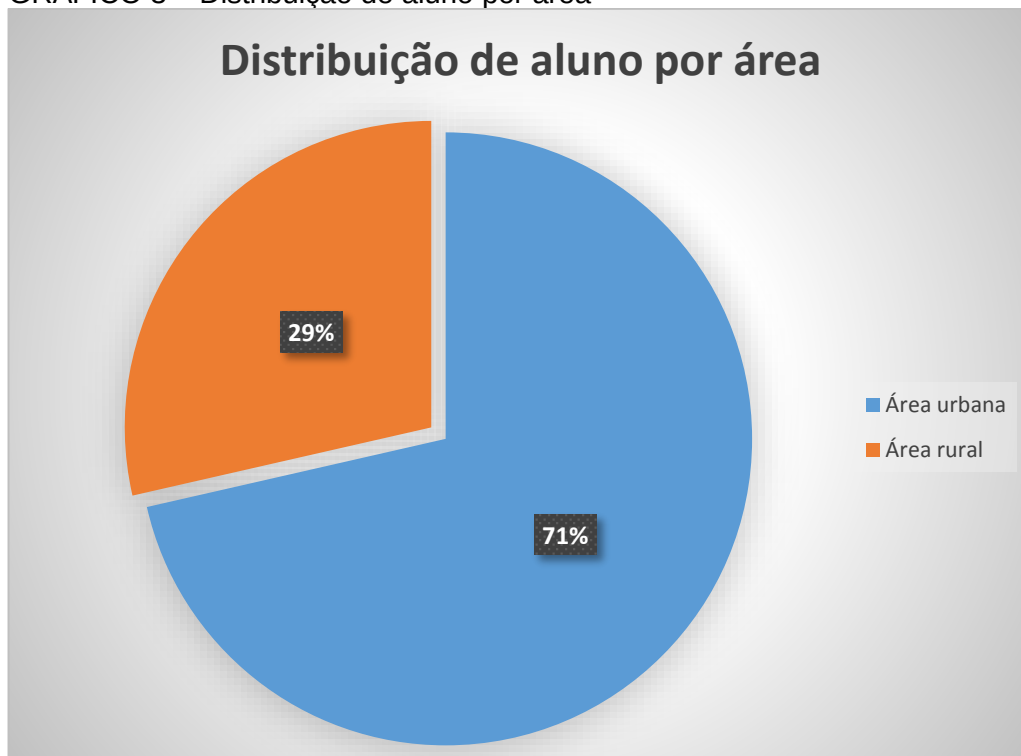
Podemos observar por meio dos indicadores, que, de vinte e um alunos, a maior quantidade é do gênero feminino. E esses indicadores são relevantes para o nosso trabalho porque, quando falamos em trabalhar com tecnologia na escola, podemos cometer um equívoco, o de acreditar que os meninos são os mais capacitados para a navegação na internet, por terem um comportamento ousado quando nos referimos à tecnologia. Por essa razão, precisaríamos, quando fôssemos para a parte prática do nosso projeto, colocar um nível de igualdade. A nossa preocupação, na verdade, era não permitir que, no momento das aulas práticas, apenas os meninos tomassem a frente dos computadores para realizarem a pesquisa, mas que tivéssemos um ambiente proporcional de possibilidades e oportunidades.

Para resolver o problema posto, optamos, então, em dividir a sala em grupos e esses grupos teriam líderes (meninos e meninas) que iriam estar à frente do trabalho. Depois de estabelecido os líderes, estabelecemos os grupos. A decisão, também, de

dividir a sala em grupo foi motivada ainda por mais dois fatores: a quantidade de computadores que não seria possível um para cada aluno e o trabalho em grupo que foi um quesito importante para o nosso trabalho.

Dando seguimento à nossa análise, apresentamos os indicadores de alunos por área (urbana e rural).

GRÁFICO 3 – Distribuição de aluno por área



Fonte: Dados da pesquisa

Na observação do GRAF. 3, percebemos que a maioria dos alunos pertencem a área urbana, com um percentual de 71% (setenta e um por cento), enquanto que o percentual dos alunos pertencentes à área rural atingiu 29% (vinte e nove por cento) do total geral. Esse indicador é valioso para o nosso trabalho porque por meio dele, observa-se quais alunos podem demonstrar alguma dificuldade no acesso à internet, haja vista, o acesso à internet na zona rural apresentar uma certa dificuldade.

O professor, diante desse fator, deverá ter a consciência de que, alguns alunos poderão demonstrar certa dificuldade, caso seja necessária a continuidade da pesquisa extraclasse. Porque teremos algumas limitações impostas pela estrutura de acesso à internet, principalmente, na zona rural da nossa cidade.

No quesito sobre a trajetória escolar, apresentamos os dados com o auxílio de uma tabela para demonstrar o desempenho escolar da turma em estudo.

TABELA 1 -Trajetória escolar

	SIM (%)	NÃO (%)
Sempre estudou em escolar pública?	62%	38%
Já repetiu a série alguma vez?	48%	52%

Fonte: Dados da pesquisa

A TAB. 1 permitiu-nos uma análise sobre a trajetória escolar dos alunos do oitavo ano H. Os percentuais apresentados no item: Sempre estudou em escola pública? Trazem um dado interessante, porque quando confrontamos os números daqueles que disseram: sim, e dos que responderam: não. Percebemos que há um número considerável de alunos que já passaram por uma escola particular. E quando observamos o item: Já repetiu a série alguma vez? Temos um percentual preocupante porque 48% (quarenta e oito por cento) disseram que sim, é um número considerado alto de repetência. Temos os índices quase que equiparados das porcentagens.

Podemos, diante desses dois itens acima postos, dizer que há, na sala do oitavo ano H, particularidades a serem consideradas. São experiências socioeconômicas que devemos considerar, porque temos, nessa mesma sala, percursos escolares de sucessos e de fracassos.

Essa observação realizada, por meio do questionário, permitiu-nos a percepção da heterogeneidade da turma, características que precisam ser observadas e trabalhadas.

A sala de aula é um campo que precisamos explorar, conhecer para depois trabalhar. Esse foi o nosso objetivo. Precisamos conhecer um pouco do histórico escolar dos alunos que participariam do projeto.

Com os dados sobre a idade, gênero, distribuição de aluno por área e a trajetória escolar já analisados, chega-se o momento de analisarmos do questionário o quesito: Opiniões sobre estudo e tecnologia.

Convém esclarecer, nesse momento, que esse quesito está dividido em questões que vão desde a questão de número oito até a de número treze. E para nos

assistir na visualização dos dados e tendo como objetivo permitir a leitura proficiente dos mesmos, recorremos, a princípio, à tabela para apresentar os percentuais das questões oito, nove, dez, doze e treze. No que se refere à questão onze, optamos por apresentá-la com o auxílio de um gráfico para melhor compreensão dos percentuais.

TABELA 2 -Estudo e tecnologia

	Sim (%)	Não (%)
Os estudos são importantes?	100%	-
Você utiliza internet?	76%	24%
Você tem <i>e-mail</i> ?	74 %	26 %
Você utiliza celular, <i>tablete</i> , <i>smartphone</i> , ou outro dispositivo digital na escola?	74%	26%
Na sua opinião a tecnologia poderia colaborar com o ensino na sala de aula?	95 %	5%

Fonte: Dados da pesquisa

Diante dos resultados elencados na TAB. 2, é o momento de evidenciarmos o potencial que a tecnologia com o acesso à internet tem na vida desses jovens. Quando observamos os números, percebemos a força que poderá ser utilizada para ajudar no desenvolvimento de potencialidades para a construção da aprendizagem. Quando perguntados se utilizam a internet, se têm *e-mail* e se utilizam algum dispositivo digital, observamos que as respostas apresentam uma variação de diferença entre elas pequena, e que em todas os percentuais ultrapassam os 70% (setenta por cento). Com esses índices, podemos comprovar que essa geração é a geração nativo-digital.

No levantamento e na análise dos dados, um número/percentual despertou o nosso interesse. 5 alunos, o que correspondem ao percentual de 24% (vinte e quatro por cento), responderem: Não, no quesito: você utiliza a internet? E, por que esse percentual nos apresentou certa relevância? Porque, diante da questão levantada, fomos observar, nos questionários dos mesmos alunos, as respostas dadas para o quesito 11, todos responderam que utilizavam a internet para a pesquisa escolar. Nesse caso, diante dessas respostas, havia uma contradição. Como eles não utilizam a internet e a utilizavam para pesquisa escolar?

Para a resolução do impasse estabelecido, precisaríamos investigar um pouco mais. Separamos os questionários para montar o perfil dos cinco alunos, observamos que esses são da zona rural, e quando há a solicitação para a realização de trabalhos de pesquisas, eles se utilizam das *lan houses*, e as pesquisas são realizadas pelos funcionários. Os alunos informam o tema da pesquisa e os funcionários fazem a pesquisa, imprimem e os alunos pagam pelo serviço. Por essa razão é que eles responderam que não utilizavam a internet. Na verdade, eles se valem da internet, porém não a utilizam.

A experiência acima relatada abre um pressuposto para a pesquisa. Sendo uma prática comum, entre os alunos, de irem à *lan house* e encomendarem as pesquisas solicitadas pelos professores, e diante desse fato surge um questionamento: qual o nível de comprometimento que esse aluno terá com a sua aprendizagem? Porque pelo que percebemos, alguns alunos não têm o trabalho de realizar a pesquisa. A princípio, pensávamos que os próprios alunos faziam-nas e que para não terem muito trabalho, ficavam com o primeiro *site* que aparecia em tela, mas hoje, diante do exposto, temos mais esse agravante quando falamos em pesquisas escolares.

No *continuum* da análise dos questionários, observamos, a seguir, o GRAF. 4 que foi gerado a partir das respostas da questão onze, esse trará os números mostrando em que os alunos utilizam a internet.

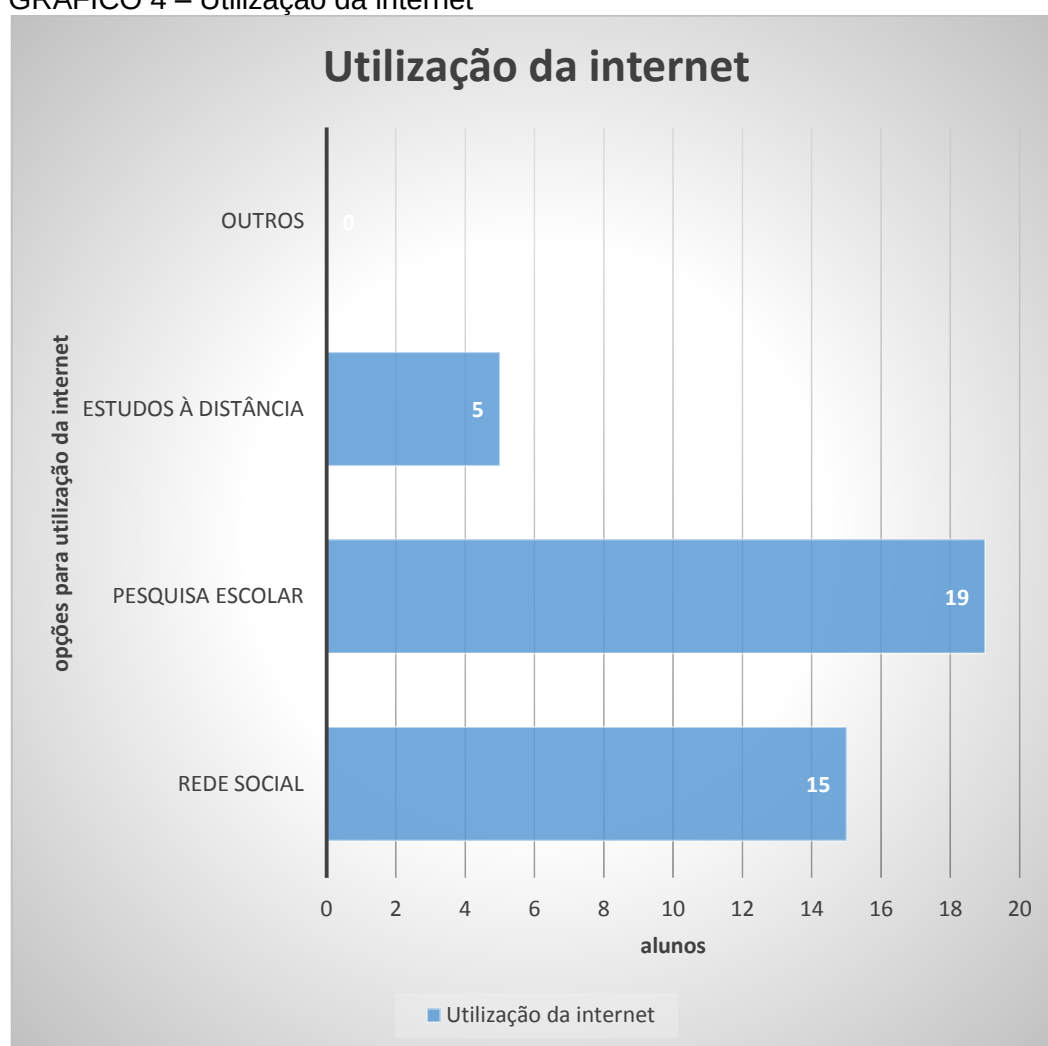
É importante esclarecer que, sendo uma questão de múltiplas escolhas, os alunos poderiam optar por mais de uma resposta. Objetivávamos, quando elaboramos essa questão, ter a percepção geral do uso da internet pelos alunos.

Acreditávamos, a princípio, que o maior número de alunos utilizaria mais a internet para navegar nas redes sociais. Tanto que, no questionário essa foi a nossa primeira opção.

Quando analisamos as respostas, surpreendeu-nos o número de alunos que utilizam a internet para a pesquisa escolar. E por que nos surpreendeu? Porque tínhamos a evidência, mediante ao constructo de impressões apresentadas por professores, que o número de alunos que iria optar pelas redes sociais iria ultrapassar os demais itens apresentados e essa impressão foi refutada.

Apresentamos o GRAF. 4 que traz um ponto de análise muito pertinente à nossa pesquisa. Os números que veremos, logo a seguir, trazem uma quebra de expectativa do ponto de vista da utilização da internet pelos alunos.

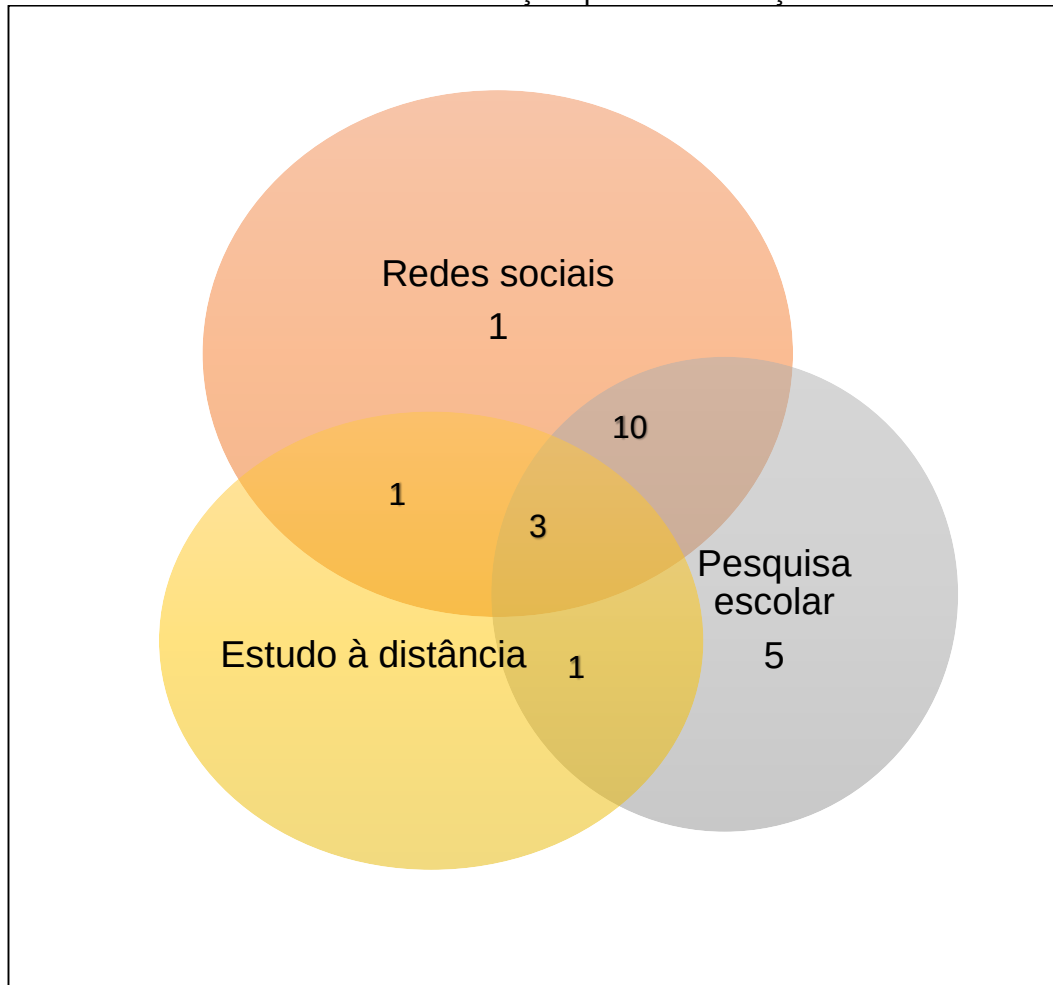
GRÁFICO 4 – Utilização da internet



Fonte: Dados da Pesquisa

Como utilizamos, na questão onze, respostas com múltiplas escolhas, gerou-se a partir dos dados a FIG. 6 que traz a apresentação do demonstrativo de intersecção.

FIGURA 6 - Demonstrativo de intersecção quanto a utilização da internet



Fonte: Dados da pesquisa

Observamos, por meio do FIG. 6, que a maioria dos alunos utilizam a internet tanto para se conectarem com as rede sociais, quanto para as pesquisas escolares. Esse fator nos remete ao potencial que a internet possui como fonte de pesquisa em meio aos alunos. E que, se o professor souber canalizar esse potencial, que é intrínseco da internet, poderá se deparar com um ambiente propício à aprendizagem permanente, promovendo, assim, o desenvolvimento de potencialidades individuais ou coletivas de seus alunos, e sobre esse aspecto Lévy (1999, p. 181) se posiciona dizendo:

Aprendizagens permanentes e personalizadas através de navegação, orientação dos estudantes em um espaço do saber flutuante e destotalizado, aprendizagens cooperativas, inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais, desregulamentação parcial dos modos de reconhecimento dos saberes, gerenciamento dinâmico das competências em tempo real...esses processos sociais atualizam a nova relação com o saber.

Acreditamos, ainda, que os números apresentados na FIG. 6, demonstram que, diante de um trabalho de pesquisa, a internet é uma das principais fontes de pesquisas para alunos, no entanto, desperta-nos a atenção os métodos utilizados para a realização dessas pesquisas e como as temáticas estão sendo abordadas.

Portanto, é imprescindível que os professores avaliem o grau de comprometimento do aluno que, quando incubido de realizar uma tarefa de pesquisa, utiliza-se da internet para realizá-la, porque alguns alunos não primam pela qualidade da pesquisa, pela construção do conhecimento e os professores poderão ter a percepção de que nada ficou da pesquisa realizada. Foram ações, simplesmente, para cumprir com a tarefa solicitada.

4.5 O Experimento e a mudança de direção

A fim de atingir os objetivos, colocamos em prática a metodologia da WQ.

Antes de começarmos, tivemos uma conversa com o professor titular da disciplina Língua Portuguesa do 8 ano H, durante a nossa conversar, apresentamos a WQ que iríamos trabalhar. Mostramos que a WQ estava de acordo com o plano de curso, contemplando os conteúdos programados do livro didático.

Utilizando-nos da observação, tivemos a percepção de que o professor ora contactado não apresentava interesse pela temática de trabalhar a vida e a obra de João Cabral de Melo Neto. Em conversa, perguntamos se ele teria alguma outra sugestão, algum outro conteúdo que pudessemos trabalhar. No momento, da nossa indagação, percebemos que havia, por parte do professor, uma preocupação com o conteúdo que estava sendo abordado naquele bimestre e que por sinal, de acordo com o próprio, já teria sido motivo de preocupação junto à coordenação da escola. O assunto do qual o professor se referia era a classe gramatical verbo. A preocupação estava centrada no fato de que os alunos não conseguiam identificar o esta classe gramatical em um contexto oracional.

O fato posto nos remete ao que diz Angrosino (2009, p. 43) “a verdadeira etnografia depende da capacidade de um pesquisador de observar e interagir com as pessoas enquanto elas essencialmente executam suas rotinas do dia a dia.”

Diante da preocupação exposta, não tínhamos como ignorá-la, era o momento de mudar a direção da nossa proposta inicial, mas previamente foi acordado que

depois que trabalhássemos essa a categoria gramatical utilizando-se da WQ, trabalharíamos a outra WQ anteriormente por nós proposta, ou seja, a vida e obra de João Cabral de Melo Neto.

Começamos a pensar em criar uma nova WQ que auxiliasse o professor no processo de ensino e de aprendizagem sobre o reconhecimento de verbos na oração. Utilizando os recursos do *google sites*, criamos a [webquest navegandocomverbos](#). Essa WQ objetivava auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem do reconhecimento dos verbos e tornar o conteúdo mais dinâmico.

Com os recursos existentes no *google sites*, e que estão à disposição de qualquer pessoa, desde que essa possua um gmail, e que queira adentrar no universo da criação de *Webquest*, criamos a WQ que apresentaremos a seguir.

É importante destacar que optamos pelo *google sites* para criarmos as WQs porque é de simples formatação, não precisamos ser um conhecedor técnico para formatar. E esse ponto nos remete ao pensamento que, se o professor tiver interesse ele poderá montar a sua própria WQ.

Para tanto, faz-se necessários alguns conhecimentos básicos de informática, conhecimentos esses que quase todos possuem pela interação que temos hoje com o mundo informatizado. E nesse momento cabe a fala de Coscarelli (2014, p. 31) quando diz que, “os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para essa nova realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e planejando formas de usá-los em sala de aula.” Nesse âmbito a autora se posiciona dizendo:

Para que a informática se instaure como tecnologia educacional, é preciso que os professores se preparem para operar desembaraçadamente com esse instrumental. Isso não significa ser expert em informática, mas familiarizar-se com os recursos básicos necessários à utilização dessa tecnologia (COSCARELLI, 2014, p. 40).

A WQ navegando com verbos trará em sua página inicial uma breve apresentação sobre o tema .

FIGURA 7 – WQ Navegando com verbos - página inicial



Fonte: Primária

É com essa página inicial que os alunos começam a sua navegação. Tínhamos o objetivo de fazer com que o aluno começasse a se familiarizar com os verbos. Na continuação da navegação teremos a introdução.

A introdução traz uma notícia sobre a aluna que representaria o Brasil na olimpíada de neurociência. O interessante dessa notícia é que a representação na olimpíada será feita por uma jovem, assim como os alunos do 8º ano H, mas há uma particularidade na notícia, foram retirados os verbos e o aluno terá que lê-la. É evidente que causará certa estranheza, mas o objetivo é esse. Queremos que o aluno perceba que o texto não está completo. Faltam as palavras que são responsáveis pelas ações e estados dos sujeitos, ou seja, faltam os verbos.

Outro ponto que deixamos mais evidente foram os verbos na construção dos enunciados. Observemos que eles foram realçados com letras em azul, esse é um

recurso visual em que desperta a atenção do aluno na hora da leitura, e que o professor poderá se utilizar durante as aulas para dar ênfase à essas palavras.

FIGURA 8 - Navegando na WQ com verbos – introdução



Fonte: Primária

A navegação continua com a apresentação das tarefas que os alunos precisam realizar. É importante dizer que as tarefas foram elaboradas para que os alunos comesçassem a construir uma linha de raciocínio, porque tínhamos a pretensão de subsidiar por meio da WQ as aulas de Língua Portuguesa, especificamente sobre verbos, para que, em um outro momento, o professor pudesse embasar suas explicações e suas atividades avaliativa.

Partimos, então, do significado da palavra verbo, fomos para a definição, na continuidade a função que o verbo exerce e por último a conjugação.

FIGURA 9 - navegando na WQ com verbo - tarefa



Fonte: Primária

Sabedores das tarefas, é o momento de conhecer como se dará o processo. Optamos em trabalhar em conjunto por acreditarmos que um colaborará com o trabalho do outro.

FIGURA 10 - navegando na WQ com verbos - processo



Fonte: Primária

Com a definição sobre o processo já tomada, agora é o momento de começar a navegação fora da página da WQ. Lembremos-nos de que os alunos precisam realizar as tarefas postas e para isso, faz-se necessário que eles visitem sites que colaborem com suas pesquisas e esses possam realizar suas tarefas.

Este momento, também, é utilizado para que os alunos sejam orientados no que se refere à navegação e aos hipertextos que eles poderão encontrar em seus acessos. É importante orientá-los nessa prática, porque alguns alunos não têm o hábito da navegação intermediada pelo computador, muitos dos nossos não possuem computadores, e essa constatação nos remete ao dizer de Coscarelli (2014, p.29) quando ela se posiciona dizendo:

Ainda não precisamos trocar o lápis e a caneta pelo teclado, mas devemos aceitar essa troca como algo previsto para um futuro próximo. Esperamos que isso não se dê apenas nas camadas privilegiadas da sociedade. Cabe, então, a nós professores, sobretudo das classes populares, criarmos formas de incluir nossos alunos nessa viagem, [...].

FIGURA 11 - navegando na WQ com verbos - recursos



Fonte: Primária

Para a conclusão, optamos em trabalhar usando uma linguagem que se aproximasse dos alunos com o intuito de trabalhar ainda mais o conteúdo sobre verbos. Apresentamos uma proposta em que os alunos teriam que preencher as lacunas de uma música que é muito conhecida por eles, para ajudá-los nessa atividade, colocamos um *link* que irá conectá-los com *youtube*, e os alunos terão a oportunidade de assistir ao vídeo para completar a atividade proposta, tabalhando, dessa forma, com o audio-visual.

FIGURA – 12 navegando na WQ com verbos - conclusão



Fonte: Primária

Depois de toda a construção da WQ, chegou o momento de pôr em prática e conferir os resultados. Vamos apresentar a seguir os passos da trajetória das aulas práticas no laboratório de informática.

4.5.1 As aulas prática com a WQ navegandocomverbos

É gratificante olhar que a proposta foi entendida pelos participantes e que se estabeleceu, a partir desse trabalho um ar de confiança entre as partes.

Observamos que o professor de Língua Portuguesa, que é o titular da turma oitavo ano H, percebeu o nosso desempenho e o desejo que tínhamos em auxiliá-lo no processo desenvolvido para ministração do conteúdo sobre verbos.

A nossa primeira aula prática foi marcada por descontrações, por parte dos alunos e uma certa ansiedade por parte da professora-pesquisadora, essa última por trazer os anseios de que tudo daria certo. Trazíamos o desejo que os computadores funcionassem, que a velocidade da internet fosse suficiente para acessar os sites e carregar o vídeo.

Logo, quando os alunos chegaram, encontraram o laboratório organizado e os computadores ligados como mostram as imagens da FIG. 13:

FIGURA 13 - O laboratório de informática da escola depois da reforma



Fonte: Primária

Antes o que tínhamos era uma sala com computadores que não conseguíamos ligá-los por falta de manutenção como já fora dito. Era uma quadro desolador, os alunos, na primeira vez que visitaram o laboratório, ficaram desapontados, parecia um depósito de materias inutilizados. Os professores não visitavam o laboratório porque sabiam que não conseguiam trabalhar nos computadores e também não conseguiam acessar a internet. Na verdade, o que tínhamos era uma sala com computadores quebrados e inutilizados pelo tempo. Conforme podemos observar na FIG. 14.

Quando registramos esse momento no laboratório de informática, registramos também a falta de comprometimento que os órgãos competentes possuem com os investimentos para educação. Passaram-se anos sem que houvesse uma manutenção nesses computadores.

FIGURA 14 - Laboratório de informática da escola antes da reforma



Fonte: Primária

A aula prática começou com a explicação sobre a WQ navegandocomverbos, depois os alunos foram para a aula prática acessando o endereço que lhes foi informado e começaram os trabalhos.

FIGURA 15 – Os alunos no laboratório de informática da escola



Fonte: Primária

Quando os alunos iniciaram o acesso a WQ, começamos a perceber o quanto eles precisam ter o letramento técnico-digital com o computador, porque alguns deles têm habilidades no trato com o celular, mas quando se deparam com um computador não demonstram o conhecimento técnico de informática.

Um fato curioso que ocorreu no desenvolvimento de uma das aulas práticas, foi quando, terminada a aula, foi pedido para que os alunos desligassem os computadores, e alguns não sabiam como fazê-lo, foi preciso a intervenção da professora-pesquisadora para auxiliá-los no desligamento. Esse fato, revelou-nos que, alguns alunos, mesmo fazendo uso dos aparatos digitais não possuem habilidades técnicas. Foi Ribeiro (2012, p. 43) quem fez referência à respeito do letramento digital dizendo que “para alcançar algum grau de *letramento digital*, as pessoas precisam aprender ações que vão desde gestos e o uso de periféricos da máquina [...]”(grifos da autora), e alguns dos nossos alunos, ainda, não são letrados digitalmente e nem tecnicamente. Por essa razão, também cabe à escola, em sua amplitude, colaborar no desenvolvimento desses letramentos, objetivando potencializar o letramento dos alunos, e a esse respeito Ribeiro (2012., 43) se posiciona, “o letramento digital pode acontecer por meio da agência as mais diversas, independentemente da escola. Mas também ela pode ser uma das agências fundamentais desse letramento.”

A WQ navegandocomverbos pode ser classificada como uma WQ curta, as suas tarefas foram pensadas para serem cumpridas com um pequeno grau de dificuldade. Por essa razão utilizamos cinco aulas para que a WQ fosse realizada.

4.5.2 Práticas em sala

As duas primeiras aulas foram para que os alunos experienciassem o uso da WQ, nas aulas seguintes tivemos a oportunidade de começar a realização das tarefas.

Na visitação dos *sítes*, os alunos faziam as suas anotações para que essas pudessem servir de base para a realização da atividade. Como tínhamos um período de aula de apenas quarenta e cinco minutos, os alunos acreditavam que o tempo era pouco para fazer a pesquisa e fazer as anotações, resolvemos, então, deixar mais uma aula para a navegação nos *sítes* e as anotações.

Durante as aulas, fatos foram acontecendo que despertaram a nossa atenção. Os alunos que diziam que não utilizavam o celular em sala de aula, esse mesmos utilizavam o celular para fotografar os conteúdos, e uma fala que perdurou por todas as aulas era se eles poderiam acessar as redes sociais. Muitos queriam até que fossem colocados em seus celulares a senha de acesso do *wi-fi*.

Há, no caso acima posto, um excesso que precisa ser controlado, e que o professor precisa ter mecanismo para administrar essa situação. Halavais (2015 apud FRAGOSO; RECUERO, AMARAL, 2015, p.15) diz que, “a internet nos permite ver mais interações sociais do que jamais esperávamos, e agora nos deparamos, em muitos casos, com o excesso de uma coisa boa”. É exatamente esse excesso da interação social que torna a internet algo prejudicial. Um pouco mais adiante, Halavais (ibid.,15) afirma que, “como sempre, há o perigo potencial de que deixemos que os nossos instrumentos nos usem.” É o que, basicamente, percebemos no que se refere ao comportamento de dependência que há, de alguns alunos, quando estão diante de um computador com internet, o pensamento se volta apenas para redes sociais, e assim a instrumentalização torna-se real, é o instrumento usando o ser.

E, partindo desse princípio, começamos a ter a percepção de que, quando optamos por trabalhar com a perspectiva do letramento tecno-digital, devemos estar preparados para nos depararmos com alunos que demonstram comportamentos imersivos e condicionados aos hábitos de navegação nas redes sociais e que, tais comportamentos, justificam-se pelas palavras de Santaella (2004, p. 52) “quanto

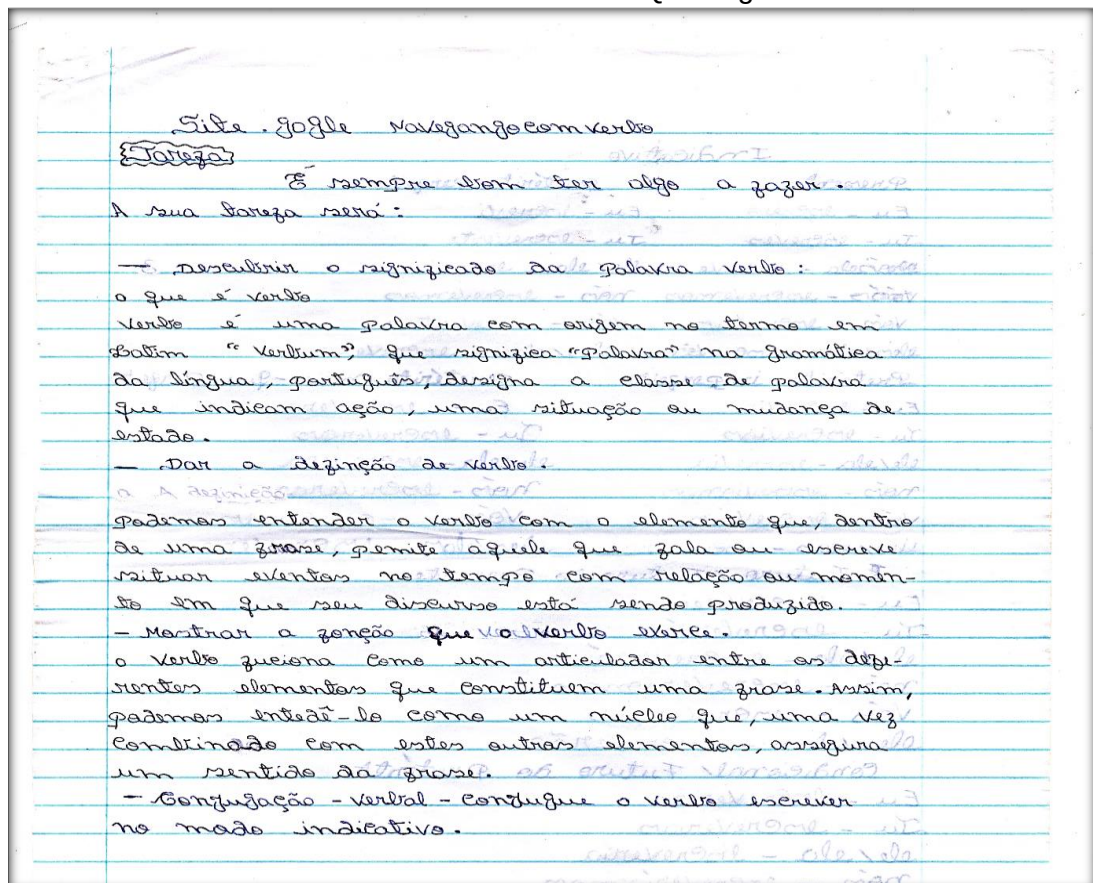
maior a **interatividade**, mais profunda será a experiência de imersão do leitor". (Grifo nosso).

O que nós professores precisamos entender é que a interatividade é o fator primordial que devemos enfatizar nas aulas com os recursos digitais.

Depois da navegação e da anotações era o momento de montar o trabalho de pesquisa. Foram destinadas duas aulas para que os alunos organizassem as anotações de forma que eles pudessem realizar a tarefa proposta. Durante as aulas, os grupos se organizaram e começaram a montar o trabalho de pesquisa. No total, foram utilizadas seis aulas para a realização das pesquisas, anotações e tarefas proposta na WQ.

Apresentamos, a seguir duas amostras de como foi o resultado final da WQ navegando com verbos.

FIGURA 16 - 1ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos



Fonte: A.F.S, J.P da S & L.M da S

FIGURA 17 - 1ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos

Indicativo

Presente

Eu - escrevo Tu - escreves Ele/ela - escreve Nós - escrevemos Vós - escreveis Eles/elas - escrevem

Pretérito

Eu - escrevi Tu - escreveste Ele/ela - escreveu Nós - escrevemos Vós - escrevestes Eles/elas - escreveram

Futuro

Eu - escreverei Tu - escreverás Ele/ela - escreverá Nós - escreveremos Vós - escreverdes Eles/elas - escreverão

Condicional

Eu - escreveria Tu - escreverias Ele/ela - escreveria Nós - escreveríamos Vós - escreveríeis Eles/elas - escreveriam

Fonte: A.F.S, J.P da S & L.M da S.

FIGURA 18 - 1ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos

Meu Violão e o nosso cachorro
 Simone e Simaria, as coleguinhas
 Compositora: Simaria Mendes

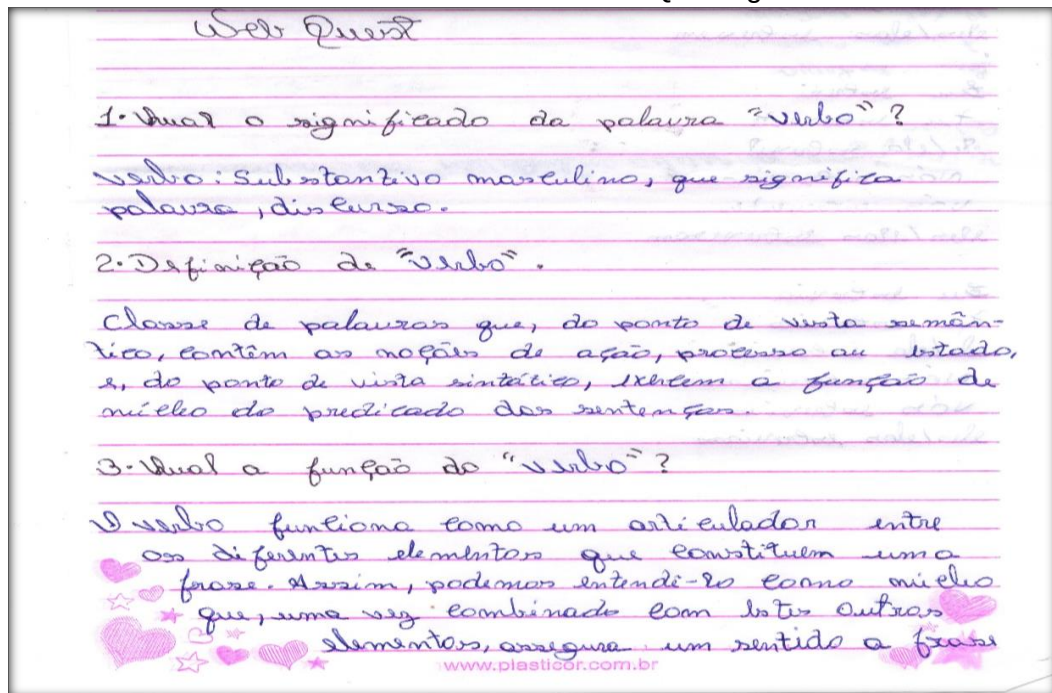
Pode ficar aqui, mas eu quem,
 Vou partir o que a gente construiu
 Não é preciso dividir
 Zizinhos tantos planos, compromissos tantas coisas
 mas a amar e longe disso
 precisamos de um tempo em relação a nós dois
 depois decidimos o final expere que
 seja um final feliz.

Se o nosso amor se acabar eu de você
 não quero nada pode ficar com
 a casa inteira e o nosso carro por você
 eu vivo e malno

mas dessa casa eu só vou
 leva meu violão e o nosso
 cachorro se amanha a gente se
 a conta tudo bem mas se a gente
 não voltar posso voltar posso
 chora e até ficar no mar
 mas dessa casa eu só vou
 leva meu violão e o nosso cachorro

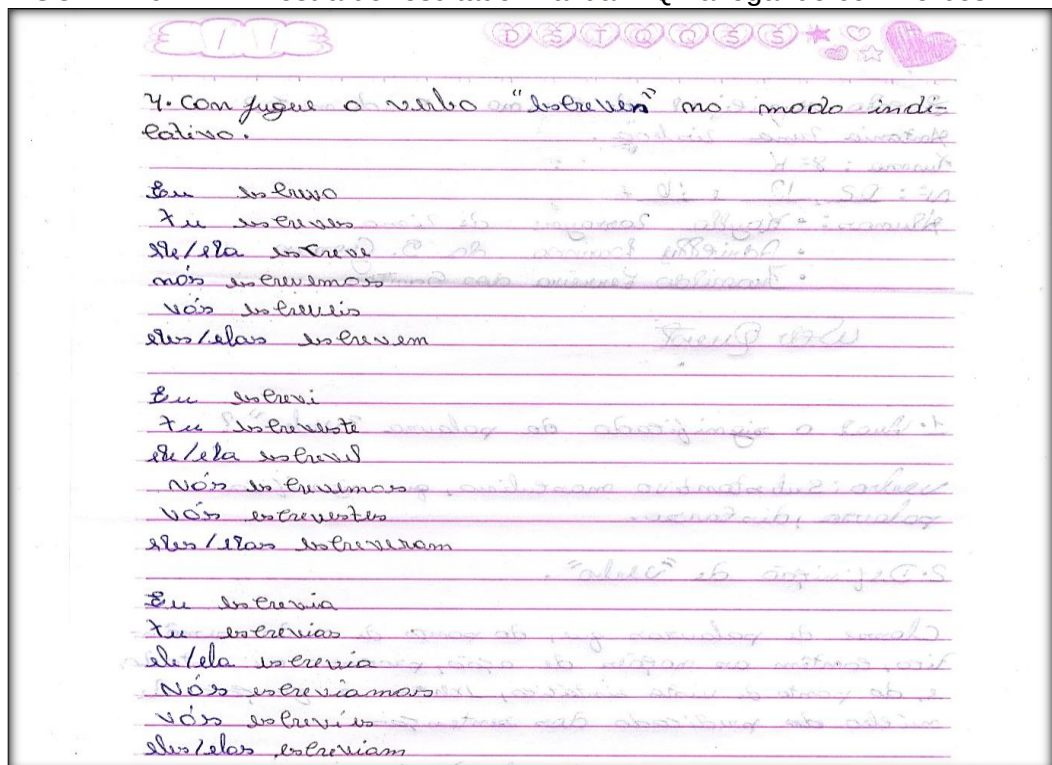
Fonte: A.F.S, J.P da S. & L.M da S.

FIGURA 19 - 2ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos



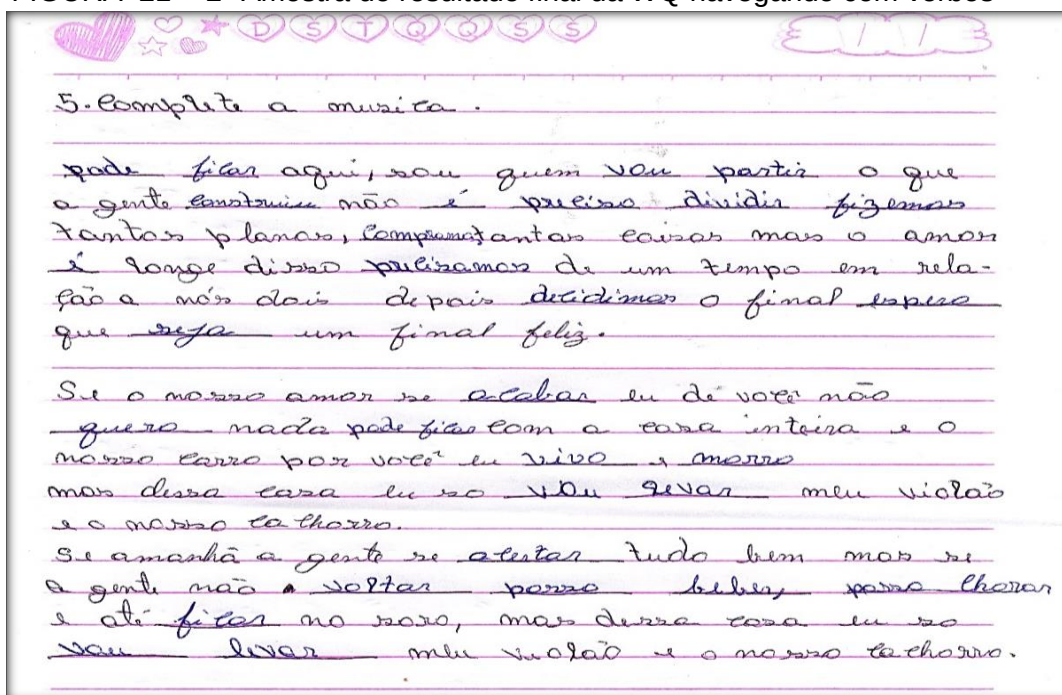
Fonte: K.L. de L, A.L.Da S. G, I.F dos S.

FIGURA 20 - 2ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos



Fonte: K.L. de L., A.L.Da S. G. & I.F dos S.

FIGURA 21 - 2ª Amostra do resultado final da WQ navegando com verbos



Fonte: K.L. de L., A.L.Da S. G. & I.F dos S.

Podemos observar, de acordo com as amostras que foram apresentadas, que as tarefas solicitadas foram realizadas, e que a pesquisa foi direcionada aos mesmos endereços de forma que os alunos pudessem realizar suas tarefas sem dificuldades.

Um ponto que também contribuiu para a realização da tarefa foi o fato de que a WQ pode ser acessada em qualquer parte, a qualquer hora e não necessariamente na escola, e sobre esse aspecto Moran (2012, p.93) se posiciona dizendo:

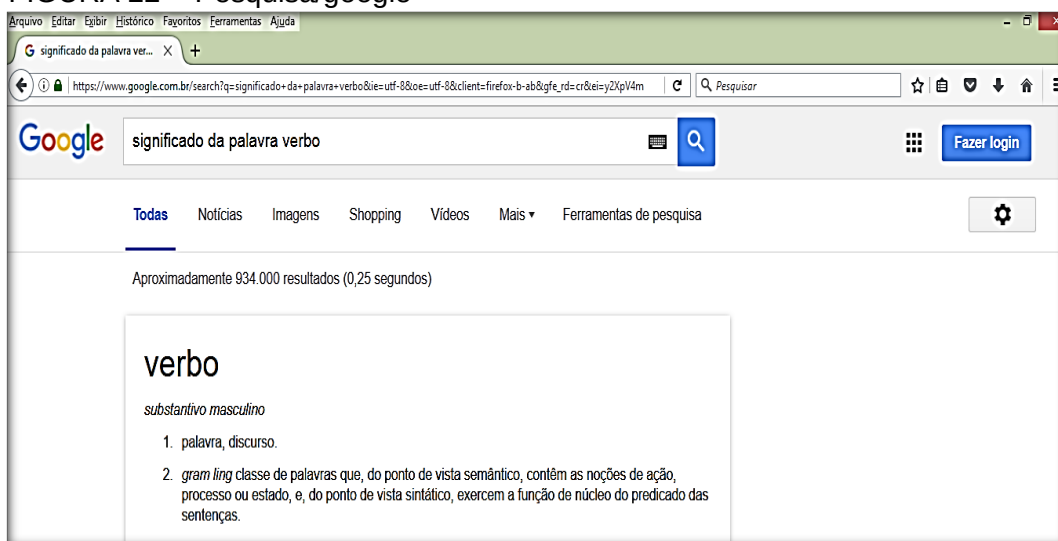
as redes, principalmente a internet, estão começando a provocar mudanças na educação presencial e a distância. Na presencial, desenraizaram o conceito de ensino localizado e temporal. Podemos aprender de vários lugares, ao mesmo tempo, on e off-line, juntos e separados.

Observamos que, durante as aulas em que os alunos estavam organizando a escrita do trabalho, em nenhum momento, tivemos perguntas que muitas vezes são cotidianas durante um trabalho de pesquisa como: Está em que página a resposta? Qual o capítulo do livro que fala sobre isso? Essas falas não foram realizadas no contexto da nossa pesquisa. Observávamos que a medida em que a navegação acontecia, os alunos liam e anotavam a informação que lhes era pertinente, em muitos momentos, como pesquisador-observador, fazia a comparação dessa atitude de independência dos alunos com a fala de Santaella (2004, p.70) quando a autora faz

referência ao usuário experto que “é capaz de realizar todas ou quase todas as operações de navegação sem encontrar nenhum estado insatisfatório”. Somos sabedores de que, para a realização dessa atividade, a metodologia WQ, foi o facilitador dessa navegação, despertando no usuário uma atitude de segurança ao realizar a tarefa que lhe foi confiada.

No princípio do nosso estudo, tínhamos uma premissa, a de que os alunos iriam apresentar as mesmas respostas para as questões levantadas, haja vista, eles navegarem pelos mesmos *sites*, mas tal pressuposição não se configurou conforme podemos observar nas FIG. 19, 20 e 21. Temos, na verdade, respostas diferentes, no entanto corretas, para as mesmas questões propostas, e esse ponto, levou-nos a uma investigação do porquê do grupo de alunos não conseguir chegar às mesmas repostas dos outros grupos, mesmo tendo os mesmos endereços e as mesmas condições de pesquisa. Quando acessamos os endereços sugeridos na WQ em estudo e comparamos com as repostas apresentadas pelo grupo das FIG. 19, 20 e 21, percebemos que os alunos não obedeceram à navegação sugerida, as repostas não estavam de acordo com os *sites* sugeridos, então, diante desse fato, buscamos compreender o que tinha ocorrido. Começamos então uma pesquisa na internet, e chegamos a conclusão de que os alunos, mesmo tendo os endereços na WQ, utilizaram para responder as questões outro recurso da internet, o site de busca *Google*, conforme a FIG. 22.

FIGURA 22 - Pesquisa/google



Fonte: www.google.com.br. Acesso em: 27/09/2016.

Mas qual seria a motivação para que esses alunos, mesmo com o recurso de pesquisa na própria WQ, utilizassem do *site* de busca *Google*? Esse fato despertou o nosso interesse e nos levou ao seguinte pensamento: Será que é um hábito consolidado entre os alunos a utilização do *site* de busca *Google* para realizar suas pesquisas? Será que os alunos conhecem outros *sites* de busca? Será que é tão automático o fato de que, quando se fala de pesquisa na internet, o único recurso que se tem é o *Google*?

O questionamento acima posto, motivou-nos a uma conversa informal com os alunos. Quando indagados de como eles realizavam alguma pesquisa, eles responderam que utilizavam o *Google*. Os alunos colocavam o assunto da pesquisa e no primeiro *site* realizavam a sua pesquisa. Pergundados ainda sobre o conhecimento de outros *sites* de busca, os alunos se apresentavam desconhecedores. Então, diante desse fato, podemos constatar que há uma primazia do buscador *Google*. Há uma padronização da atividade de pesquisa. Essa constatação é preocupante, porque pode estar havendo um controle de informação, principalmente se juntarmos a essa constatação à fala de Gabriel (2013, p. 63) ao dizer que:

[...]os agentes computacionais também podem exercer um grande controle sobre os indivíduos. Esse é o caso da busca, por exemplo, em que estamos limitados a encontrar apenas o que o buscador (*Google*, por exemplo) decidiu nos apresentar como resultado da pesquisa.

Precisamos ter em mente que os *sites* de buscas são necessários, e como diz Gabriel (2013, p.63) “não conseguiríamos atuar no ambiente digital sem esses agentes – como encontrar o que precisamos sem um buscador que nos auxilie?”, porém devemos desenvolver práticas de buscas/pesquisas que possibilitem a reflexão e a criticidade, e a metodologia WQ, com seus recursos e com a criatividade de quem a elabora, pode colaborar com a quebra das molduras estabelecidas dos *sites* de busca, tornando a pesquisa mais interessante com objetivos e tarefas a serem cumpridas.

Quando elaboramos a WQ navegandocomverbos, tínhamos como objetivo auxiliar no processo de ensino/aprendizagem do reconhecimento dos verbos e tornar o conteúdo mais dinâmico. Acreditamos que o objetivo foi alcançado, e que os resultados gerados a partir da WQ navegandocomverbos foram capazes de fornecer

ao professor subsídios relevantes para serem trabalhados em sala, e para os alunos a oportunidade de construção do conhecimento a partir da interação e da pesquisa-investigativa- direcionada por uma metodologia .

Neste diapasão, percebemos que a metodologia investigativa WQ poderá ser utilizada também para auxiliar no desenvolvimento de conteúdos que apresentem certa dificuldade de aprendizagem, permitindo ao aluno a possibilidade de interagir e de navegar em fontes que muitas vezes despertam mais os nossos sentidos.

4.6 Trabalhando com a WQ EMEFALL – De volta ao pensamento inicial

Quando, no início, pensávamos em trabalhar com a WQ EMEFALL tínhamos a pretensão de ministrar um conteúdo que fosse novo para os alunos. Conjecturávamos a ideia de que, a princípio, faríamos uma pesquisa para conhecer as formas utilizadas de pesquisas que eles mais usam e ver, na prática, o resultado da pesquisa, e a partir daí apresentar a WQ EMEFALL para nortear toda a pesquisa e a partir do estudo da WQ, verificarmos o resultado da aprendizagem. Mas, quando tínhamos o desejo de apresentar a nossa ideia, fomos sugestionados a mudar os nossos planos, mudar a nossa navegação, a partir de uma necessidade real de ensino.

Essa mudança de perspectiva nos foi muito gratificante, porque nos permitiu um aprendizado que enriqueceu grandemente o nosso trabalho. A nossa visão de possibilidade de uso da WQ foi ampliada mediante o problema proposto, percebemos que seria de extrema valia para o nosso trabalho mudar, naquele momento, a direção, e tal comportamento nos levou ao pensamento de Freire (2011, p. 24)

A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes.

Os nossos saberes se ampliaram na produção de uma nova WQ, mas sentíamos a necessidade de pôr em prática a ideia primária.

Conversamos com o professor titular da turma selecionada para o nosso estudo e chegamos à conclusão de que seria importante fazer com que os alunos experienciasse uma WQ com questões mais literárias.

A princípio, iríamos apresentar o tema motivador para os alunos a fim de que fizessem suas pesquisas sem a intervenção da WQ, e logo em seguida apresentaríamos a WQ e começaríamos a trabalhar. Queríamos confirmar se a abordagem que fizemos anteriormente em relação à pesquisa utilizando o buscador *Google* iria se realizar. Se os alunos manteriam o hábito de pesquisa utilizando o *site* buscador e se restringiriam apenas em um único *site* para efetuar a sua pesquisa.

4.6.1 A pesquisa – uma amostragem sob a perspectiva do aluno

Quando os alunos foram conduzidos ao laboratório de informática, eles pareciam já familiarizados com toda a dinâmica da aula. Queriam saber o que iriam pesquisar, e qual WQ iria orientá-los. Mas, para constatar a nossa verificação sobre a pesquisa, conduzimos os alunos apenas a página inicial da WQ, na qual apresentaria aos nossos discentes o tema da nossa pesquisa, e pedimos a eles que pesquisassem sobre a vida e a obra de João de Cabral de Melo Neto, e essa pesquisa seria sem o auxílio da WQ.

FIGURA 23 - Apresentação do tema para pesquisa



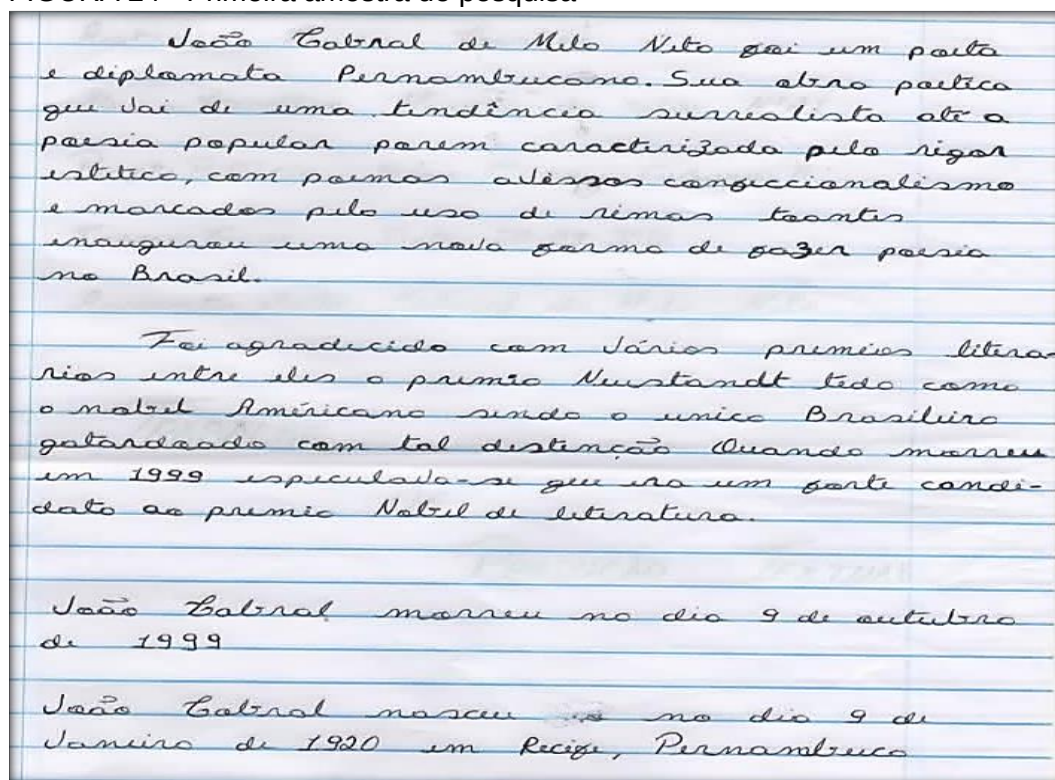
Fonte: Primária

Com a proposta em mão, os alunos precisariam começar a pesquisa. Indagados sobre o conhecimento do tema, todos afirmaram que desconheciam o escritor. Eles começaram a pesquisa, agora, de forma individual, revezavam nos computadores para cumprir a tarefa. Muitos não queriam esperar e faziam as mesmas anotações

dos colegas, em momento algum, eles apresentavam uma preocupação de pesquisar em mais de um *site*. Eles colocaram o tema da pesquisa no *Google* e diante do que aparecia na busca, escolhiam o *site* e começaram a copiar. Reproduziam *ipsis litteris* o conteúdo apresentado, não buscavam outros *sites* para alargar as suas pesquisas. Não apresentavam, em momento algum, um cuidado com o conteúdo, o que nos parecia era que a tarefa teria de ser cumprida tão simplesmente cumprida.

Conforme a aula acontecia, as anotações eram realizadas e no final da aula, os alunos apresentaram o produto de sua **pesquisa**. (Grifo nosso)

FIGURA 24 - Primeira amostra de pesquisa



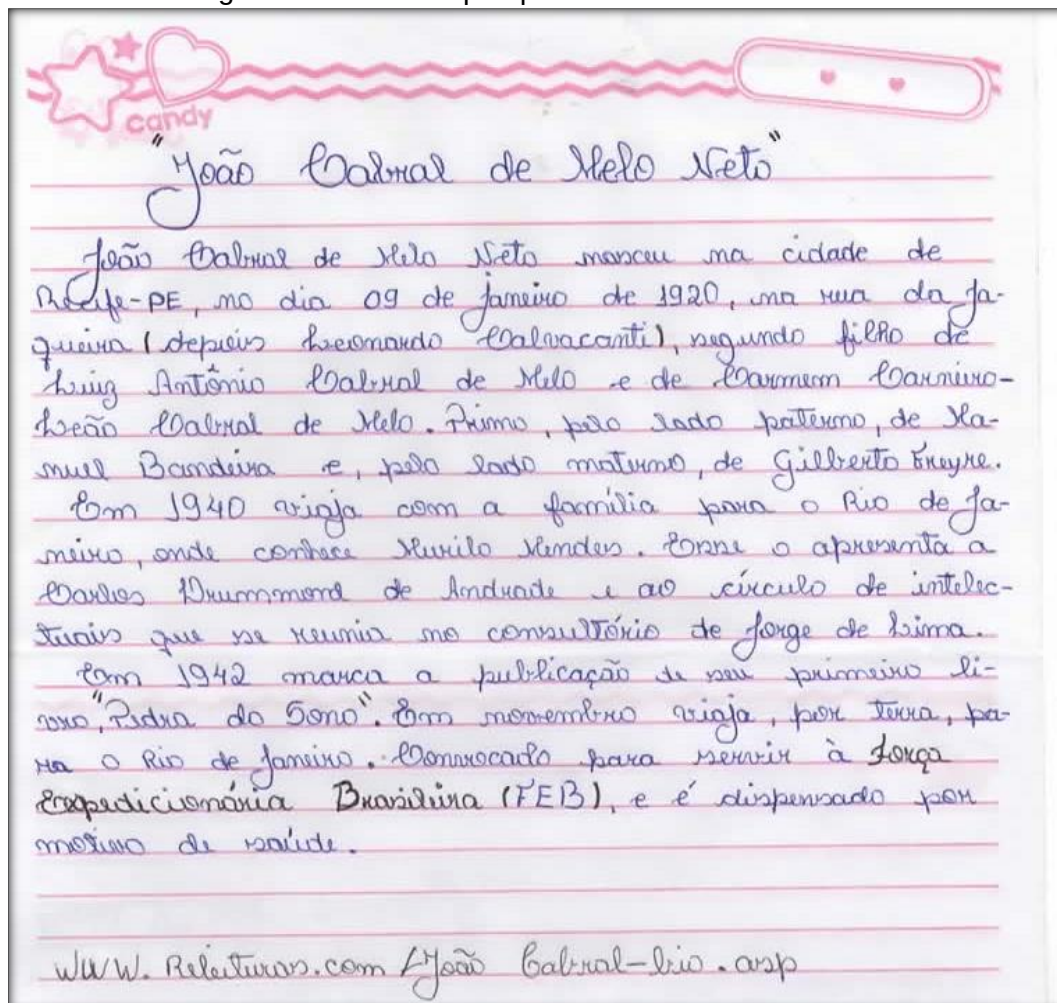
Fonte: L. M. da S.

A pesquisa consoante a FIG. 24 foi retirada do *site*:<https://pt.wikipedia.org/>, o aluno no desejo de realizá-la não se preocupou em fazer uma leitura crítica sobre as informações mais precisas acerca da proposta encaminhada. Observemos que a pesquisa se limita a dois parágrafos com mais elementos e os demais são parágrafos que trazem as informações de datas que ele, o aluno, julga importante. A leitura, pelo que nos parece, estabelece no campo dos primeiros parágrafos. Outro ponto que observamos é que o discente não fez referência à obra do autor em estudo, e esse era um dos pontos fundamentais da pesquisa, porque a pesquisa tinha dois pontos

que a fundamentavam a vida e a obra. Freire (2011, p. 31) afirma que “pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. O que percebemos é que grande parte dos alunos quando pesquisam não se preocupam com a construção de seu conhecimento, tornando sua pesquisa muito superficial.

Vejamos a FIG. 25 com mais um exemplo de pesquisa.

FIGURA 25 - Segunda amostra de pesquisa



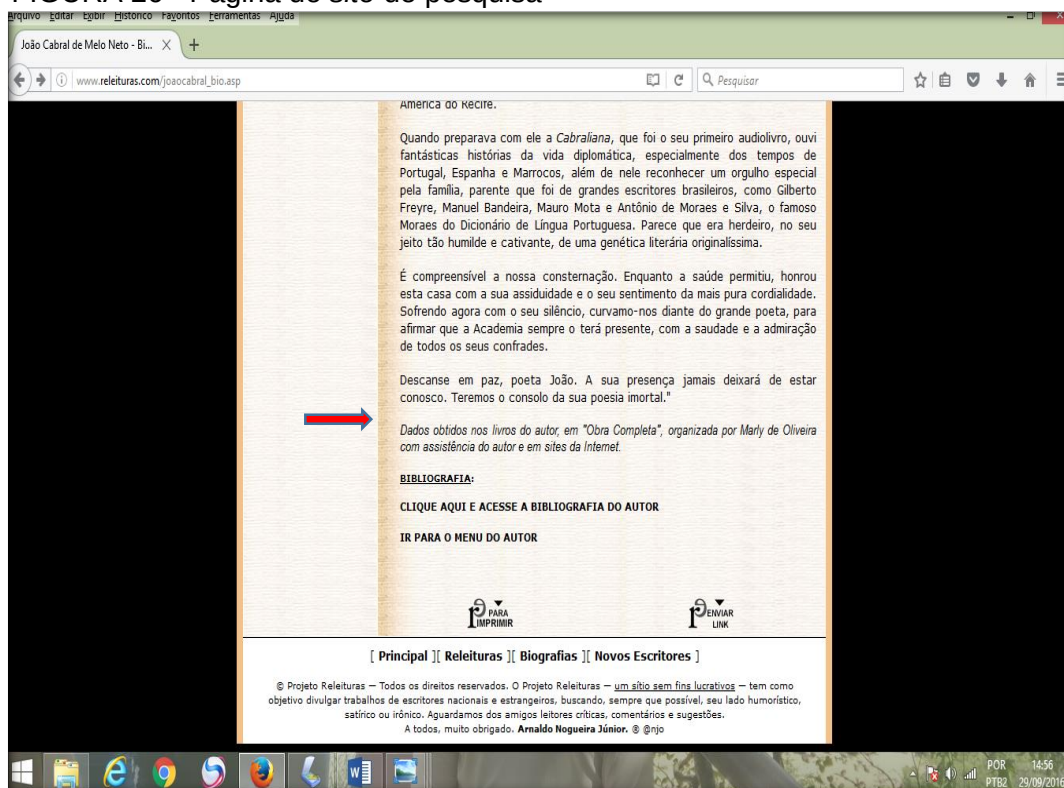
Fonte: A. L. da S. G.

A pesquisa se deu no site http://www.releituras.com/joaocabral_bio.asp, conforme a aluna dispôs a informação. E apesar de selecionar as informações para a realização de sua pesquisa, ficou óbvio que mais uma vez a leitura no site se deteve no primeiros parágrafos, os quais foram selecionados para, a partir desse, haver a transcrição. Observamos também que não houve a apresentação das obras do autor. O mais interessante é que se a aluna navegasse um pouco mais na própria página que encontrou as suas primeiras informações iria se depara com um *link* que a levaria

para a bibliografia do autor com a relação de suas obras, conforme a FIG. 26. Esse fato sobre a leitura e navegação nos remete ao posicionamento de Coscarelli (2016, p.78) quando afirma que:

Navegar requer habilidades de leitura para olhar a informação e construir sentido a partir daquela busca. Ler inclui usar a compreensão construída na navegação, assim como usar os textos selecionados para conseguir mais informação, construir um sentido mais profundo do tópico, reunir mais evidências para os sentidos construídos e cumprir a tarefa da melhor maneira possível.

FIGURA 26 - Página do *site* de pesquisa



Fonte: http://www.releituras.com/joaocabral_bio.asp. Acesso em: 29/09/2016.

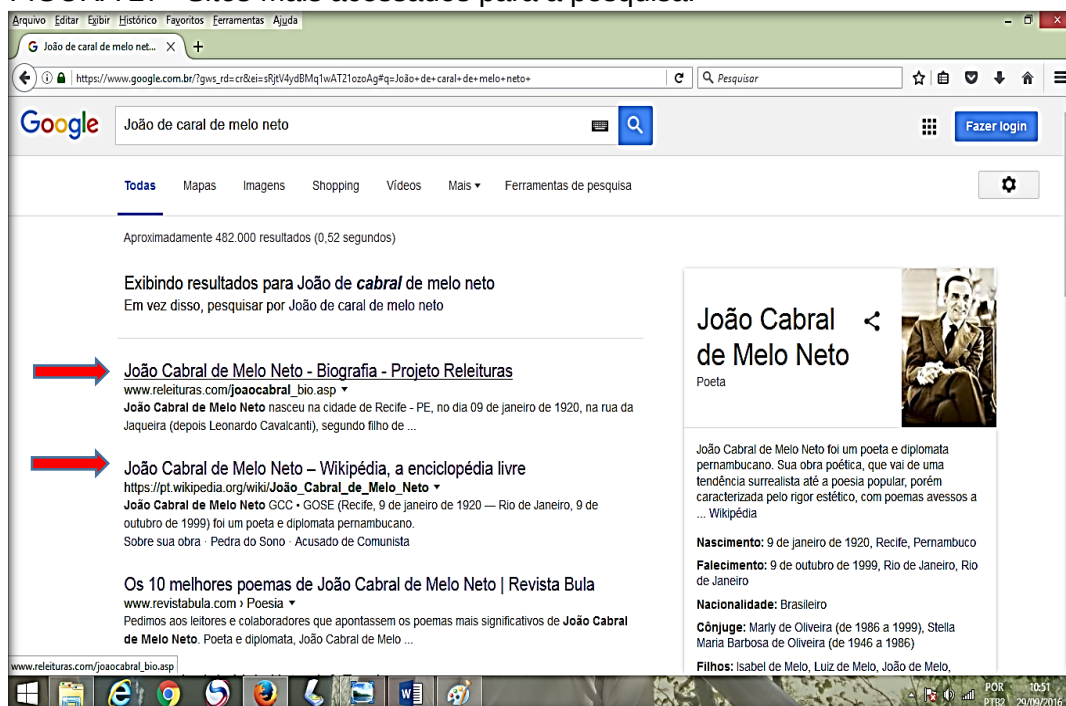
Esse fato é pertinente à nossa discussão, porque temos que perceber que os alunos precisam serem ensinados a navegar, e conforme Coscarelli (2016, p. 68) “navegar não é um processo trivial. Navegar requer dos leitores algumas habilidades diferentes daquelas exigidas na leitura do impresso para encontrar, eficientemente, as informações adequadas”.

Outro ponto pertinente e enriquecedor é o fato de nós professores, nas nossas futuras WQs, apresentarmos um grau de dificuldade que contribua com o desenvolvimento de habilidades mais eficiente de navegação de forma que os alunos

sejam estimulados a ir mais além da leitura dos primeiros parágrafos para compor suas atividades de pesquisas. “Para cumprir a tarefa de ler para aprender usando a internet, o usuário precisa desenvolver um conjunto de habilidades de leitura e navegação que lhe permitirá ler navegando e navegar lendo” (RIBEIRO, 2008 apud COSCARELLI, 2016, p. 79)

Analisando os resultados das pesquisas, percebemos que a maioria dos alunos utiliza os dois primeiros *sites* que aparecem na página do Google. Vejamos a FIG. 27.

FIGURA 27 - *Sites mais acessados para a pesquisa.*



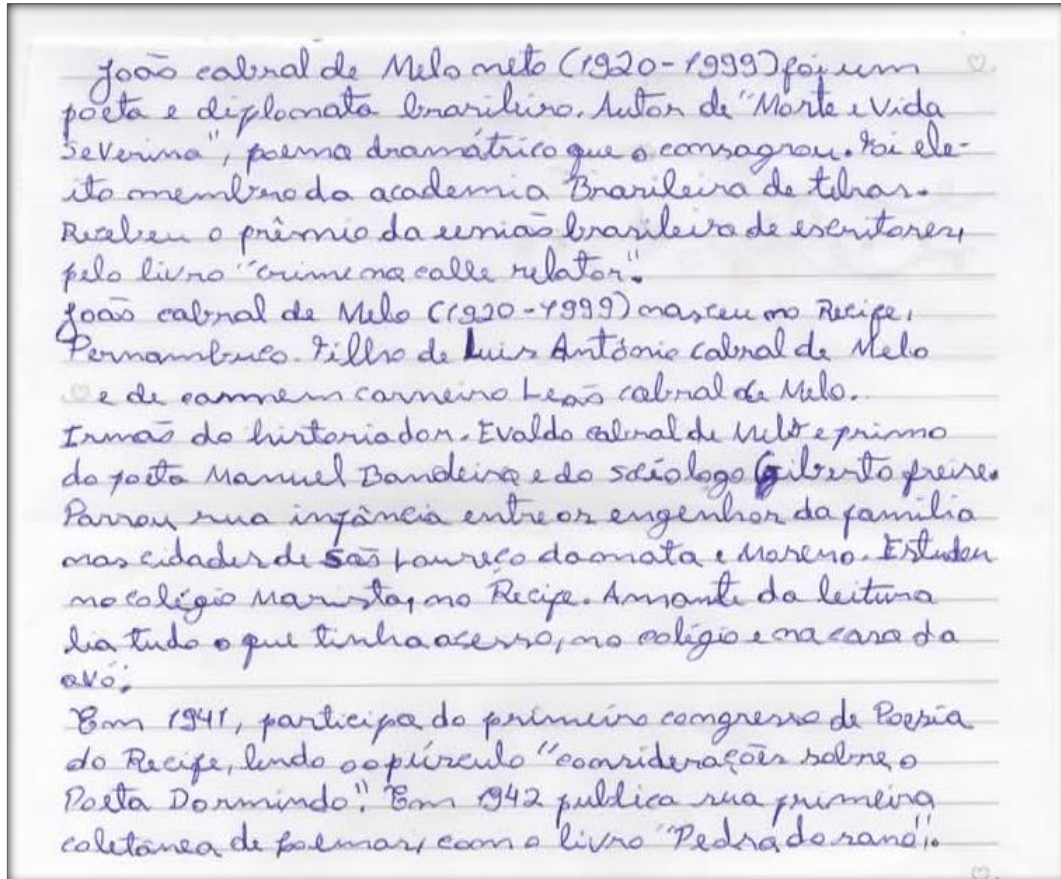
Fonte: <https://www.google.com.br/>. Acessado em: 29/09/2016.

No entanto, houve um aluno que, contrariando a maioria, estabeleceu o seu foco de pesquisa em um *site* que não estava entre os primeiros apresentados na página do *Google*, e esse fato, levou-nos a percepção de que alguns alunos já perceberam que, para trazer um trabalho diferente de pesquisa, eles não podem estabelecer seu foco de pesquisa nos primeiros *sites* sugeridos, buscam outros para dar a impressão que sua pesquisa é única, original dentre as outras apresentadas. No entanto, mesmos trazendo um conteúdo de um *site* diferente, estabeleceu-se a mesma estruturação de pesquisa, comparando-a as outras, ou seja, o conteúdo abordado ficou na superficialidade dos primeiros parágrafos.

Outro ponto importante é o tempo de navegação pelo *site* que não foi o suficiente para que o aluno percebesse que, na mesma página, com um pouco a mais

de leitura e atenção, ele, também, teria uma relação com as principais obras do autor. O que faltou no aluno foi a habilidade que Paiva (2016, p.48) denomina “de **navegar-localizar**, entendido como a capacidade de localizar e selecionar informação relevante para no arranjo textual formado por numeração, índices [...], *hiperlinks*, [...]”. (Grifo da autora)

FIGURA 28 - Terceira amostra de pesquisa



Fonte: G. S. do N.

Podemos observar que não houve uma preocupação em estabelecer um critério para as informações apresentadas, ele simplesmente copiou o que estava nos parágrafos iniciais do *site*. O tempo de leitura foi insuficiente para fazer a seleção de informações para compor a sua pesquisa. A navegação pelo site pode ser considerada ineficiente porque não obteve o resultado esperado da pesquisa. Observemos a FIG. 29

FIGURA 29 – Site utilizado para pesquisa-ebiografia



Fonte: https://www.ebiografia.com/joao_cabral_de_melo_netto/. Acesso em: 03/10/2016.

O que estamos levantando aqui não é que esse tipo de pesquisa não seja eficiente, não é que ela não produza algum tipo de conhecimento, o que queremos dizer é que se não houver um mediador para a pesquisa, uma metodologia que auxilie os alunos na construção das pesquisas, os resultados não serão diferentes dos que aqui trouxemos. Precisamos apresentar para o aluno o processo que eles precisam realizar para obter um resultado diferente para as suas pesquisas, e aqui nos apropriamos do posicionamento de Bagno (2014, p. 24) quando ele diz:

[...]o que estou querendo dizer é que, antes de pedir a eles que façam por conta própria uma pesquisa, você deve mostrar a eles como se faz este tipo de trabalho. Isso porque você só pode obter um produto depois que tiver conhecimento do processo de produção.

O conhecimento do processo é fundamental para que os alunos apresentem um produto de um trabalho construído a partir de experiências de navegações mais eficientes e mais aprofundadas nos conteúdos. Para tanto, é preciso que eles possuam uma metodologia que os auxilie na hora da navegação na internet, porque pelo que foi posto nesse trabalho, chegamos à conclusão de que, dificilmente, os alunos, por conta própria, apresentarão um produto de pesquisa que possua uma certa profundidade conteudista.

4.6.2 Análise e discussão da aplicação WQ EMEFALL

Diante dos resultados produzidos pela pesquisa sem a orientação e sem o auxílio da WQ era o momento de trazer à discussão a análise do produto da pesquisa intermediada pela WQ EMEFALL.

Depois que os alunos realizaram a pesquisa sobre o autor João Cabral de Melo Neto – Vida e Obra – eles voltaram ao laboratório de informática para novamente fazer a sua pesquisa sobre o autor acima citado, mas agora teriam a sua disposição uma metodologia que os auxiliaria na navegação dos *sites* na internet e na própria proposta sugestiva de atividades para serem apresentadas. Diante da proposta, tínhamos o objetivo de comprovar a eficácia da metodologia da WQ na intermediação de pesquisa na internet.

Quando os alunos estavam diante da WQ EMEFALL já sabiam como se comportar quanto à navegação na WQ. Não apresentaram dificuldades de navegação no *site* que hospeda a WQ. Conforme a navegação acontecia, os alunos estavam tomando ciência de suas tarefas. Os alunos foram divididos em grupo e a cada grupo foi apresentado sugestões de atividades que poderiam ser desenvolvidas para defender como resultado de suas pesquisas. Essas sugestões podem ser vistas na FIG. 2. As sugestões mais acatadas foram apresentar um quadro com fotos, com imagens e poemas do autor e a declamação de poemas. A princípio os alunos desconheciam o termo declamar. Para eles, o verbo declamar estava para o mesmo sentido de ler. Diante das escolhas das tarefas a serem cumpridas, era o momento de conhecer os processos e os recursos que iriam viabilizar a concretização da tarefa.

Para a realização das tarefas, foram disponibilizados materiais para que os alunos pudessem construir o produto final de suas pesquisas e assim torná-los mais atrativos para a sua apresentação. O papel destacado dos cadernos não foi utilizado. Em muitos momentos, a prática da utilização do papel de caderno para a confecção dos trabalhos tem a conivência de alguns professores que acabam aceitando e tornando uma prática pouco apreciável. E aqui trago as palavras de Freire (2011, p. 100) quando diz “sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar,[...]”.

Com os materiais à disposição dos alunos, era o momento de começarmos a navegação e construção do conhecimento.

Figura 30 - Os alunos no laboratório – construção da tarefa



Fonte: Primária

Com o desenvolvimento das atividades da WQ EMEFALL percebemos que a pesquisa para a realização das atividades propostas pela WQ foram mais duradouras.

Fizemos uma comparação da primeira pesquisa sobre João Caral de Melo Neto com a pesquisa com o intermediada pela metodologia da *Webquest* e percebemos que tivemos uma aumento de três aulas para que a última pesquisa fosse apresentada com seu produto final. Ou seja, na primeira, os alunos necessitaram apenas de uma aula no laboratório de informática para realizar sua pesquisa e apresentar o produto final, já com a metodologia da WQ os alunos precisaram de quatro aulas para realizar a tarefa e apresentar o produto final da pesquisa.

Foi observado também que, durante a produção da WQ, os alunos se organizaram para que, ao trabalharem em grupo, todos os partícipes tivessem a sua colaboração no trabalho, configurando assim, a aprendizagem colaborativa que está intínseca na própria proposta da WQ. Conforme podemos observar na FIG. 31.

FIGURA 31 - Os alunos no laboratório – Construção em grupo da tarefa



Fonte: Dados da pesquisa

No decorrer da aulas percebemos que houve um entrelaçamento de interesses, uma interatividade, e quando falamos de interatividade não podemos deixar de aportar ao nosso trabalho à definição apresentada de Santaella (2004, p. 153) quando nos referencia dizendo que “uma definição mais básica de interatividade nos diz que se trata aí de um processo pelo qual duas ou mais coisas produzem um efeito uma sobre a outra ao trabalharem juntas”, e no *continuum* das atividades percebemos que a metodologia, ora estudada, produziu efeito nos alunos, levando-os a uma interação entre os aparatos tecnológicos, o conteúdo abordado e as atividades que precisavam produzir.

A estrutura textual da WQ EMEFALL teve por objetivo estabelecer uma interação com o internauta, de forma a conduzi-lo na navegação. A mensagem nela apresentada assume uma dimensão individualizada, produzindo, assim, o efeito de

diálogo/interação, e nesse contexto, nos apropriamos das palavras de Santaella (2004, 165) quando diz que “o texto dá a sensação de ter sido dirigido a nós”,

É a partir desse processo interativo que vimos a intermediação da metodologia no desenvolvimento das atividades, norteando os caminhos que precisavam ser percorridos para se chegar a apresentação do produto final, e como diz Plaza (2001, p. 36 apud SANTAELLA 2004, p.165) “a interatividade não é somente uma comodidade técnica e funcional; ela implica física, psicológica e sensivelmente o espectador em uma prática de transformação”

No momento em que as aulas aconteciam, tivemos a percepção da transformação que estava acontecendo com os alunos e com a dinâmica da aula.

Os alunos estavam assumindo a postura ativa na construção do conhecimento, o professor- pesquisador era o facilitador da aprendizagem e a metodologia era o acesso que intermediava todo o processo de ensino e aprendizagem, e para ampliar a visão da postura do professor nesse paradigma tecnológico trazemos o pensamento de Lévy (1999, p. 173).

A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um *animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (Grifo do autor)

Tivemos uma satisfação ao ver todos os alunos tentando desenvolver suas atividades, construindo saberes, experienciando uma aula que lhes permitissem uma visão diferenciada do que é pesquisa.

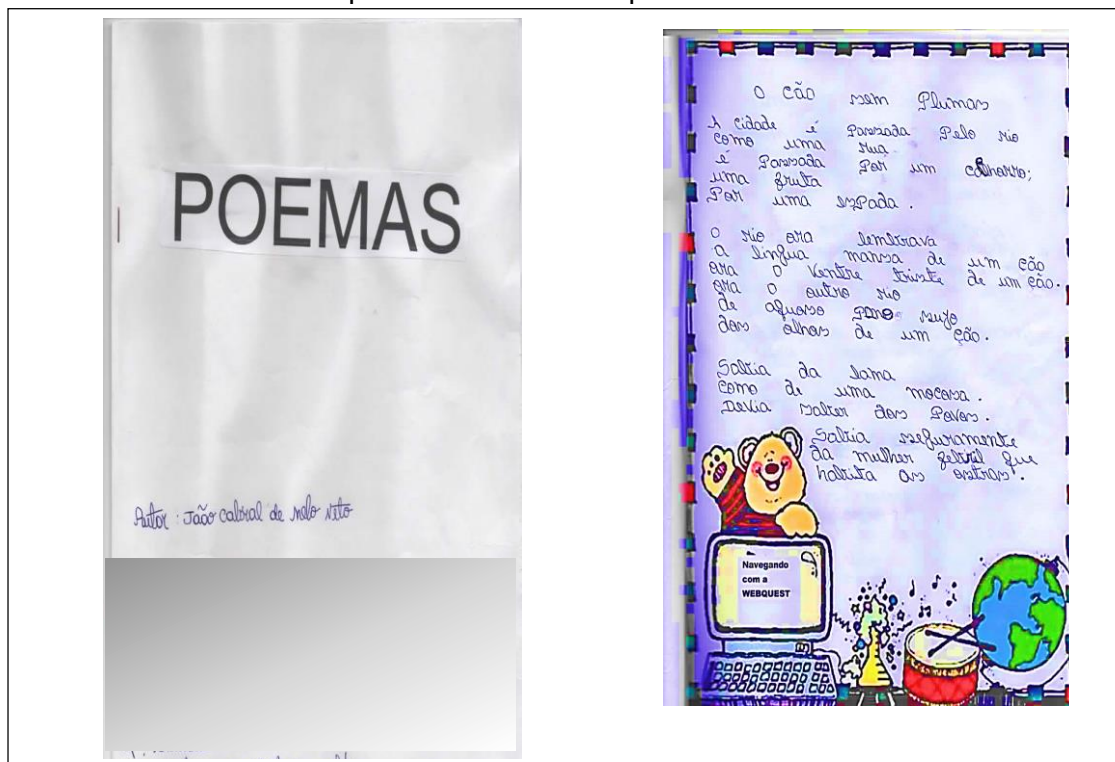
No final da quarta aula, os trabalhos começaram a serem entregues. Percebemos diferenças entre as pesquisas realizadas. A pesquisa intermediada pela WQ apresentou trabalhos mais elaborados esteticamente como podemos observar na FIG. 32.

Acreditamos que a presença do professor na intermediação do processo de pesquisa assim como a disposição do material para a produção das atividades tenham colaborado para que os alunos apresentassem seus trabalhos mais formais. Nessa

perspectiva interativa do professor evidenciamos a fala de Freire (2011, p. 26) quando diz:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

FIGURA 32 - Amostra do produto final da Webquest EMEFALL- Poemas

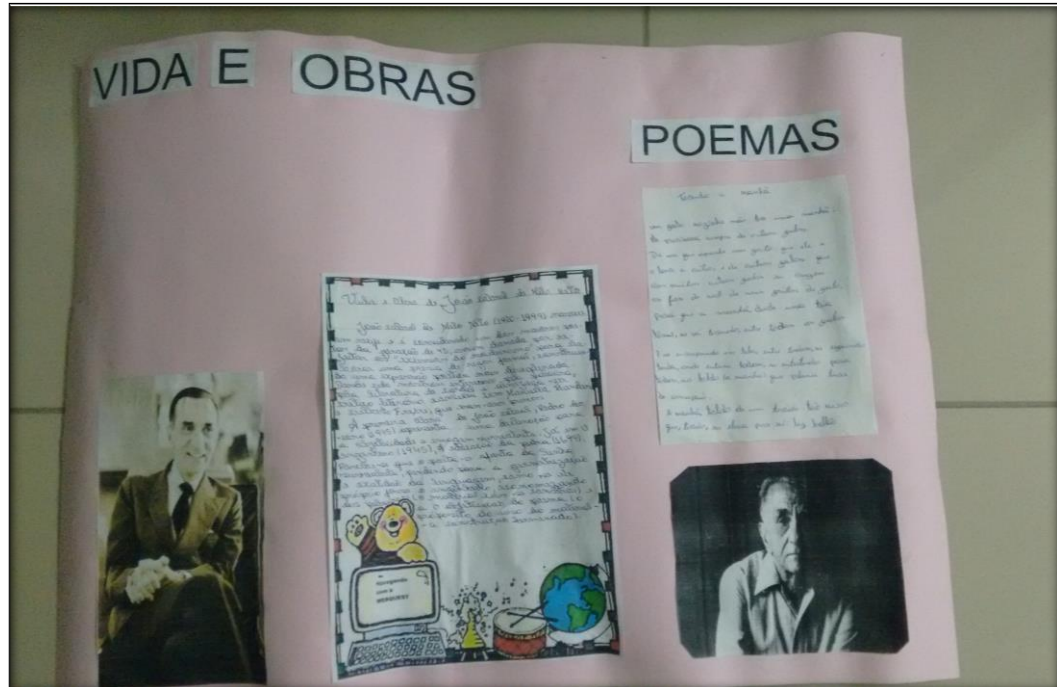


Fonte: J.P. daS., T.L. dos S., A. F. dos S. & L. M. da S

Na FIG. 32 tivemos uma amostra de como foi o resultado do trabalho final do grupo que optou em trabalhar com a atividade para declamar os poemas do autor em estudo. A princípio o grupo fez a pesquisa por meio dos recursos oferecidos na WQ, depois, selecionaram dois a três exemplos de poemas do autor em estudo e em seguida confeccionaram o livro de poemas. Convém dizer que para a amostra aqui apresentada utilizamos apenas um como exemplo do que foi produzido.

A seguir apresentaremos uma amostra do resultado da pesquisa do grupo que preferiu trabalhar com a exposição sobre a vida, obras e poemas. Observaremos que o grupo escolheu apresentar seu conteúdo por meio de um cartaz. Foi realizada a pesquisa, os alunos selecionaram o conteúdo por meio dos endereços sugeridos, fizeram o resumo e construíram o produto final como podemos observar na FIG 33.

FIGURA 33 - Amostra do produto final da Webquest EMEFALL- Vida, obras e poemas



Fonte: M. E, C. E, K. L & L. J

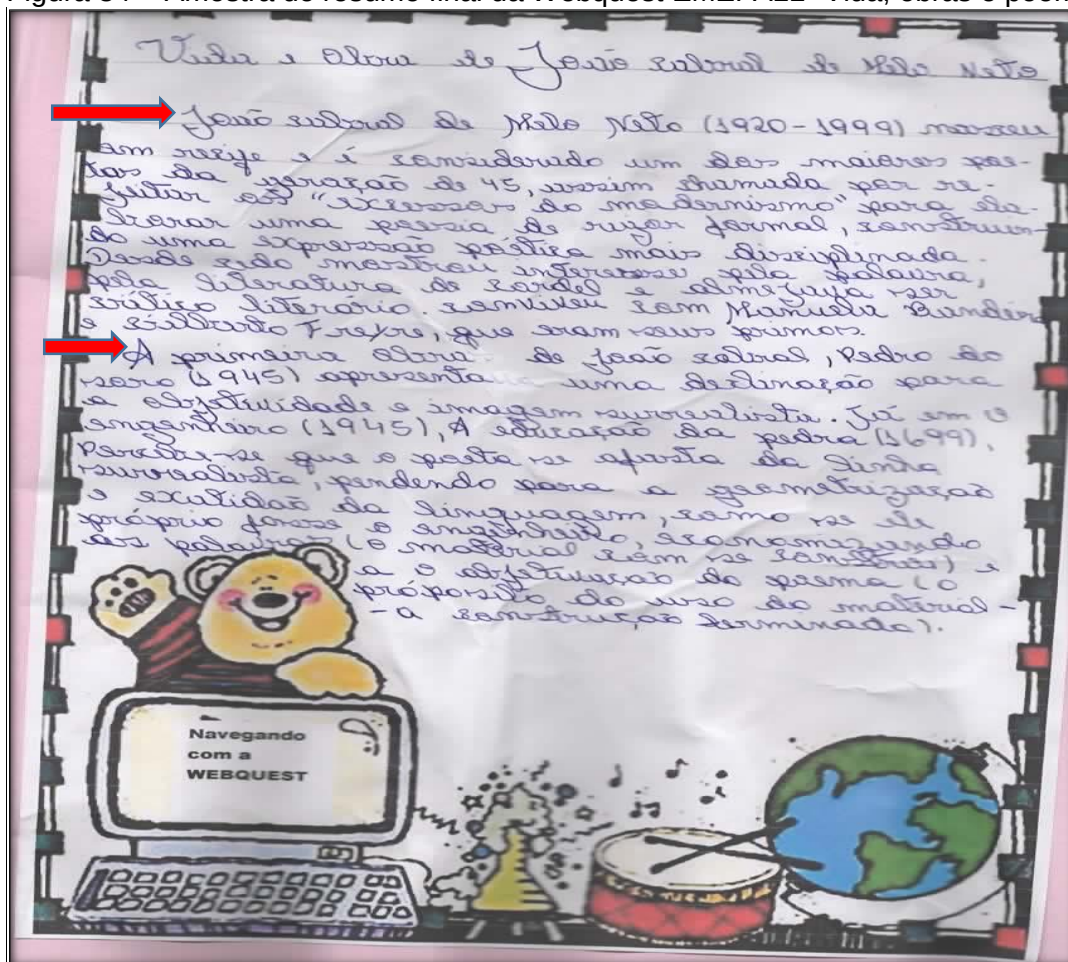
Diante do que nos foi apresentado, é perceptível a diferença existente entre as duas concepções apresentadas de pesquisa. Na primeira, tivemos uma pesquisa que se findava nos primeiros parágrafos do primeiro *site* encontrado, no entanto, a segunda, apresenta um desenvolvimento de atividades que requer, por parte do aluno-internauta, uma maior atenção no desenvolvimento de sua pesquisa, porque a WQ não apenas se preocupa com a navegação, mas também, solicita do aluno uma apresentação do resultado de sua pesquisa na internet.

Um ponto relevante nesse trabalho é que os alunos navegaram em busca das informações precisas para a construção de sua pesquisa. Os endereços disponíveis forneciam subsídios para a fundamentação e para a concretização da proposta. Lawless e Schrade (2008, p. 269 apud COSCARELLI, 2016, p. 65) afirmam:

[...]a navegação efetiva nos ambientes virtuais requer que os usuários saibam onde estão, onde precisam ir, como chegar lá e quando chegaram. A navegação, vista desse modo, desvreve não apenas as ações comportamentais dos movimentos (ex.: mover de um destino a outro), mas também as habilidades cognitivas (ex.: determinar e monitorar a trajetória e o percurso para atingir a meta)

Diante desse pensamento, acreditamos que os alunos foram efetivos em sua navegação, porque apresentaram produções que estavam em conformidade com o que lhes foi solicitado, reafirmando assim a eficácia de suas pesquisas intermediada pela WQ. Vejamos a FIG.34

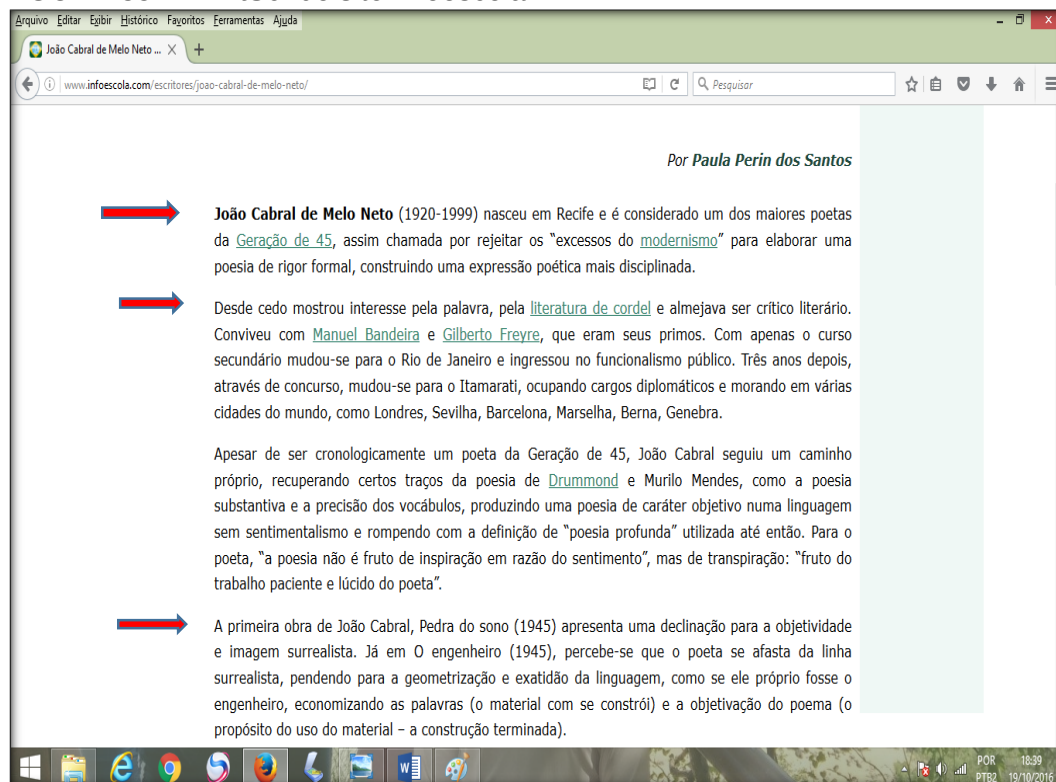
Figura 34 - Amostra do resumo final da Webquest EMEFALL- Vida, obras e poemas



Fonte: M. E, C. E, K. L & L. J

Analisando a atividade final intermediada pela WQ, tomando como referência a FIG 34, faremos, agora, uma comparação com o site sugerido na WQ. Queremos, com a comparação, verificar se os alunos utilizaram a mesma estratégia de transcrever da tela para o papel utilizada na primeira pesquisa para montar o seus trabalhos. Vejamos a FIG.35.

FIGURA 35 - PrintScr do site infoescola



Fonte: <http://www.infoescola.com/escritores/joao-cabral-de-melo-neto/> acesso em 19/10/2016

Verifiquemos que os alunos não discorreram simplesmente na escrita dos parágrafos, ele buscaram as informações que eram pertinentes para compor o seu trabalho. Houve uma sutil seleção de conteúdos, e essa seleção, possivelmente, se deu a partir de uma leitura mais criteriosa, porque os alunos tinham objetivos a serem alcançados e para tanto, seria necessário apresentar uma produção textual mais organizada e mais direcionada ao que lhes foi proposto.

O fato acima exposto nos remete ao objetivo geral da nossa proposta e que, nesse momento, é salutar retomá-lo "Desenvolver habilidades de pesquisa, de leitura e de produção textual por meio da proposta metodológica investigativa e direcionada da *webquest*". Diante do nosso objetivo, queremos evidenciar os três termos: pesquisa, leitura e produção os quais, ao nosso ver, foram evidenciados nas produções finais das atividades apresentadas pelos alunos.

A WQ como metodologia poderá auxiliar as estratégia de pesquisa, de leitura assim como as de produção textual. Uma vez estabelecido para o aluno tarefas a serem cumpridas, esse se utilizará de habilidades e procedimentos que sejam necessários para alcançar os objetivos propostos.

Portanto, podemos dizer que diante da função que lhe foi posta, a WQ atendeu aos fins educativos que lhes foram incumbidos. Trazendo, como metodologia, uma perspectiva de pesquisa na internet, subsidiando o aluno para que esse não naufrague no mar de informação que possui ao seu dispor ou até mesmo não fique na superficialidade da informação.

4.7 As pedras da navegação

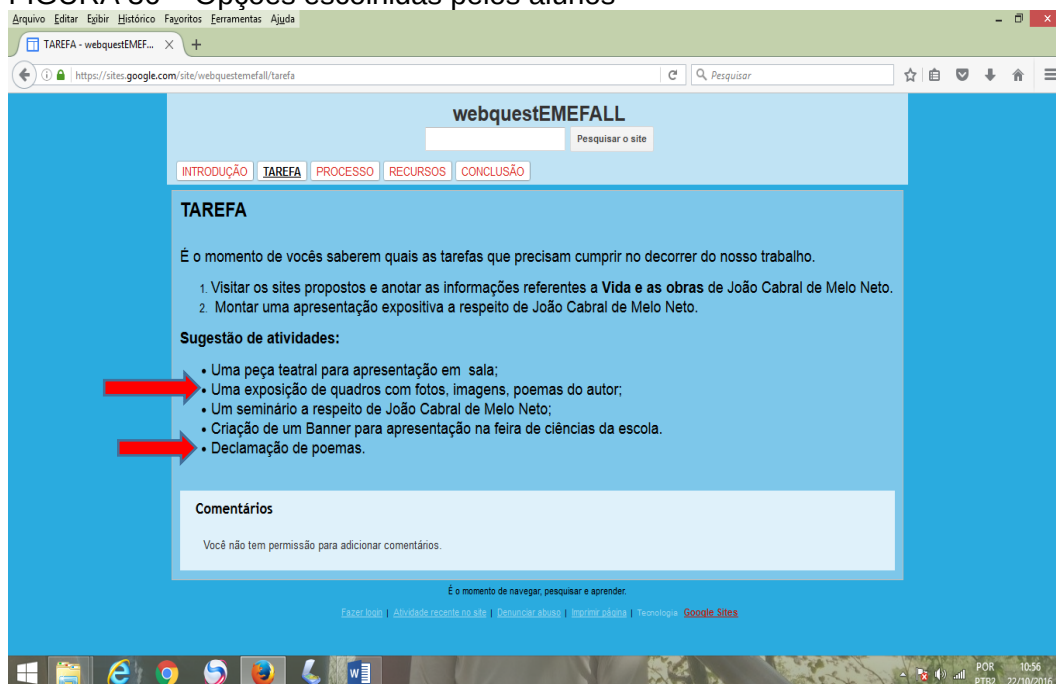
Quando começamos a aplicação da WQ, começamos a perceber alguns percalços surgindo. E é importante trazer para a nossa proposta para socializar as dificuldades encontradas e apresentar meios para resolvê-las, e assim poder colaborar com trabalhos futuros que busquem trabalhar com WQ.

Durante as pesquisas um dos fatos que foi observado e que servirá de subsídio para o desenvolvimento das próximas WQs foi a quantidade de recursos que estava à disposição dos alunos. Tínhamos, na verdade, apenas quatro *sites* que foram postos como recursos. Percebemos que a quantidade não foi suficiente para que os alunos tivessem condições de apresentar um produto final de pesquisa mais personalizado.

Quando colocamos a quantidade de quatro *sites* de pesquisas não tínhamos a percepção que, diante do pequeno número, alguns trabalhos iriam apresentar a mesma estruturação. E foi isso que ocorreu. Tivemos trabalhos que apresentavam os mesmos poemas, acreditamos que o fato ocorrido se deu devido à quantidade de recursos de pesquisa. Diante da experiência, podemos dizer que se o professor ampliar a quantidade de recursos também serão ampliadas as possibilidades de trabalhos diferenciados.

Pensamos, a princípio, que por ser uma WQ de estrutura simples e ter a opção de cinco atividades, a quantidade de endereços não iria influenciar em produções textuais iguais, até porque tínhamos cinco sugestões e tínhamos uma média de quatro grupos para as atividades, mas o que não esperávamos é que os alunos escolhessem a mesma sugestão de atividade. Acreditamos que o fato se deu porque dentre as sugestões a duas escolhidas eram as mais simples de serem executadas. Vejamos a FIG. 36.

FIGURA 36 - Opções escolhidas pelos alunos



Fonte: Primária

Outro ponto a ser ressaltado é o tempo. Quando ampliamos o campo de pesquisa, ampliamos também o tempo. Quanto mais recursos mais tempo será exigido para a estruturação da atividade final. É preciso que o professor organize bem o tempo para que o desenvolvimento da WQ não seja comprometido e nem tampouco o seu produto final.

É importante dizer que durante a pesquisa, faz-se necessário que os alunos tomem notas das informações mais pertinentes para a construção de seus trabalhos finais. Que haja o incentivo do professor para esse procedimento primeiro porque tal atitude é imprescindível para o aluno desenvolva habilidades de seleção de informação, síntese e análise e o segundo é que se não anotarem as informações relevantes, eles precisarão começar a navegação do princípio e tal procedimento não contribui com o desenvolvimento da proposta da WQ.

Acreditamos que as pedras, metaforicamente falando, aqui apresentadas, vieram para enriquecer a nossa proposta, porque elas foram absorvidas mediante à experiência de se trabalhar com uma proposta que trouxe uma perspectiva diferente de como pesquisar na escola. Em momento algum, as pedras foram vista como percalços para que a proposta não fosse desenvolvida, mas serviu-nos de motivação para contornar as situações que nos foram apresentadas, tornando-se base de orientação para as navegações futuras.

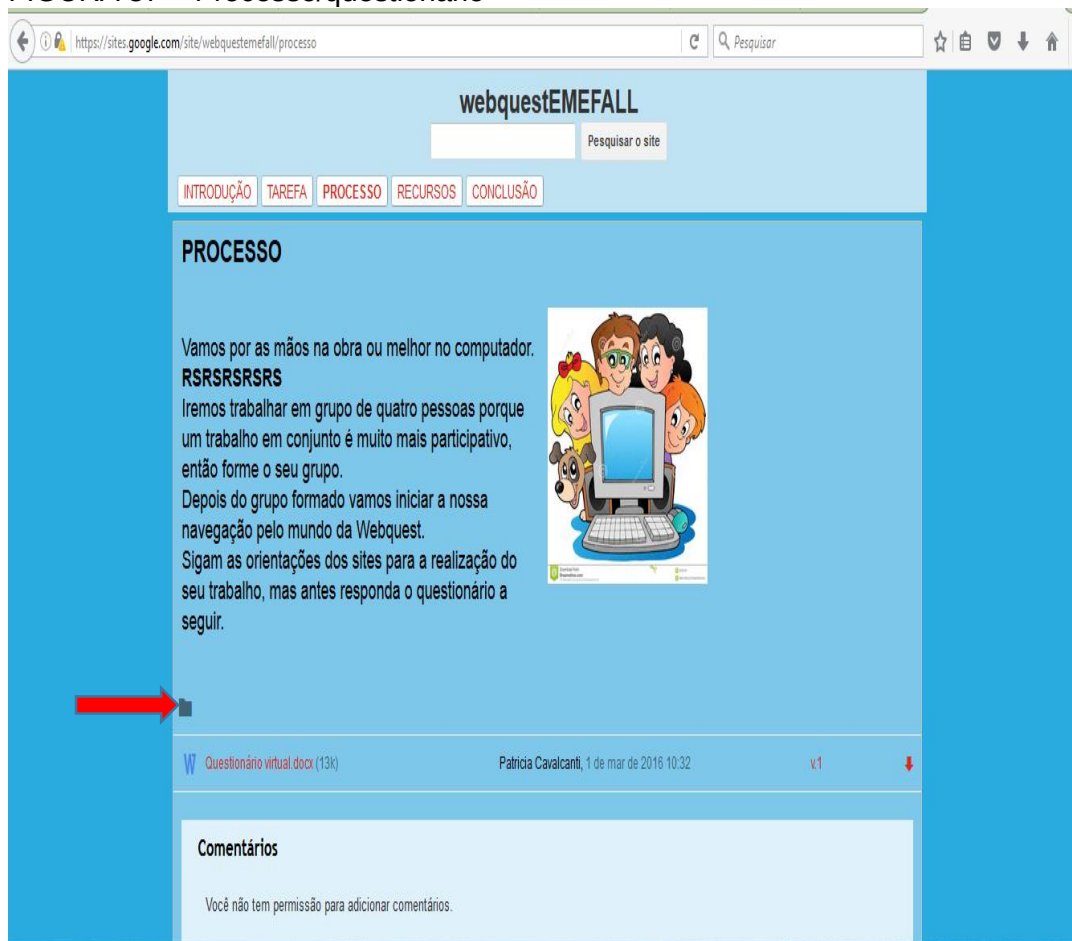
Portanto, para nós é significativo trazer esse relato da nossa experiência porque acreditamos que irá, como já foi dito, contribuir com outros professores que também desejem navegar no mundo da *Webquest*.

4.8 As marcas da navegação com a WQ

É sempre favorável ao pesquisador ter um respaldo das marcas que ficaram do seu trabalho. O *feedback* é essencial para que, diante dos resultados e das visões obtidas, o pesquisador consiga pautar suas futuras ações com o objetivo de propor novos caminhos e novos posicionamentos.

Na construção da WQ EMEFALL acrescentamos um arquivo para que os alunos pudessem, em sua navegação, acessá-lo e respondê-lo. Vejamos a FIG.37.

FIGURA 37 - Processo/questionário



Fonte: Primária

Os alunos tinham que, durante a navegação, parar um pouco para responder. O que pretendíamos era que eles imprimissem o questionário e depois os respondessem para entregar ou fizessem o *download* e abrissem no *word* e depois o imprimissem, mas como não havia impressora para a impressão, tivemos que usar a habilidade da escrita manual. Vejamos a FIG. 38.

Figura 38 - Questionário virtual ⁸

Questionário virtual

1. Em média por quantas horas vocês ficam na internet?

2. Na Opinião de vocês uma pesquisa direcionada como a webquest poderá colaborar com a aprendizagem?

3. A internet pode ser um recurso para a educação?

Fonte: Primária

Os alunos estavam diante de três questões simples de respostas. Trazíamos o objetivo de conhecer as impressões deixadas pela WQ na vida educacional dos alunos. Partindo desse objetivo, traremos três amostras do questionário virtual devidamente respondidas para avaliarmos as impressões dos alunos com referência à metodologia investigativa na internet, a *Webquest*. Observemos as FIG. 39, 40 e 41. Especificamente as questões 2 e 3.

⁸ Ver cópia no apêndice B

FIGURA 39 - 1ª amostra do questionário virtual – Resposta do aluno

Questionário Virtual:

1º) Em média por quantas horas você fica na internet? Se for me deixar eu passo o dia todo, mais como eu não posso eu não passo 4 horas

2º) Na opinião de você uma pesquisa direcionada como a Webquest poderá colaborar com a aprendizagem? Sim, é muito importante para os alunos usar esse recurso educacional

3º) A internet pode ser um recurso para a educação? Sim, esse recurso, sabendo usar com critério para os estudos

Fonte: T. L. dos S.

FIGURA 40 – 2ª amostra do questionário virtual – Resposta do aluno

Questionário Virtual

1 - Em média por quantas horas você fica na internet?
Uma ou 4 horas por dia

2 - Na opinião de você uma pesquisa direcionada como a Webquest poderá colaborar com a aprendizagem?
Sim, a Webquest abre muitos pontos

3 - A internet pode ser um recurso para a educação?
Depende de como a pessoa for usar

Fonte: C. A. B. de F.

FIGURA 41 – 3ª amostra do questionário virtual – Resposta do aluno

QUESTIONÁRIO VIRTUAL

1- Em média por quantas horas você fica na internet?
30 minutos.

2- Na opinião de você uma pesquisa direcionada como pode não colaborar com a aprendizagem?
Se for um trabalho da escola.

3- A internet pode ser um recurso para a educação?
Sim, por que serve para estudar trabalhos e etc.

Fonte: M.P.da S.

Com base nas respostas apresentadas pelos alunos, podemos perceber quais foram as impressões deixadas pela WQ. Quando o aluno responde, na FIG. 39, a segunda questão dizendo que “é **muito importante** para que os alunos usem esse **recurso educacional** ”⁹ ele manifesta a importância que há na WQ, além do mais, esse aluno a relaciona a um meio que poderá auxiliar o ambiente escolar. Nesse momento, apresenta-se mais uma funcionalidade para a WQ, a metodologia, agora, também assume a função de recurso.

Na observação da FIG. 40, na resposta da segunda questão, o aluno se posiciona dizendo que “a webquest abre muitas portas”, diante dessa fala, percebemos que a WQ assume a função de acesso/oportunidade, a WQ oportuniza o aluno o acesso às informações.

Na continuidade, veremos, na FIG. 41, a resposta para a segunda questão, observemos que o aluno responde a questão dizendo “se for um trabalho da escola”, diante desse posicionamento, percebemos que a visão do aluno para WQ é uma visão puramente educacional, é uma metodologia que traz em sua estrutura a primazia educativa.

⁹ Grifo nosso com o objetivo de destacar o potencial dessas palavras para a metodologia em estudo

Diante das respostas apresentadas, podemos dizer que a *Webquest* é uma metodologia educativa que oportuniza o acesso à informação e que poderá ser utilizada como recurso educativo pelos alunos.

A questão três do questionário virtual traz uma visão importante dos alunos em referência da utilização da internet para a educação, vejamos os posicionamentos. Na FIG. 39 o aluno responde a questão três dizendo “Sim esse recurso sabendo usar com certeza para os estudos”, na FIG. 40 o aluno responde dizendo “Depende de como a pessoa for usar” e na FIG. 41 o aluno responde “Sim, por quê serve para estudos trabalhos e etc.”. Observemos que em todas as três respostas os alunos se posicionam com certa ponderação e direcionam o uso da internet para as atividades educativas.

Os posicionamentos acima postos, revelam-nos uma criticidade e uma preocupação por parte dos alunos quando o tema é internet e educação. Esse fato nos remete a uma discussão pertinente. Em muitos momentos, é comum ouvir relatos de professores que dizem que a única preocupação dos alunos é com o acesso da internet para as redes sociais e, diante do que foi dito, é perceptível que os alunos demonstram um certo discernimento quando o tema é internet e educação.

Compreendemos que as marcas deixadas pela WQ contribuíram com uma reflexão sobre o uso de metodologias e recursos educacionais intermediados pela internet. Acreditamos, ainda, que os alunos passaram a ver possibilidades e alternativas para o uso da internet no que se refere à educação, tornando-os mais criteriosos quando o tema é educação e internet.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos a nossa proposta, objetivávamos que fossem desenvolvidas, por meio da proposta metodológica *Webquest*, habilidades de pesquisa, de leitura e de produção textual. Trazíamos pensamentos que nos motivaram as investigações da funcionalidade da WQ relativo à sua contibuição no letramento digital dos alunos, a sua eficácia no processo de ensino/aprendizagem e sua função como intermediadora de pesquisas na internet.

Desenvolvemos toda uma trajetória de navegação fundamentados nos teóricos que embasaram a nossa viagem, buscando, assim, subsídios para o desenvolvimento e a aplicação da proposta.

Durante a fundamentação, fomos levados a percepções da importância das tecnologias digitais na vida cotidiana, a sua influência nos meios sociais e os impactos visíveis por meio das marcas comportamentais de uma geração considerada nativa-digital no ambiente escolar.

Foi percebido, no decorrer da trajetória de estudo e de aplicação da proposta, que há uma resistência dos professores quando o tema é recursos digitais na educação, e grande parte dos alunos olham para esse tema como uma possibilidade a mais para acessar e interagir com as redes sociais. É preciso quebrar os paradigmas levantados, e trazer à discussão o tema e encontrar meios que possam convergir as duas realidades, professor/aluno, vivenciadas na escola. Não podemos negligenciar a força motriz da tecnologia e da internet nos dias atuais, deveríamos estar discutindo as melhores formas de trabalhar com as tecnologias na educação.

Há uma globalização que exigirá desses alunos multiletramentos, por essa razão, acreditamos ser também papel da escola vivenciar práticas que colaborem com um letramento digital de forma que contribua com o desenvolvimento de competências para se viver no mundo globalizado.

Quando pensamos em trabalhar com a *Webquest* é porque víamos a possibilidade desse recurso metodológico contribuir com o letramento digital e também trazer uma perspectiva diferente de pesquisa *online*, visto que, a maioria dos alunos sempre se utilizavam da internet para copiar, colar e imprimir as pesquisas requisitadas. Por essa razão, acreditando no potencial dessa metodologia começamos as aulas práticas. A princípio, norteadas pela curiosidade e pelo desejo

de acesso às redes sociais por parte dos alunos, mas no decorrer da aplicação, uma navegação mais direcionada ao objetivo estabelecido pela metodologia.

O navegar pela internet sem uma orientação poderá levar o aluno à superficialidade da informação ou levá-lo a naufragar no oceano de informação que ele possui a sua disposição, e foi com o intuito de trabalhar com o aluno uma pesquisa mais elaborada que apresentamos a WQ.

Com duas WQ trabalhadas, ficou-nos perceptível a desenvoltura adquirida pelos alunos no decorrer da exploração pela metodologia, o professor, realmente, assumiu a função de intermediador do conhecimento, era o responsável por orientar o caminho da navegação.

Confrontamos os resultados de pesquisas apresentados sem o auxílio da WQ, chegamos à conclusão de que os alunos ficaram na superficialidade da navegação, depois, confrontamos os dados das pesquisas realizadas por meio da WQ e esses apontam para uma pesquisa mais qualitativa e mais rebuscada.

Acreditamos que os resultados obtidos nas pesquisas intermediadas pela WQ apresentaram um resultado considerável porque houve um conjunto de forças que se unificaram para a realização da pesquisa como: a própria metodologia da WQ, a intermediação do professor e a vontade de participação e realização do aluno.

A leitura e a escrita foram pontos fundamentais trabalhados com os alunos, no momento da aplicação assim como na aplicação, no entanto, esse dois elementos se apresentaram com uma sutil amostra produzida pelos alunos devido à estruturação e aos recursos apresentados na WQ.

Os resultados apresentados vieram corroborar com a nossa premissa de que a metodologia em estudo contribui como o letramento digital uma vez que desenvolve habilidades de leitura e de produção, utilizando a tela, e que pode dinamizar o processo de ensino/aprendizagem por meio das pesquisas orientadas na internet.

Sobre as dificuldades enfrentadas, podemos dizer que estávamos conscientes de que todo trabalho, que visa utilizar-se de tecnologias digitais em escolas públicas, apresenta-se com dificuldades que são peculiares das limitações impostas pela própria esfera escolar, no entanto, essas foram solucionadas por meio de diálogos e intervenções, tornando-se, assim, motivações para a realização dessa proposta.

Sobre o laboratório de informática da escola, houve uma revitalização, mesmo com poucos computadores, tendo que, muitas vez, colocar dois ou três alunos por

computador, agora já é visitado, outras turmas já tiveram a oportunidade de navegar na internet e outros professores já proporam atividades de pesquisa.

Por fim, gostaria de dizer que na condição de professora-pesquisadora, essa intervenção por meio de uma metodologia que se utiliza de aparatos digitais, fez-me perceber o quanto de tempo temos desperdiçado quando não usufruímos das tecnologias para intermediar o processo de ensino/aprendizagem. Sou sabedora de que as tecnologias digitais não irão solucionar os problemas existentes na educação, mas poderemos minimizá-los a partir de iniciativas como estas que buscam outras formas de ensinar.

Para Concluir, queremos propor a continuação da pesquisa, porque acreditamos que os resultados aqui postos demonstraram o quanto valiosas foram as experiências propiciadas pelas intervenções com a metodologia *Webquest*, e que a partir desse estudo e dessa prática, outros professores se sintam motivados para irem aos laboratórios de informática de sua escola, tirar a poeira deixada pelo tempo, ligar os computadores, se possível conectá-los à internet e perceber que há um mundo de informação e de possibilidades que precisam ser aproveitados, há muitas metodologias e recursos digitais que precisamos conhecer.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. *Etnografia e observação participante*. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAGNO, M. *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. 26^a. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BEHRENS, M. A. Projetos de Aprendizagens Colaborativa num Paradigma Emergente. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21^a. ed. São Paulo: Papirus, 2013.

BRASIL. Lei nº 8.949, de 03 de novembro de 2009. Publicada no Diário Oficial da União da Paraíba em 03 de novembro de 2009. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/12944293/pg-1>> Acesso em: 03 fev. 2016.

_____. MEC. Webeduc. Disponível em: <<http://webeduc.mec.gov.br/webquest/>> Acesso em: 29 ago. 2015.

COSCARELLI, C. V. Texto Versus hipertexto na teoria e na prática. In: COSCARELLI, C.V. (Org.). *Hipertextos na teoria e na prática*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, C.V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 3^a ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2014.

_____. Navegar e ler na rota do aprender. In: COSCARELLI, C.V.(Org). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

COSTA, J. W.; MATTOS, M. J. M. de. Utilização de Recursos da WEB por professores de Graduação no Processo ensino-aprendizagem. In: VALLE, L.E.L. R. do; MATTOS, M. J. V. M. de; COSTA, J. W. da. (Org.). *Educação Digital: a tecnologia a favor da inclusão*. Porto Alegre: Penso, 2013.

DIAS, M. C. Rotas de navegação: a importância das hipótese para a compreensão de hipertextos. In: COSCARELLI, C.V. (Org.). *Hipertextos na teoria e na prática*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

DODGE, B. Webquest: uma técnica para aprendizagem na rede internet. Disponível em: <http://www.dm.ufscar.br/~jpiton/downloads/artigo_webquest_original_1996_ptbr.pdf> Acesso em: 15 out. 2015.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GABRIEL, M. *Educar: a (r)evolução digital na educação*. São Paulo: Saraiva, 2013.

GENTILINI, J. A. Computadores, informática e educação: Questões sobre a gestão de programas de inclusão digital no Brasil. In: VALLE, L.E.L. R do; MATTOS, M. J. V. M. de; COSTA, J. W. da. (Org.). *Educação Digital: a tecnologia a favor da inclusão*. Porto Alegre: Penso, 2013.

KOZINETTS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LÉVY, P. *O Que é Virtual?*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C.(Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MASETTO, M. T. Mediação Pedagógica e tecnologias de informação e comunicação. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. São Paulo: Papirus, 2013.

MORAN, J. M. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. São Paulo: Papirus, 2013.

PAIVA, F. A. Leitura de infográficos. In: COSCARELLI, C.V. (Org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RIBEIRO, A. E. *Novas tecnologias para ler e escrever: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula*. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C.(Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

APÊNDICES

Apêndice A

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE A RELAÇÃO ALUNO-ESCOLA-TECNOLOGIA

Identificação.

1. Idade: _____
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Localidade onde mora: _____
4. Cidade de Origem: _____

Trajetória Escolar:

5. Sempre estudou em escola pública? () Sim () Não
6. Já repetiu de série alguma vez? () Sim () Não
7. Qual a matéria que você menos gosta? Por quê?

Opiniões sobre estudo e tecnologia

8. Os estudos são importantes? () Sim () Não. Por quê?

9. Você utiliza a internet? () Sim () Não
10. Você tem *e-mail*? () Sim () Não
11. Você utiliza a internet para: () Redes sociais () Pesquisa escolar () Estudos à distância () Outros _____
12. Você utiliza celular, *tablet*, *smartphone*, ou outro dispositivo digital na escola?
() Sim () Não
13. Na sua opinião a tecnologia digital poderia colaborar com o ensino na sala de aula?
() Sim () Não

Apêndice B

Questionário virtual

1. Em média por quantas horas vocês ficam na internet?

2. Na Opinião de vocês uma pesquisa direcionada como a webquest poderá colaborar com a aprendizagem?

3. A internet pode ser um recurso para a educação?

Apêndice C



Fonte: Primária

CONCEITO DE WEBQUEST

O conceito foi criado em 1995 por Bernie Dodge, professor estadual da Califórnia (EUA) tendo como proposta metodológica o uso da Internet de forma criativa. A *Webquest* é uma atividade investigativa onde as informações com as quais os alunos interagem provêm da internet. (<http://webeduc.mec.gov.br/webquest/> acessado em 29/08/2015)



Fonte: Primária

OBJETIVO GERAL

Desenvolver habilidades de leitura e de produção textual por meio da proposta metodológica investigativa e direcionada da *webquest*.

Objetivos específicos

- ✓ Estimular a leitura e a produção textual;
- ✓ Propiciar a interação em grupo, promovendo a aprendizagem colaborativa;
- ✓ Contribuir com o letramento digital



Fonte: Primária

Fonte: Primária

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

Nas circunstâncias atuais, vê-se necessária a abordagem dessa temática por ser de grande relevância para o encadeamento social e cultural e por trazer para a discussão o papel das tecnologias digitais na educação.



Fonte: Primária

COMO SE FARÁ O ESTUDO?

- ✓ Apresentação do projeto;
- ✓ Autorização prévia do responsável;
- ✓ Observação de aulas;
- ✓ Questionários;
- ✓ Apresentação da metodologia;
- ✓ Aulas prática com a Webquest.

Fonte:Primária

“[...] o computador não é mais o instrumento que ensina o aprendiz, mas a ferramenta com a qual o aluno desenvolve algo, e, portanto, o aprendizado ocorre pelo fato de estar executando uma tarefa por intermédio do computador. (VALENTE. 1993, p.8)



Fonte Primária

Apêndice D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Orientação para Alunos)

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o processo de ensino e aprendizagem da escrita utilizando o mundo virtual com o auxílio da metodologia Webquest e está sendo desenvolvida pela pesquisadora MARIA PATRÍCIA PEREIRA CAVALCANTI com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonia Luna Lisboa, sob a orientação da Professor Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel.

O objetivo do estudo é desenvolver habilidades de pesquisa, de leitura e de produção textual por meio da proposta metodológica investigativa e direcionada da *webquest*, contribuindo desta forma para melhoria de habilidades supracitadas.

Solicitamos a sua colaboração para participar das atividades que serão propostas, executando as atividades que trabalharão competências consideradas importantes para o desenvolvimento de habilidades que contribuirão nas pesquisas, na escrita e na leitura do mundo virtual e como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica (se for o caso). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que esta pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor não é obrigado(a) fornecer informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Dado exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do Participante da pesquisa ou Responsável Legal

Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora MARIA PATRÍCIA PEREIRA CAVALCANTI.

Endereço (Setor de Trabalho): Rua Assis Chateaubriand S/N – 58297-000 – CENTRO-RIO TINTO/PB

Telefones: (83) 98849-7591

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB. Fone: (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

Apêndice E

TERMO DE ASSENTIMENTO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada WEBQUEST: uma metodologia para as aulas de língua portuguesa sob minha responsabilidade e do orientador Professor Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel, cujo objetivo é desenvolver habilidades de pesquisa, de leitura e de produção textual por meio da proposta metodológica investigativa e direcionada da *webquest*.

Para a realização deste trabalho, usaremos o(s) seguinte(s) método(s): de natureza etnográfica e de natureza netnográfica, constituindo-se de um amplo trabalho com as habilidades de pesquisa, de leitura e de produção textual utilizando os recursos da internet. As atividades serão organizadas em cinco etapas que servirão de subsídio para a composição e estruturação da presente pesquisa. Tais atividades objetivarão uma abordagem significativa, trabalhando a pesquisa, leitura e a escrita na internet. Serão utilizadas *webquest* de conteúdos que permeiam o cotidiano escolar dos discentes e que permitem uma interação sistematizada com o mundo digital. A resolução de uma *Webquest* permite que o aluno desenvolva um trabalho de pesquisa interativo e que possuindo um direcionamento para a efetivação das ações proposta na própria metodologia, todas essas ações terão a presença do pesquisador que norteará todo o processo. Convém ressaltar que o nome do aluno, assim como todos os dados que lhe identifiquem serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo.

Quanto aos riscos e desconfortos, afirmamos que os benefícios que esta pesquisa pode proporcionar são claramente superiores àqueles, mas destacamos que, pelo fato da coleta de dados implicar na execução de atividades que envolvem o uso da internet, não podemos registrar a possibilidade de algum constrangimento ou inibição dos alunos, diante de um processo avaliativo. Caso você venha a sentir algo dentro desses padrões, comunique à pesquisadora para que sejam tomadas as devidas providências, como: diálogo para a superação das dificuldades enfrentadas; redefinição de alguma estratégia didático-pedagógica que possa ter causado algum desconforto.

Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são: a formação de alunos capazes de refletir acerca dos componentes de pesquisa para o processo de leitura e escrita no mundo virtual de um melhor desempenho nos processos de aquisição e desenvolvimento da leitura e da escrita.

No curso da pesquisa você tem os seguintes direitos: a) garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; b) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento,

mesmo que seu pai ou responsável tenha consentido sua participação, sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); c) garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de dúvidas, você deverá falar com seu responsável, para que ele procure a pesquisadora responsável, Professora MARIA PATRÍCIA PEREIRA CAVALCANTI, a fim de resolver o seu problema. O endereço profissional da mesma é: Rua Assis Chateaubriand, S/N – 58297-000 – Centro – Rio Tinto/PB. Os telefones para contato são os seguintes: (83) 988497591.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Rio Tinto/PB, ____ de _____ de 2016.

Assentimento Livre e Esclarecido Eu _____ após ter recebido todos os esclarecimentos e assinado o TCLE, confirmo que o (a) menor _____ recebeu todos os esclarecimentos necessários, e concorda em participar desta pesquisa. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Rio Tinto/PB, ____ de ____ de 2016.

Assinatura do responsável

Assinatura do pesquisador

Apêndice F**ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTONIA LUNA****LISBOA**

ENDEREÇO: RUA ASSIS CHATEAUBRIAND S/N 58297-000
CENTRO – RIO TINTO – PB

CARTA DE ANUÊNCIA

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, do projeto de pesquisa a ser desenvolvido nesta instituição, que tem por objetivo geral desenvolver habilidades de pesquisa, de leitura e de produção textual por meio da proposta metodológica investigativa e direcionada da *webquest*. Promovendo, assim, um melhor desempenho em relação as habilidades supracitadas.

Tenho conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Também terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, podendo deixar de participar do estudo. Tenho consciência, ainda, que a participação nesta pesquisa não terá complicações legais. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos e desconforto aos participantes.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo, para fins exclusivamente de pesquisa, a utilização dos dados coletados. O registro das observações ficará à disposição da Universidade para outros estudos, sempre respeitando o caráter confidencial das informações registradas e o sigilo de identificação dos participantes. Os dados serão arquivados pela pesquisadora, e destruídos depois, decorrido o prazo de 05 (cinco) anos.

Os responsáveis por este projeto são: *Professor Doutor João Wandemberg Gonçalves Maciel* (UFPB) joaowandemberg@gmail.com e a *mestranda Maria Patrícia Pereira Cavalcanti* (UFPB) m.patricia.pc@hotmail.com.

Rio Tinto/PB, _____ de Março de 2016.

Nome da Instituição: ESCOLA M.DE E. FUND. ANTONIA LUNA LISBOA

Cristiane Freire Madruga

Diretora Escolar

Anexos

Anexo 1

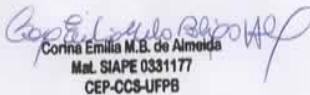


UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 4ª Reunião realizada no dia 19/05/2016, o Projeto de pesquisa intitulado: **“WEBQUEST: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA”**, da pesquisadora Maria Patrícia Pereira Cavalcanti. Prot. nº 0170/16. CAAE: 55342216.4.0000.5188.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à apresentação do resumo do estudo proposto à apreciação do Comitê.


Corina Emilia M.B. de Almeida
Mat. SIAPE 0331177
CEP-CCS-UFPB